



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

**‘Cuidado, perigo’: Como líderes políticos transformam crises em pânico moral**  
**Um estudo de caso sobre Jair Bolsonaro/Brasil e Rishi Sunak/Reino Unido**

Mariana Possari Librelotto

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:  
Professora Doutora Susana Santos, Investigadora Integrada,  
CIES.Iscte

Setembro, 2024

Departamento de Sociologia

**‘Cuidado, perigo’: Como líderes políticos transformam crises em pânico moral**  
**Um estudo de caso sobre Jair Bolsonaro/Brasil e Rishi Sunak/Reino Unido**

Mariana Possari Librelotto

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:  
Professora Doutora Susana Santos, Investigadora Integrada,  
CIES.Iscte

Setembro, 2024



## Agradecimento

Este é um sonho antigo, vivido e compartilhado com muitas pessoas queridas.

Sou muito grata aos meus pais por desde sempre apoiarem as minhas escolhas acadêmicas, mesmo sem entender aonde aquela profissão me levaria. Eles nunca duvidaram das minhas escolhas com 17 anos em ir para São Paulo e nem de vir para Portugal aos 25, depois de anos em um emprego estável. Eles são a minha constância e meu porto seguro, por isso serei eternamente agradecida.

Outra pessoa muito importante nesse processo foi a minha irmã Isabela, que acabou de se formar em Medicina. Apesar da distância e das mudanças que minha escolha trouxe em sua vida, ela nunca deixou de torcer por mim. Obrigada Bela por tornar a minha vida mais feliz!

À minha grande família, especialmente Vó Zeli, Dinha e Tia Ze, suas orações me tornaram mais forte. Sinto o amor e o cuidado de vocês em cada mensagem e ligação.

Aos meus colegas (Barbara, Catarina, Joana, Leonor e Ricardo), obrigada por tornarem este processo mais leve. A generosidade e acolhimento de vocês transformaram essa experiência de forma surpreendente.

À minha orientadora, Professora Susana, agradeço a abertura, respeito e condução na tese. E, principalmente, obrigada por sempre me deixar confortável em expressar as minhas ideias. A senhora sempre foi um exemplo de profissional e investigadora para mim, e fico muito feliz em ter tido sua mentoria.

Por fim, meu companheiro de vida Aldo. Você foi o meu ponto de equilíbrio, a pessoa com quem eu compartilhei as maiores dificuldades e alegrias. Mesmo nos meus piores cenários, você sempre soube que ficaria tudo bem. E ficou. Obrigada por acreditar no meu sonho e criar uma casa comigo.

Eu consegui!





## Resumo

A tese investigou como líderes políticos transformam crises em eventos de pânico moral, com foco nos casos de Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, e Rishi Sunak, ex-primeiro-ministro britânico. O conceito central de "pânico moral" é analisado como um fenômeno em que determinadas figuras políticas exploram medos e ameaças percebidas para transitar cenários de crise. O estudo foca nas estratégias narrativas utilizadas por esses líderes, especialmente através das redes sociais digitais, para amplificar temas sensíveis como o comunismo no Brasil e a imigração no Reino Unido. A pesquisa propõe que as plataformas digitais, como Instagram e X (antigo Twitter), desempenham um papel fundamental na disseminação e amplificação do pânico moral, criando um ambiente favorável à polarização e ao reforço das percepções de ameaça. A metodologia aplicada baseia-se na análise de redes sociais (Social Network Analysis - SNA), com foco nas interações digitais e na forma como os algoritmos contribuem para a propagação desses discursos.

Palavras-chave: 'pânico moral', 'empreendedor moral', 'Análise de Redes Sociais', 'algoritmo'

## Abstract

The thesis investigated how political leaders transform crises into events of moral panic, focusing on the cases of Jair Bolsonaro, former president of Brazil, and Rishi Sunak, former British prime minister. The central concept of "moral panic" is analyzed as a phenomenon where certain political figures exploit perceived fears and threats to navigate crisis situations. The study focuses on the narrative strategies used by these leaders, especially through digital social media, to amplify sensitive topics such as communism in Brazil and immigration in the United Kingdom. The research suggests that digital platforms like Instagram and X (formerly Twitter) play a fundamental role in the dissemination and amplification of moral panic, creating a favorable environment for polarization and reinforcing perceptions of threat. The applied methodology is based on Social Network Analysis (SNA), focusing on digital interactions and how algorithms contribute to the spread of these discourses.

Keywords: 'moral panic', 'moral entrepreneur', 'Social Networks Analysis', 'algorithm'

# Índice

Agradecimento .....	iii
Resumo.....	vi
Abstract .....	vii
Introdução .....	3
1. A lógica por trás do caos.....	8
1.1 A maldade está nos olhos de quem vê .....	10
1.2 De um pânico surgiu o ‘pânico’ .....	15
1.3 Os constrangimentos do digital .....	26
1.4 Os desafios em nomear algo ‘pânico moral’ .....	29
2. Metodologia.....	33
2.1 A construção de um empreendedor moral .....	33
2.2 A estruturação da pesquisa .....	42
3. Os insights da análise.....	51
3.1 A consistência bolsonarista .....	51
3.2 O populismo de Bolsonaro .....	67
3.3 A herança de Sunak.....	69
3.4 A volatilidade da identidade de Sunak .....	83
4. Percepções finais.....	88
Desafios e continuidade .....	93
5. Referências .....	96
6. Anexos .....	111

## Índice Figuras

Figura 1 Cloroquina.....	52
Figura 2 Cloroquina, tabela .....	52
Figura 3 Socialismo .....	54
Figura 4 Socialismo, últimos 5 anos.....	55
Figura 5 Comunismo .....	57
Figura 6 Comunismo, tabela .....	57
Figura 7 Alexandre de Moraes.....	61
Figura 8 Alexandre de Moraes, tabela 1 .....	61
Figura 9 Alexandre de Moraes, tabela 2 .....	61
Figura 10 Socialismo e Comunismo .....	64
Figura 11 Terrorismo.....	65
Figura 12 Terrorismo, tabela .....	65
Figura 13 Terrorismo, pesquisa de notícias .....	66
Figura 14 Terrorismo, pesquisa de notícias, tabela .....	66
Figura 15 Hinduísmo .....	69
Figura 16 Hinduísmo, tabela .....	70
Figura 17 Imigração .....	70
Figura 18 Imigração, tabela.....	71
Figura 19 Ruanda, Imigração, Illegal Migration Act 2023 e Imigração Clandestina .....	74
Figura 20 Ruanda.....	79
Figura 21 Ruanda, tabela .....	79
Figura 22 Rishi Sunak, tabela 1 .....	81
Figura 23 Rishi Sunak, tabela 2 .....	81
Figura 24 Rishi Sunak, tabela 3 .....	82
Figura 25 Imigração, Imigração Clandestina, Illegal Migration Act 2023 e Ruanda, até julho/2024 ..	85
Figura 26 Lula.....	92

## Introdução

Esta investigação parte do princípio de que o entendimento de algo como bom ou mau, aceitável ou não, certo ou errado, tornou-se uma diretriz comportamental, política e midiática. A necessidade em estabelecer 'rótulos' do que é permitido, a fim de controlar uma ameaça potencial, é uma estratégia recorrente e esperada de governança e de entretenimento. A diferença dos últimos anos é a criação de uma doutrina "either you are with us or against us", que busca ganhar o suporte popular pela eliminação de qualquer "gray zone of complexity" sobre a 'indignação moral', isto é, uma reação justificável ao comportamento e discurso de outras pessoas que violaram os princípios em ordem (Hervik, 2018, p.85-87). Não por menos, a palavra do ano escolhida pelo Oxford Languages (2016) foi "Post-truth", um adjetivo definido como "relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief". Identificou-se então uma intensificação de eventos que utilizaram uma determinada percepção de perigo para impor uma cultura de controle moral, como: a eleição do presidente Donald Trump nos Estados Unidos da América, a vitória do representante de direita Jair Bolsonaro no Brasil, o Brexit e o crescimento de partidos populistas pela Europa (Tony Blair Institute for Global Change, 2018).

Este imaginário onde qualquer coisa pode potencialmente ser transformada em um símbolo de diferença política e, por consequência, representar um perigo moral, foi intensificado pelas *affordances* das plataformas digitais, como as 'filter bubbles', que segundo Walsh (2020, p.845) estreitam os horizontes e aumentam a probabilidade do engajamento com conteúdos afetivos e ácidos ao amplificar os preconceitos e aversões dos usuários e, assim, incentivar o viés de confirmação e as relações sociais isomórficas. Devido a baixa exposição a ideias divergentes e o excesso de autonomia na criação de posts, viu-se aumentar a visibilidade de "reactionary forms of suspicion", especialmente durante a crise da COVID quando novas opiniões e conceitos concorreram para se prevalecer sob um cenário 'nunca visto antes' (Phelan, 2023, p.9, 14). Essa dinâmica ficou evidente após a Organização Mundial da Saúde (OMS) fazer o anúncio oficial sobre a pandemia, quando o assunto 'pânico' atingiu o seu pico de buscas no Google Trends mundo, o maior desde 2004 (Anexo 1). Enquanto este clima se estabelecia, cruzadas morais foram utilizadas para transitar a crise e o interesse nessa agenda também atraiu a busca por termos como 'cultura do cancelamento' (Anexo 2), que pode ser entendido como "collective strategies by activists using social pressures to achieve cultural ostracism of targets (someone or something) accused of offensive words or deeds" (Norris, 2021, p.141); no banco de dados de notícias da Factiva este padrão de atenção se repete: "'Cancel culture' recorded a mere 26 results in 2018. By 2019 it featured 1246 times, rising to 6576 in 2020, 14764 results in 2021, and dropping to 9947 results in 2022" (Phelan, 2023, p.6).

Estes comportamentos são um reflexo do que Beck (1992, p.24) nomeou de “sociedade do risco”, isto é, “the political potential of catastrophes. Averting and managing these can include a reorganization of power and authority. Risk society is a catastrophic society. In it the exceptional condition threatens to become the norm”. Segundo o autor, os mecanismos tradicionais de gestão, como o Estado e suas instituições, já não são adequados face às novas dinâmicas sociais participativas e a aceleração da modernização produziu um abismo entre os riscos quantificáveis (nos quais há um suporte entre pensamento e ação) e as inseguranças não quantificáveis a serem criadas na crise (Beck, 2002, p.40). Percebeu-se então como o ‘pânico moral’ pode ser um conceito lucrativo na “sociedade do risco”, devido a prevalência de ansiedades na conjuntura e o papel do empreendedor moral em “preventing the worst”, como o autor afirmou: “Manufactured uncertainties make society more reliant than ever on security and control (...) it is precisely the unknown which provoke the major conflicts over the definition and construction of political rules and responsibilities” (2008, p.6). Isso não quer dizer que em toda “sociedade do risco” haverá eventos de pânico moral, mas reforça a predisposição da sociedade moderna em recorrer a comportamentos típicos do conceito e a necessidade em entender sua origem a fim de projetar potenciais crises, especialmente se o movimento for estimulado por um representante político cujo status favorece a amplificação de narrativas e o estabelecimento de medidas concretas contra o “errado”. Neste contexto, percebeu-se que o elemento agregador entre o pânico e a moralidade foi a forma como a lógica dualista entre o bem e o mal foi explorada por certos políticos, na qual um ator atribuía a responsabilidade pelo cenário de crise a outro, por este representar uma ameaça à ordem existente ou àquela que, na sua opinião, deveria ser o *modus operandi*.

Pensando nessa lógica, a pergunta de partida da tese foi ‘de que forma líderes políticos transformam crises em pânico moral?’. A utilização de ‘crises’ está tradicionalmente associada à ideia de “a period in which a group’s uncertainty about itself is resolved in ritualistic confrontations between the deviant and the community’s official agents” (Cohen, 2002, p.219). Para tanto, identifica-se a necessidade de olhar as especificidades da demonização popular num determinado contexto sociocultural e histórico-político, a fim de entender a construção de crises pelo que está em risco para diferentes pessoas em tempos de incerteza e que fatores moldam essas incertezas (Frederiksen & Knudsen, 2021, p.58). Já a escolha do conceito de ‘pânico moral’ deve-se à aplicabilidade do mesmo em situações nas quais a reação social não parece se ajustar à realidade empírica. Como um conjunto de palavras, o elemento ‘moral’ sugere:

the presence of deeply held beliefs, of outrage at and fear of a perceived threat to a system of values that is understood as being intrinsic to the functioning of society. The invocation of morality casts events and episodes within a mode of good and evil (...) When something outside of us is bad or evil or dangerous it may allow us to create positive collective identities by defining ourselves in distinction to the people or circumstances that imperil the stability of our moral worlds (Falkof, 2018, p.230).

Enquanto que 'pânico' é relevante pois aborda:

(...) the intensity of public responses to contentious events. It connotes transferability: the epidemiological, even viral quality of these beliefs and the way in which they spread. Panic also points to the affective element to these scares: they are powerful because they make people feel things. Calling them panics suggests the anxiety, worry, concern and alarm that they invoke, the sense of urgency, the feeling that there is a risk to one's community and way of life and that something must be done about it before it has disastrous consequences (Falkof, 2018, p.231).

Nesse sentido, a tese teve como objetivo investigar como períodos de crise, caracterizados por disputas de auto-afirmação entre grupos, podem ser utilizados por empreendedores morais com poder político para criar eventos de preocupação extrema sobre uma percepção de ameaça aos princípios estruturantes da sociedade. Becker (1963, p.8-9) propôs que estes atores, também conhecidos como *moral crusaders*, tomam a iniciativa de empreender rótulos ao fazer regras cuja infração cria desvio e ao aplicar esses papéis a pessoas específicas e rotulá-las como outsiders. A partir disso deu-se a escolha pelo estudo de caso, que se baseou no ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro e no primeiro-ministro britânico Rishi Sunak. Levou-se em consideração a trajetória que ambos tiveram ao converter sua imagem de *outsider* para um empreendedor moral de sucesso, por ter o poder para estabelecer a sua noção de desvio em contramão ao *status quo* - de forma a serem considerados polêmicos, com falas absurdas e com rivalidades junto às demais instituições de Estado. Para o propósito desta tese, foi analisado como ambos exploraram pautas sensíveis aos seus constituintes em meio a uma crise, isto é, como a narrativa utilizada por eles sobre 'comunismo' e 'imigração', respectivamente, se ancorava em preocupações preexistentes com o tema e pretendia responsabilizar um grupo pelos problemas morais que a sociedade enfrentava. O período de análise do contexto teve início no ano no qual esses líderes políticos foram eleitos ao cargo máximo de poder em seu país, sendo 2018 para Bolsonaro e 2022 para Sunak. O término do prazo analisado estendeu-se para o final de julho de 2024 devido, principalmente, às votações na Inglaterra sobre a agenda migratória, após

uma série de adiamentos, e a convocação de eleições gerais; e a tramitação de seis investigações contra o ex-presidente brasileiro e sua rede de influência durante a campanha eleitoral municipal.

A primeira hipótese explorada, inclusive, foi 'Folk Devils que assumem o poder político criam uma rede mais suscetível ao pânico moral'. A decisão por esses atores deu-se também pela consideração dos diferentes formatos que o pânico moral foi acionado por cada um deles, como na comunicação direta via redes sociais ou em discursos públicos com ampla cobertura midiática, variando de acordo com as predisposições de cada país. Essas diferenças de contexto entre a sociedade brasileira e inglesa foi importante para demonstrar a versatilidade da aplicação do pânico moral em duas democracias consolidadas.

Para a metodologia, foram referenciados investigadores de *social networks* que enaltecem como a estrutura da comunicação em rede impacta o ambiente social do indivíduo, de forma a ampliar a percepção de ameaça e a identificação com líderes narrativos; dessa forma, a tese tem outra hipótese: 'o algoritmo das redes sociais (Instagram e X) e do Google contribuem para o pânico moral'. Isso porque percebeu-se como a arquitetura das plataformas digitais pode ser um elemento centralizador de elites políticas, por mais que haja a impressão de ser um meio no qual "everybody can speak simultaneously and be heard by everyone on the network" (p.21); o fato é que as redes sociais digitais servem como uma ferramenta centralizadora de temáticas, discursos e interesses, onde os nós com maior visibilidade continuarão a ter mais destaque que os demais ("rich are getting richer and the poor are getting poorer effect" (p.31)). Isso ocorre, pois "most peer networks have an underlying structure, where some people have more authority and influence than others" (p.26). Com isso, não é exclusivo ao observador selecionar qual evento é o mais atrativo, visto que essa "reinforcing structure of links on top" e "preferential attachment of users" agirão como um filtro orgânico dos eventos ao nutrir os hubs mais 'populares' - fator este utilizado no artigo de forma a delimitar os 'pânicos morais' estudados, com base em picos de busca no Google Trends, Trending Topics no X (antigo Twitter) e volume de interações no Instagram (van Dijk & Hacker, 2018, p.21-31).

Ao escolher como objeto de estudo políticos reconhecidos internacionalmente, percebe-se a posição privilegiada que eles desempenham na liderança de uma rede; portanto, outros filtros foram aplicados a estes pontos de destaque. O primeiro é o contexto, um direcionamento para assuntos que tenham associações a gatilhos e ansiedades estruturais; que tenham sido identificados como um problema anteriormente, mas que foi amplificado por esses empreendedores morais ao identificarem um responsável. O segundo trata-se da análise de conteúdo, onde a narrativa será destrinchada de acordo

com os símbolos promovidos e termos utilizados; por se tratar de um estudo com empreendedores morais, o foco deu-se às falas que replicam a ideia de “nós” versus “eles”, “bem” contra o “mal”, na qual um necessita do outro para estabelecer seu significado.

Por fim, após a aplicação da teoria em cada caso escolhido, concluiu-se que a visão de que ‘pânico moral’ implica loucura ou distanciamento factual é errônea e os eventos categorizados como tal apresentam uma alta complexidade em sua construção, com necessidade por coerência, constância e frequência de seus empreendedores no relacionamento com sua rede. Com isso, percebeu-se a importância em monitorar atores e agendas sensíveis a fim de antecipar ações coordenadas por mudanças.

## 1. A lógica por trás do caos

Ao longo dos anos, a literatura de pânico moral caracterizou-se, principalmente, pelo enfoque no modelo de processos (“step-by-step”) ou por uma lista de atributos que irão caracterizar padrões reacionais de desvio e empreendimento (Falkof, 2018, p.232). O modelo original e as reformulações propostas ao longo das décadas introduziram noções essenciais para o estudo de ‘problemas sociais’. Com a proliferação e fragmentação da comunicação em massa, a multiplicidade de vozes no digital sob a conjuntura dos algoritmos e o aumento da complexidade nas forças de poder que competem e contestam o significado de questões sociais, há uma busca por uma melhor adequação do termo às novas realidades. A ideia de pânico moral acaba por se afastar de um modelo fixo e homogêneo, a fim de agregar o contexto sobrecarregado de narrativas concorrentes e riscos constantes.

Tradicionalmente, os estudiosos de pânico tendem a culpar a “ansiedade social” ou a “insegurança ontológica” pela incidência desse evento. Mas, em uma época em que essas emoções se tornaram uma predisposição da conduta social, considera-se que todos os atores estão suscetíveis a algum grau de sensibilização ao pânico - sem, necessariamente, ser um ‘pânico moral’. Seu uso está em constante aplicação em estudos que buscam desvendar conflitos sociais voláteis que dão origem a práticas de exclusão (Wright Monod, 2017, p.4-5). A questão é que o conceito é mais seletivo do que a mídia tende a reportar e ocorre, de fato, em apenas alguns espaços e em relação a coisas específicas. Levando isso em consideração, a definição de pânico moral escolhida para orientar a tese é do Online Dictionary of the Social Sciences, no qual o termo:

Suggests a panic or overreaction to forms of deviance or wrong doing believed to be threats to the moral order. Moral panics are usually framed by the media and led by community leaders or groups intent on changing laws or practices. Sociologists are less interested in the validity of the claims made during moral panics than they are in the dynamics of social change and the organizational strategies of moral entrepreneurs. Moral panics gather converts because they touch on people’s fears and because they also use specific events or problems as symbols of what many feel to represent “all that is wrong with the nation”. (Drislane & Parkinson, 2002)

A partir desta abordagem entende-se: primeiro, risco e pânico moral têm lógicas distintas e está intrínseco ao pânico moral a ideia de que, ao considerar algo como uma ameaça, necessita-se de um responsável/culpado pela situação; segundo, o papel da mídia em enquadrar os problemas pode ser feito, em partes, pelos próprios ‘líderes comunitários’ ao agirem como empreendedores morais nas redes sociais; terceiro, a veracidade das informações não é um fator determinante para a análise,

especialmente no estudo do ambiente digital, uma vez que o foco será a amplificação de percepções ao nível de um pânico moral para uma rede; quarto, nem todo pânico à uma ameaça é um pânico moral, visto a implicação da moralidade como causa para tal reação, por exemplo em casos ancorados na perspectiva de padrões de bom ou mau comportamento.

Dessa forma, a escolha do conceito central de ‘pânico moral’ parte do significado que o conjunto de palavras representa como um único termo, no qual será considerado moralidade “the thing that is feared poses a threat to an established order or a group identity that is seen as ‘good’” e pânico “the thing that is feared is amplified via an affect driven collective response that increases in intensity as it spreads” (Falkof, 2018, p.234-235). Isso porque, muitos críticos enfatizam a ideia de ‘pânico’, como reações desproporcionais, sem fundamentos e imaginadas, porém “mass hysteria or psychosis is not so much at issue in moral panics ‘because the subjects of a moral panic are able to analyse the causes of their distress and are adamant about the values they seek to defend’” (Frederiksen & Knudsen, 2021, p.57). Ao invés, propõe-se observar a construção do conjunto moral de ‘certo e errado’ pelos processos ordenados de um empreendimento, que leva a coletividade a agir de forma coordenada. Por conta do papel que os antagonismos têm na criação do conceito analisado, uma vez que a narrativa se edifica nas identidades da oposição, a tese considerou ‘desvio’, ‘empreendedorismo moral’, ‘folk devils’ e ‘pânico moral’ como conceitos complementares.

When it is pointed out what society is not, it correspondingly tells us what society should be. When the normal order is perceived as under threat, it defines and clarifies that very normality, by showing what is deviant and different. The idea of ‘us’ does not have the same strength if there is no ‘them’. By maintaining and developing categories of ‘the other’ as a symbol of evil, ideas of the devil also serve the very purpose to create and maintain that very society, the boundaries of society and the perception of order. (Frederiksen & Knudsen, 2021, p.13)

Nesse sentido, a dinâmica proposta por certos autores clássicos ainda serve de base interpretativa para a tese, como a noção de desvio descrito por Becker (1963) e como ela contribui para a elevação da identificação de afrontas morais pelo empreendimento de constrangimentos. Após a investigação deste ponto, o capítulo aborda o desenvolvimento do termo ‘pânico moral’, no qual Cohen (2002) “theorize moral panics as cultural control mechanisms that function to reinforce if not propagate a single (dominant, conservative) social order”, enquanto Hall e seus colegas do Centro de Estudos Culturais irão defender a ideia de “‘suffusive social processes’ linking the interests of the state and civil society through the ideological components of common sense” (Hier, 2018, p.2).

Devido aos constantes ruídos de perigo ao longo dos anos e a multiplicidade de vozes concorrendo para estabelecer a sua preocupação como central, percebe-se que nem sempre o pânico moral é uma questão de causalidade linear e a disputa narrativa de significados e símbolos cria uma 'dimensão' de gatilhos e links entre crises (Frederiksen & Knudsen, 2021, p.8). Com isso, há uma tendência a se referir ao tema como um framework de regulação explorada por empreendedores morais e *folk devils* (Hier, 2015, p.367). Sendo assim, depois de observar o uso da mídia nos processos rotineiros de gatilhos do fenômeno, argumentou-se sobre o impacto das redes sociais online e de suas 'funcionalidades agregadoras' na disseminação de alertas e novas perspectivas de ameaça, partindo do contexto:

The strength of the old models of moral panic was that they marked the connection between 'the media' and 'social control'. But, nowadays, most political strategies are media strategies (...) the importance of empowering folk devils so that they or their representatives can challenge the cycle of sanctions and social control. Pressure groups, lobbies, self-help and interest groups have sprung up across the country and effectively positioned themselves as authoritative sources of comment and criticism. They now contribute to the shape of public debate, playing a major role in contesting what they perceive as dangerous stereotypes and popular misconceptions. (McRobbie & Thornton, 1995, p. 571, 572)

### **1.1 A maldade está nos olhos de quem vê**

Quando a capacidade de gerenciar riscos excede a estrutura existente de análise, nota-se uma predisposição das classes dominantes para que sua urgência seja atendida e a ordem preservada. Assim como o cenário atual descrito anteriormente, na década de 60 e 70 na Inglaterra ocorreram mudanças massivas no sistema de valores e nas relações de produção de significado, impulsionadas pela quebra da hegemonia cultural de certas elites e a ascensão de outras classes sociais na política (Hall & Jefferson, 1976, p.40). Este contexto impulsionou na academia a 'sociologia do desvio', considerada como uma alternativa para auxiliar a sociedade a lidar com aquilo que considerava turbulento ao impor rótulos de conduta; ainda hoje, sua aplicação é retomada em períodos de 'crise', no qual um empreendimento é feito seja para identificar um desvio ou criar uma regra para resolvê-lo (Becker, 1963, p.1).

All social groups make rules and attempt, at some times and under some circumstances, to enforce them. Social rules define situations and the kinds of behavior appropriate to them, specifying some actions as "right" and forbidding others as "wrong." When a rule is enforced, the person who is supposed to have broken it may be seen as a special kind of person, one who cannot be trusted to live by the rules agreed on by the group. He is regarded as an

outsider. But the person who is thus labeled an outsider may have a different view of the matter. He may not accept the rule by which he is being judged and may not regard those who judge him as either competent or legitimately entitled to do so. Hence, a second meaning of the term emerges: the rule breaker may feel his judges are outsiders. (Becker, 1963, p.2)

Atos que ultrapassam as regras sociais do que é aceito, entendido como correto ou até mesmo o que é permitido legalmente, trazem uma carga desafiante superior a simples manifestações de indignação social. Nesse sentido, a transgressão não é algo exclusivo ao ato cometido ou intrínseco à uma característica específica de um ator (como grau de educação, origem, idade ou gênero), mas sim a processos de julgamentos que envolvem disputas em torno de objetivos de grupos específicos contra um “infrator”; e o empreendedor moral será o catalisador da necessidade de preservação do cenário, ao direcionar essas aflições coletivas contra um outsider apontado por ele como o responsável pelo problema. Além da proposta de Becker (1963), outras formas de empreendimentos foram reconhecidas à época, como o ‘policy entrepreneur’ (promove novas formas de ações governamentais), o ‘social entrepreneur’ (enfrenta problemas cívicos de forma inovadora) e o ‘norm entrepreneur’ (muda a forma como a sociedade pensa ou se comporta) (Pozen, 2008, p.283). Outras versões mais modernas do termo incluem o ‘ideological entrepreneur’, referido por Phelan (2023, p.17) como um “archetypal culture war figures who are able to use the affordances of digital culture ‘to flourish apart from a political party or regulated journalistic outlet, earning a living directly from the promotion of a political world-view’”.

Para completar o empreendimento, muitos atores acabam por se sobrepor em diversas categorias de ação; segundo Pozen (2008, p.317), isso ocorre devido a amplitude dos conceitos iniciais, cujo reconhecimento supera às versões mais específicas pois este “force the author and reader to make a considered judgment about whether the label really does describe the subject in question”. Nesse sentido, a ideia de Becker continua a ser aplicada pela flexibilidade teórica que apresenta, sendo a opção mais adequada em casos como o da tese com alta complexidade de dinâmicas sociais. Considera-se então o pânico moral como o objetivo do empreendimento dos políticos escolhidos, de forma que sua atuação e narrativa pode variar, mas a essência de suas ações será a mudança do desvio.

Para justificar a vantagem de certos atores em impor os seus interesses sob a maioria, o autor destaca a importância de se criar e manter regras, isto é, instrumentos de denúncia pública de uma infração por parametrizar o que é certo ou errado. Segundo ele, isso faz parte do processo político da

sociedade, uma vez que as cruzadas morais são comumente dominadas por aqueles que controlam as forças de poder e utilizam o aparato estatal para aplicá-las (Becker, 1963, p.133, 149, 162).

But it is harder in practice than it appears to be in theory to specify what is functional and what is dysfunctional for a society or social group. The question of what the purpose or goal (function) of a group is and, consequently, what things will help or hinder the achievement of that purpose, is very often a political question. Factions within the group disagree and maneuver to have their own definition of the group's function accepted. The function of the group or organization, then, is decided in political conflict, not given in the nature of the organization. If this is true, then it is likewise true that the questions of what rules are to be enforced, what behavior is regarded as deviant, and which people labeled as outsiders must also be regarded as political. The functional view of deviance, by ignoring the political aspect of the phenomenon, limits our understanding. (Becker, 1963, p.7)

Com isso, o autor destaca o transnacionalismo do desvio às disputas políticas pelo poder de selecionar quais regras serão impostas para condicionar o caso como um problema social; de apontar quais comportamentos serão desviantes; e de escolher o grupo de outsiders de acordo com sua agenda moral. Pensando nisso, haveria duas formas pelas quais o empreendedor moral poderia atuar para estabelecer o seu pacote de valores na sociedade, como “criador de regras” (reformista/ cruzado moral) e “impositor de regras” (agente de controle). De acordo com o autor, o primeiro tenta promulgar novos modelos morais e, assim, mudar o que é atribuído como desvio; ele está interessado no conteúdo das regras e no seu poder de corrigir o “mal” (Becker, 1963, p.146).

O segundo atua para administrar e impor os padrões estabelecidos pelo primeiro, a fim de satisfazer dois interesses principais: justificar sua ocupação (importância) e a conquista do respeito das pessoas (p.156). Sem se importar com o conteúdo das regras, tende a desenvolver sua própria avaliação sobre a importância das infrações. A imposição seria seletiva e alguém poderia ser rotulado como desviante por desrespeitar o aplicador da regra mesmo sem descumprir com o valor que ela representa. Percebeu-se como o status social superior pode facilitar o estabelecimento de um senso de ‘vontade geral’ contra a ameaça à estabilidade por aqueles que buscam mudar a conjuntura, por existir uma estrutura hegemônica de influência e imposição. Por exemplo, a proximidade e identificação dos militares brasileiros com o ex-presidente Bolsonaro, por ser um capitão reformado do Exército e defender a categoria em diversas votações parlamentares, interferiu o processo de imposição de regras pelas Forças Armadas, cujos representantes permitiram a passagem de apoiadores radicais do ex-presidente críticos ao governo de Lula na invasão ao Congresso Nacional (G1, 2023). Este exemplo

é pertinente para entender ainda como um empreendedor moral, como Bolsonaro, pode continuar a exercer influência sob a institucionalização das regras mesmo após sua derrota nas eleições; outro ponto, é a influência que regras informais podem ter sob regras formais, como a “camaradagem” entre aqueles que serviram ao Exército.

Percebeu-se então que os conceitos e descrições de desvio não devem ser considerados como garantidos, mesmo quando exercidos por certos grupos poderosos da sociedade, pois a imposição de regras não é automática e pode haver o desalinhamento entre as duas frentes do empreendedorismo moral. Segundo a proposta do autor, um dos principais fatores de uma cruzada moral bem-sucedida é justamente o “establishment of a new rule or set of rules, usually with the appropriate enforcement machinery being provided at the same time”. Ou seja, “with the establishment of organizations of rule enforcers, the crusade becomes institutionalized. What started out as a drive to convince the world of the moral necessity of a new rule finally becomes an organization devoted to the enforcement of the rule” (Becker, 1963, p.152-155). Quando a cruzada produz uma organização dedicada à sua causa, os dirigentes da instituição tendem a procurar novas causas para defender, assim como o empreendedor costuma generalizar o seu interesse e descobrir algo novo para ver com alarme, um novo mal sobre o qual algo deveria ser feito: “He becomes a professional discoverer of wrongs to be righted, of situations requiring new rules” (Becker, 1963, p.153).

Nesse sentido, uma cruzada não irá terminar apenas com o estabelecimento de uma regra formal ou informal, mas atingirá o patamar desejado pelo empreendedor moral em determinados atos de execução para consolidar os novos outsiders (Becker, 1963, p.133). Esse processo, por sua vez, seria possível pela resposta de outras pessoas, que devem compartilhar da percepção do caso como problemático. O objeto de estudo na reação social contribuiu para entender as variações no grau do desvio feito de acordo com o momento, com quem comete e quem será afetado e o valor dado à regra quebrada.

(...) deviance is not a simple quality, present in some kinds of behavior and absent in others. Rather, it is the product of a process which involves responses of other people to the behavior. The same behavior may be an infraction of the rules at one time and not at another; may be an infraction when committed by one person, but not when committed by another; Some rules are broken with impunity, others are not. In short, whether a given act is deviant or not depends in part on the nature of the act (that is, whether or not it violates some rule) and in part on what other people do about it. (Becker, 1963, p.14)

Outro autor a explorar a natureza complexa da resposta social ao desvio e a forma como tais respostas afetam o comportamento foi Lemert (1967). Ele sugere uma avaliação do desvio entre primário e secundário, sendo o primeiro o comportamento que se afasta de uma norma social, mas, embora possa ser problemático, não produz uma reorganização simbólica e causa apenas implicações marginais à estrutura da pessoa preocupada, sem a incorporação do desvio na identidade do indivíduo:

Resultant problems are dealt with reciprocally in the context of established status relationships. This is done either through normalization, in which deviance is perceived as normal variation a problem of everyday life or through management and nominal controls which do not seriously impede basic accommodations people make to get along with each other. (Lemert, 1967, p.40)

Com isso, o desvio primário não leva a um rótulo permanente por parte de observadores externos ou a uma autoconcepção desviante por parte do infrator. Apesar do enfoque mais brando a esta categoria, ela se mostra estratégica ao atual contexto de mudanças constantes, altos níveis de incerteza e interdependência, no qual qualquer ameaça de desvio teria um impacto desproporcional à conjuntura sem os processos de normalização de certas variações comportamentais. Em uma 'sociedade do risco', "marcada pela percepção de que a modernidade aumenta a exposição da coletividade a perigos" a tendência é que os responsáveis pela categorização dos problemas/ameaças impõe a sua percepção individual na execução dos processos, fazendo com que haja uma "percepção hegemônica de que a causa de certos problemas sociais estaria nos esforços insuficientes para controlar os 'desviantes' e que a melhor solução estaria em ampliar esses esforços", generalizando a noção de perigo e alocando a culpa em um responsável, como um desvio secundário (Miskolci, 2007, p.113).

Secondary deviation refers to a special class of socially defined responses which people make to problems created by the societal reaction to their deviance. These problems are essentially moral problems which revolve around stigmatization, punishments, segregation, and social control. Their general effect is to differentiate the symbolic and interactional environment to which the person responds, so that early or adult socialization is categorically affected. They become central facts of existence for those experiencing them, altering psychic structure, producing specialized organization of social roles and self-regarding attitudes. Actions which have these roles and self attitudes as their referents make up secondary deviance. The secondary deviant, as opposed to his actions, is a person whose life and identity are organized around the facts of deviance. (Lemert, 1967, p.40-41)

O desvio secundário vai além de uma simples violação das normas sociais, por resultar no realinhamento do autoconceito de um indivíduo com o próprio desvio ou com um subgrupo que é considerado desviante em relação às normas sociais. Como consequência, identifica-se a potencial violação contínua das normas e eventual auto-identificação com comportamentos e grupos existentes fora do *mainstream*, ou seja, não-convencionais à estrutura dominante (Cullen & Wilcox, 2010, p.551-552). O indivíduo pode ser capaz de racionalizar o rótulo dado a ele, ao empregar o desvio como meio de defesa, ataque ou ajuste aos problemas criados pela reação da sociedade a ele, confirmando a ideia de que o desvio, em certo sentido, “emerges and is stabilized as an artefact of social control” (Cohen, 2002, p.8). Vale destacar, porém, que nem todos os grupos ou atos serão uma ameaça à conjuntura por cometer o desvio uma vez; o que será levado em consideração na qualificação do desvio é o gatilho acionado no processo (cuja temática pode variar de acordo com a percepção dos representantes no poder) e a capacidade de certas pessoas em sustentar um padrão de desvio durante um longo período de tempo, tornando-o um modo de vida, ao organizar a sua identidade em torno de reivindicar aquilo que é convencional (Becker, 1963, p.30).

## **1.2 De um pânico surgiu o ‘pânico’**

Um ponto a se considerar no estudo do desvio é o potencial de empreendedores morais desenvolverem pânicos ao lançarem cruzadas. Até o momento, a noção de pânico estava associada à atuação dos empreendedores em criar ‘cruzadas morais’, organizadas em torno de valores “apelativos para pessoas que se sentem ameaçadas pela suposta ruptura da ordem social”, em especial pelo descumprimento das regras. Este movimento seria estruturado e deliberado, sem a necessidade da preocupação social difundida para poder realizar uma ação de combate ao desvio. Porém, “If we have posited widespread concern, in principle that concern could have been triggered by a variety of sources. It cannot, by definition, be a conscious creation of activists”. Nesse sentido, o desenvolvimento do conceito de pânico moral traz a ideia de fases reacionais, marcada inicialmente pela desordem e a percepção generalizada de uma ameaça desproporcional à realidade. Assim sendo, “pânico moral e cruzadas morais são conceitos que, embora possam coincidir, não se sobrepõem” (Machado, 2004, p.67; Goode & Ben-Yehuda, 1994, p.154).

Apesar de mais recente, a versão desenvolvida por Goode e Ben-Yehuda (1994, p.156-159) exemplifica com apenas cinco atributos as características essenciais de um pânico moral, sendo uma introdução mais simplificada à discussão do tema. Segundo eles, o foco está nos fatores: 1) preocupação sobre um comportamento ou um grupo específico e o impacto que isso supostamente causa no resto da

sociedade; 2) hostilidade sobre as pessoas que simbolizam ou realizam este comportamento ameaçador; 3) consenso sobre as causas e soluções ao problema, sem oposição significativa - isso não significa que não há uma disputa pelas definições públicas de perigo/mal, mas que há uma ressonância entre segmentos do público e da elite; 4) desproporcionalidade em comparação com a ameaça objetiva; e 5) volatilidade, uma vez que provavelmente aparecerá de repente e terá curta duração. A fim de entender a temporalidade (por que agora?), a caracterização (por que este assunto e não outro?) e o impacto (para quem isso é importante?) de certos eventos como pânico moral, enquanto outros com condições semelhantes não recebem a mesma preocupação exagerada, os autores interpretam as teorias de pânico moral em duas dimensões, sendo a primeira moralidade versus interesses e a segunda elitismo versus *grassroots* (pessoas comuns).

A primeira trata do motivo. Se a preocupação e o ativismo se unem em torno de uma determinada moralidade, isto é, princípios que estruturam atitudes e sentimentos sobre uma visão de mundo, ou porque os atores podem se beneficiar com algo de valor ao engajar no processo - como empregos, poder, recursos, respeitabilidade e riqueza. E em segundo lugar questiona-se os atores envolvidos no processo, no qual o pânico pode começar no topo da hierarquia de status ou de baixo e ir progredindo. Na visão dos autores, dificilmente as elites geram um pânico moral a partir de sentimentos profundos de ideologia e moralidade, independentemente de seus interesses materiais, e por isso seria um exemplo teórico pouco provável (Goode e Ben-Yehuda, 1994, p.159). Na prática, porém, percebe-se a expansão desta categoria na qual a vitória moral por si só traria benefícios aos seus membros, de forma que a separação de um evento motivado pelo interesse em 'algo de valor' torna-se insignificante; isso porque a ideologia pode estar acompanhada de simbolismos como o "cidadão de bem" usado por populistas, cuja aplicação traz notoriedade e status indireto.

O que é válido desta argumentação à tese é a necessidade de atenção a classificação errônea de certos eventos, em partes pelo uso coloquial de 'pânico moral' na mídia; para ser considerado propriamente como um 'pânico moral', a mobilização social deve ser estimulada pela urgência em agir contra uma ameaça à ordem. No exemplo brasileiro estudado, isso foi alcançado após a vitória de um representante de esquerda nas eleições presidenciais, cujas propostas e trajetória política indicavam o término da 'reconstrução' dos valores "Deus, pátria e família" propostos por Bolsonaro depois de anos sem um líder de direita no país (Veiga, 2022). A insatisfação foi tanta que motivou alguns de seus apoiadores a invadir as instituições federais na capital do país. Essa reação foi impulsionada ainda pela inelegibilidade de Bolsonaro por oito anos, devido à prática de abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação durante reunião com embaixadores estrangeiros (Tribunal Superior

Eleitoral, 2023). No evento, ele “repetiu suspeitas, que foram desmentidas por órgãos oficiais, sobre as eleições de 2018 e a segurança das urnas eletrônicas” além de atacar Lula “que até então era candidato na corrida presidencial e que aparecia como primeiro colocado em todas as pesquisas de intenção de voto” (Petró, 2023). Em muitas ocasiões a motivação moral do ex-presidente não o trouxe benefícios direto e imediato, mas consolidou a sua dedicação à agenda de valores conservadores contra o ‘comunismo’ da esquerda.

Na situação inglesa, Sunak afirma que os refugiados na Inglaterra estão ameaçados por organizações criminosas de transporte marítimo que os levam ilegalmente de barco até o país; sua proposta é proteger esse grupo por meio da ‘Rwanda bill’, que enviaria requerentes de asilo para o respectivo país africano. Aos especialistas na área, essa estratégia política para controlar o aumento de imigrantes é vista como uma afronta ao direito internacional ao envolver um terceiro país como asilo de processos pendentes e que poderá servir de residência alternativa para aqueles cujo pedido tenha sido negado pela Inglaterra<sup>1</sup> (Gov.Uk, 2024). Ao fazer isso, porém, o parlamentar reforça seu posicionamento de direita, em uma agenda na qual seus antecessores tentaram avançar sem sucesso, e busca resolver a ‘crise migratória ilegal’ ao defender um novo local de moradia para esses grupos vulneráveis.

Percebe-se então que uma teoria atribucional pode ser limitadora ao estudo; mesmo que a caracterização processual possa variar, ela permite ao observador questionar o contexto por trás dos atributos do pânico moral, ao entender os passos de reação neste evento.

(...) in practice, it is the processual model that grasps the common features between panics (an issue emerges as a threat, moral entrepreneurs support it, experts pronounce diagnoses and the state institutes repressive measures) whereas some of the attributes of Good and Ben-Yehuda’s model have proved problematic (concern and consensus, in particular, are noted to be difficult to measure). Moreover, Cohen’s (1972) model is the most employed and best understood within the panic literature. (Wright Monod, 2017, p.23)

Portanto, levou-se em consideração a proposta de Cohen (2002) no livro “Folk Devils and Moral Panics”, na qual ele utiliza o termo para caracterizar a reação “exagerada” de determinados atores em setores estruturantes da sociedade a certos distúrbios na agenda moral. De forma geral, o autor argumenta que um pânico moral resulta da identificação e responsabilização de alguém ou algo pela

---

<sup>1</sup> UK passes bill to send asylum seekers to Rwanda. (2024, Abril 23). *The Guardian*.

<https://www.theguardian.com/uk-news/2024/apr/22/rwanda-deportations-bill-passes-parliament-sunak>

ameaça aos valores e interesses preestabelecidos da sociedade. A fundamentação dessa percepção tende a estar distante do risco factual, isso porque as reações de instituições de poder, como os meios de comunicação social e as autoridades políticas, são desproporcionais ao perigo real e tendem a amplificar a retórica a fim de obter controle. Em resposta, são criados “demônios populares” (*folk devils*), estereótipos desviantes que identificam o inimigo, criando um cenário de ansiedade generalizada, ancorada em um mal-estar social mais amplo que deve ser resolvido. Os *folk devils* seriam então construídos pela ordem dominante em um processo de repetição, no qual a ameaça “imaginada” na cruzada moral se tornaria realidade. O tema do pânico pode ser bastante novo ou algo que já existe há muito tempo, mas que ressurge no centro das atenções. Isso se deve ao fato de que mesmo quando o pânico passa, ele ainda está armazenado nos símbolos do folclore e na memória coletiva; outras vezes, tem repercussões mais graves e duradouras e pode produzir mudanças na conjuntura legislativa e social (p.9).

What is clear in all these studies is that not only is the devil a potent symbol; it is also an extremely malleable figure in terms of what or who it connects to. Invoking the devil brings together perceptions of good and evil, right and wrong, self and other, and it reveals historically embedded or newly emerging antagonisms and stereotypes. (Frederiksen & Knudsen, 2021, p.11)

Apesar do título do livro, o enfoque dado aos *folk devils* por Cohen foi mínimo perto da discussão sobre pânico moral, em partes por sua “interactionist perspective, which focuses on how dominant actors in society label certain other actors as deviant and delinquent, rather than on how the latter respond to such labelling”. Para os propósitos desta investigação, foram considerados os avanços acadêmicos na análise do tema no qual considera-se a ideia de que “moral panics are contested phenomena in which folk devils frequently ‘fight back’ and sometimes even act as ‘provocateurs’ who intentionally initiate social reactions” (Frederiksen & Knudsen, 2021, p.27-28). Uma das hipóteses a ser explorada, inclusive, foi “Folk Devils que assumem o poder político criam uma rede mais suscetível ao pânico moral”.

Como mencionado, a principal temática abordada por Cohen foi sobre o ‘ciclo vital’ do pânico moral, na qual ele propõe uma analogia entre reações sequenciais típicas deste evento com as fases da reação social às catástrofes naturais, sendo uma fase de inventário do problema, uma fase de significação e uma fase de ação (Machado, 2004, p.61). A correspondência entre os casos se baseia no princípio de que é mais provável que os acontecimentos sejam percebidos como ameaças fundamentais e dêem origem a pânicos morais se a sociedade, ou algum ator estruturante dela, estiver

em crise ou a se sentir perturbado pelas mudanças. A resposta a tais ameaças “is likely to be a demand for greater social regulation or control and a demand for a return to ‘traditional’ values” (Thompson, 1998, p.8). Percebe-se então que os agentes principais do pânico moral envolvidos nesses estágios são: a mídia, os empreendedores morais, a cultura de controle e o público (Critcher, 2017, p.3).

O primeiro passo seria marcado pelo balanço do que aconteceu e de seu impacto. A mídia participaria como o meio pelo qual esse conjunto de rumores e percepções públicas desorganizadas seriam estruturadas a fim de interpretar o problema através de “‘inferential structures’ to explain what the behavior was like, who perpetrated it, and why it happened” (Critcher, 2017, p.3). A forma inicial como o evento central é enquadrado determinará as informações que a população terá para validar o caso, uma vez que “once a dominant perception is established the tendency is to assimilate all subsequent happenings to it (...) incidents which would not have been defined as unusual or worthy of attention ... acquired a new meaning” (Cohen, 2002, p.173). Para o período, o simples tratamento pelos holofotes midiáticos indicaria uma elevação no status do problema como algo digno da preocupação social, sendo um processo simbólico de designação do desvio. Sendo assim, observou-se na fase de inventário a necessidade de categorizar o Exagero e Distorção, Previsão e Simbolização a fim de entender “‘processed or coded images’ of deviance and the deviants” (Critcher, 2017, p.3). Ou seja, a frequência que o evento será reportado e a intensidade como será descrito pode gerar uma percepção errônea sobre a ameaça (Exagero e Distorção) na qual “what had happened was inevitably going to happen again” (Previsão), criando um efeito cumulativo de ansiedades sobre determinados símbolos (por exemplo, palavras e estilos) construídos no processo (Simbolização). Este estágio de reconhecimento de símbolos é descrito por Cohen como crucial para a cristalização dos demônios populares no pânico moral; a priori, a estigmatização pode ocorrer de forma exagerada e distorcida, com possibilidade de ser desenvolvida e desencadear uma sequência de amplificação (Cohen, 2002, p.10, 35-40, 178).

(...) their very reporting of certain ‘facts’ can be sufficient to generate concern, anxiety, indignation or panic (...) Of course, the outcome might not be as definite as the actual creation of new rules or the more rigid enforcement of existing ones. (...) Less concretely, the media might leave behind a diffuse feeling of anxiety about the situation: ‘something should be done about it’, ‘where will it end?’ or ‘this sort of thing can’t go on forever’. Such vague feelings are crucial in laying the ground for further enterprise (...) the media play on the normative concerns of the public and by thrusting certain moral directives into the universe of discourse, can create social problems suddenly and dramatically. This potential is consciously exploited

by those whom Becker calls 'moral entrepreneurs' to aid them in their attempt to win public support. (Cohen, 2002, p.10)

Após o choque inicial a um evento, há uma tentativa de dar sentido ao que aconteceu. A segunda etapa será marcada pela assimilação das predisposições do público às crenças ou delírios cognitivos transmitidos pelos meios de comunicação de massa. Por meio de um "parallel belief system", passa-se a dar significado ao problema em termo das propensões dos grupos sociais: "one perceives and selects according to certain orientations already in existence and then, what is perceived is shaped and absorbed into more enduring clusters of attitudes". Nesta fase, configuram-se também as atitudes face aos agentes da desordem, pela construção dos atributos do desvio, frequentemente baseados em estereótipos preconcebidos - reforçando a ideia de que os rótulos não são inventados após um descumprimento moral, mas fazem parte de um conjunto de imagens preexistentes do Mal (Cohen, 2002, p.46-49, 87, 76).

Uma crítica recorrente a essa literatura é a sensação de que os pânicos morais estão se sucedendo mais rapidamente e, com isso, tornaram-se um termo coloquial para referenciar qualquer ato de insatisfação e revolta. O fato é que os temas acionados tendem a envolver grupos "structurally vulnerable to social control", com participação regular no escopo de preocupações sociais, de forma a aparentar ser difundido o suficiente para que tenha um efeito generalizado sobre a opinião pública. Porém, ao ser feita por um empreendedor moral, essa classificação de pânico e desvio terá interferência de suas próprias crenças e não necessariamente refletirá o real engajamento e desafio por trás daquela empreitada - um dos motivos pelos quais nem todos os empreendimentos ou empreendedores têm êxito, mas cujo ruído pode servir de gatilho para eventos futuros (Cohen, 2002, p.75, 87).

Percebeu-se como as preocupações normativas difusas são relevantes para a construção do pânico moral e para a representação estereotipada bem sucedida de demônios populares, uma vez que estabelece a conexão dos fatos com outras convenções da ansiedade social. Cria-se um cenário de expectativa e sensibilização, que servirá de background para que "rumores ou comportamentos isolados ou irrelevantes possam ser sobrevalorizados e desencadear respostas de alarmismo" (Cohen, 2002, p.47-53, 61, 124; Machado, 2004, p.62).

Successful moral panics owe their appeal to their ability to find points of resonance with wider anxieties. But each appeal is a sleight of hand, magic without a magician. It points to continuities: in space (this sort of thing . . . it's not only this) backward in time (part of a trend

. . . building up over the years) a conditional common future (a growing problem . . . will get worse if nothing done). And for a self-reflexive society, an essential meta-message: This is not just a moral panic. (Cohen, 2002, p.xxxvii)

O sistema organizado de controle social e a forma como ele responde a certas imagens do grupo desviante - além de ajudar a criá-las para cristalizar os *folk devils* - será tratada na terceira fase de resgate e remediação do problema. Reproduzindo a terminologia de desastre aplicada por Cohen, há três categorias para essas respostas, começando pela Sensibilização, que refere ao processo “whereby harm, wrongness, or deviance is attributed to the behavior, condition, or phenomenon that is routinely ignored when the same consequences are caused by or attributed to more conventional conditions”. Por meio do *cue effect* (“efeito de sugestão”), a atenção do público e da mídia direciona-se aos potenciais gatilhos de ressurgimento do problema, de forma que “supposed effects are noticed and linked to the offending agents that, in ordinary times for ordinary behavior, would have disappeared in the routines” (Goode & Ben-Yehuda, 1994, p.156). Com a generalização do alerta às ansiedades sociais mais amplas, outros alvos tornam-se visíveis ao controle social e, por meio desta categoria, percebe-se uma diminuição na lacuna entre os empreendedores morais e os aplicadores de regras pela extensão do problema (Cohen, 2002, p.89).

Em seguida, há a mobilização da ‘Cultura de Controle Social’, no qual a rede institucional de gestão do desvio e os empreendedores morais agem em prol de uma reforma na estrutura normativa. Este processo pode ocorrer de maneira punitiva ou pela “reafirmação de valores simbólicos”, por meio da “produção de um discurso moral em torno do problema que visa a formação do consenso social, através da rejeição das figuras identificadas com o desvio e da polarização do combate entre as forças do Bem e do Mal” (Machado, 2004, p.61-63). Assim como um desastre, o pânico moral aciona o sistema de emergência local e identifica-se uma difusão gradual do comportamento desviante para além de seu impacto imediato, com a conseqüente intensificação da cultura de controle e a instauração de novos métodos de poder. Por fim, há a Exploração, onde a imagem do desviante é explorada a fim de que sua denúncia traga um ganho ao empreendedor em questão, ignorando os potenciais impactos ao desviante em si - escalonando a Cultura de Controle Social (Cohen, 2002, p.161).

Um elemento crucial à dinâmica descrita até agora é a “Warning phase” (Fase de aviso), responsável por iniciar o processo reacional e que pode ser observada ao longo de toda a sequência de ação contra os *folk devils*. Depois da primeira leva de incidentes, percebe-se uma tentativa das instituições de

controle em condensar o *Warning* antes de cada evento que receba símbolos dos *folk devils*, devido ao clima de expectativa e apreensão criado em torno da potencial repetição de ameaças (Cohen, 2002, p.164-166).

(...) they were part of the general sensitization process already described, but two further unfolding features of the warning phase need to be noted. The first is the tendency for the warning system to become more complicated and formalized and to start earlier; the second is the increasingly unreal and ritualistic nature of the system as evidenced by the number of false alarms and warnings out of proportion to the imminent threat. (Cohen, 2002, p.164)

Como consequência a este padrão de esperar e aguardar problemas, o desvio passa a ser algo de ocorrência regular, sem necessidade de alertas formais, como coletivas de imprensa, pois qualquer indicativo de *folk devils* já seria um gatilho espontâneo de alerta: “whatever little initial homogeneity there was in the crowd, could be attributed to this expectancy factor, as reinforced by the societal reaction”. Neste processo ambíguo, os indivíduos tentam reestruturar a situação buscando pistas na reação dos outros. Dessa forma, ao ver como os demais agem, um significado socialmente sancionado é dado à situação e, através do desenvolvimento de rumores, os participantes procuram uma justificativa para a sua ação e validam um curso de ação em comum (Cohen, 2002, p.172, 174).

The form and content of the rumours are important because they serve to validate a particular course of action: the deviant, as well as the control agent, uses collective imagery (which may be objectively false) to justify action. (...) The truth of such rumours is not at issue: the point is that they can be traced to certain elements in the societal reaction and they serve both to validate a mood and course of action, and to solidify a diverse crowd into a homogeneous mob. (Cohen, 2002, p.176-177)

Parte dessa homogeneidade social está ancorada no que Hall & Jefferson (1975) no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) propuseram sobre a “signification spiral” (espiral de significado) dos discursos midiáticos, responsáveis por significar problemas em crescimento, de forma a amplificar os episódios de desvio e aumentar a sensação de risco sobre ele (p.77). Com isso, “‘news’ has to be seen as the end-product of a complex process, which begins with a systematic sorting and selecting of events and topics according to a socially constructed set of categories”. Subjacente a apresentação de um acontecimento na mídia está o pressuposto de uma audiência ideal, que tenha uma natureza consensual devido ao significado ‘convencional’ dado ao evento e pelo fato da mídia oferecer uma linha interpretativa ao problema comum para todos, “so when events are mapped by the media into frameworks of meanings and interpretation, it is assumed that any social and cultural divisions are

contained within that more fundamental consensus, and that we all know how to use these frameworks". Tais significados 'traduzidos' ao público pelos produtores de notícias tendem a reproduzir as definições de poderosos representantes da conjuntura, que acabam por se tornar os definidores primários de tópicos, isto é, os responsáveis pela 'estrutura inferencial' de significados. Segundo os autores, essa proximidade entre a mídia e os atores institucionais assegura que as ideologias dominantes sejam constantemente reproduzidas pela facilitação das informações ao público (Thompson, 1998, p.56-57).

Em uma análise sobre representações culturais e práticas de significados, o teórico dos Estudos Culturais Stuart Hall afirma que as coisas por si raramente terão algum significado único, fixo e imutável; e seria pela representação dessas coisas que um significado seria dado, como por exemplo "the words we use about them, the stories we tell about them, the images of them we produce, the emotions we associate with them, the ways we classify and conceptualize them, the values we place on them". De forma que o seu estudo "underlines the crucial role of the symbolic domain at the very heart of social life". Nesse sentido, o autor afirma que o significado é o que traz ao público o 'senso de identidade própria' e pertencimento, "so it is tied up with questions of how culture is used to mark out and maintain identity within and difference between groups" (Hall, 1997, p. 3). Porém, toda sociedade e cultura impõe classificações sobre os demais, por estar inserida em um sistema de desigualdades onde os mais poderosos irão ditar a ordem e induzir interpretações para sustentar sua proposta ideológica. Embora não seja incontestável, mas suscetível a outras interpretações, essa ordem dominante é um processo quase que inconsciente que estrutura as percepções imediatas das pessoas e tende a mapear os discursos utilizados a fim de organizá-los em "dominant or preferred meanings" (significados preferidos ou dominantes) - os quais têm "the institutional/political/ideological order imprinted in them and have themselves become institutionalized". Entende-se então que existe uma ordem dominante responsável pela associação de significados aos signos do cotidiano, que podem se manifestar de forma denotativa ou ocultar codificações ideológicas que dão significado à realidade. Este último é especificamente relevante à literatura inicial trazida por Becker sobre o papel do empreendimento na criação dos problemas sociais pelo estabelecimento e promoção do que é certo e errado a um empreendedor moral (Hall, Hobson, Lowe & Willis, 1980, p. 123-124).

In speaking of dominant meanings, then, we are not talking about a one sided process which governs how all events will be signified. It consists of the 'work' required to enforce, win plausibility for and command as legitimate a decoding of the event within the limit of

dominant definitions in which it has been connotatively signified. (Hall, Hobson, Lowe & Willis, 1980, p.124)

Para que a hegemonia de um discurso ideológico seja efetiva, este processo deve ser repetido diversas vezes, a fim de que uma autoridade seja construída sob todos os níveis da atividade social. Isso pode incluir o uso de instituições como a mídia, o sistema educacional e o governo para disseminar valores e crenças culturais dominantes, bem como o uso do poder econômico e político para reforçar essas ideias e práticas. Ademais, a cultura hegemônica depende da capacidade desse grupo dirigente de moldar o discurso da sociedade, pelo controle dos significados e dos símbolos usados, como ao definir o que é aceitável ou não - podendo ser um processo escancarado e impositivo, no qual é evidente o controle, assim como sutil e espontâneo, de forma que a população aceita por reforçar estruturas de significados preexistentes e “fazer sentido”. O pânico moral criou então as condições sociais de consentimento necessárias na sociedade. Não se trataria de um fenômeno isolado, mas de uma estratégia conectiva hegemônica para enlargar o escopo de influência ideológico sobre a sociedade civil, um processo social abrangente que age como uma força contínua através da mobilização do “senso comum”; isto é, há uma base por trás daquilo que “a maioria” das pessoas pensam, formada por definições já construídas em dominância (McRobbie & Thornton, 1995, p.563; Hall, Hobson, Lowe & Willis, 1980, p.129).

(...) it does not mean that ideas come from nowhere, spontaneously, into the minds of the subordinate classes. It holds in tension the idea of ‘philosophy’, a developed body of ideas (rather like an earlier meaning of the term ideology), and the recognition that our ideas do seem to be our own, that we speak as much as we are spoken by language and that the words we use do address the real situations in which they are spoken. (...) The narrative organizes a plot, produces coherence, leads the reader from confusion and disarray to a happy ending and links the happy ending with the triumphs of one common-sense conception over others. (Hall, Hobson, Lowe & Willis, 1980, p.259-260)

Uma das principais contribuições de Hall é a revisão do processo de comunicação, na qual o receptor (*decoder* - sociedade, subculturas) pode não estar preparado ou, até mesmo, não deseja receber a mensagem da forma que o remetente (*encoder* - estado, mídia, cultura dominante) a envia. Isso porque diferentes públicos “geram” e, não apenas, “descobrem” significados impostos - se distanciando da lógica da comunicação em massa com uma audiência passiva. Então, o significado não seria determinado pelo remetente e tais “distorções” na interpretação da mensagem decorrem da

“lack of equivalence between the two sides in the communicative exchange” (Hall, Hobson, Lowe & Willis, 1980, p. 120).

Este foi considerado o início da mudança na lógica comunicacional, na qual o público passa a ter um papel ativo. Em complemento a identificação e policiamento de *folk devils* pelas estruturas de controle, os meios de comunicação social eram vistos como essenciais aos pânico morais, “with journalists and broadcasters playing an essential role in identifying aberrant behaviour and mobilizing consensus and concern” (Walsh, 2020, p.841-842). Essa contribuição ainda é válida, porém houve uma reconfiguração na produção e troca de informações com o advento das plataformas digitais, na qual o meio informático passou a cultivar, em certa medida, as relações e o formato informacional dos indivíduos.

Claims-making has changed; moral entrepreneurship is no longer restricted to certain types of people; elite mediation is no longer a necessary component of the panic; and moral panics can spread faster and more widely than ever before. Digital media have also changed what moral panics do. Unlike the top-down, hegemonically driven methods of social control outlined by Hall et al. (1978), in which primary definers collaborated with the mass media to delineate the object of the panic and communicate this information to the public, they can offer a peculiar sort of agency to the everyday producer-consumer. (Falkof, 2018, p.228)

À luz destes desenvolvimentos, Walsh (2020, p.843) argumenta que os meios digitais estão a mudar “the locus of definitional power”, garantindo que haja maior participação popular e gerando “new possibilities for resistance”, de forma que indivíduos e grupos possam iniciar ativamente pânico morais e co-produzir relatos sobre eles. Nota-se então que um elemento estruturante ao pânico moral, independente das etapas e formatos em que ele ocorra, é que sempre haverá um relacionamento em rede. Segundo a teoria de *social network*, isso ocorre pois:

(...) the patterns of relationships among actors – who is connected to whom and in what ways – has important consequences, determining what and how much is shared or flows from person to person in a network, and how much power or advantage individual actors possess. More generally, the position of individuals in a social network is thought to determine, in part, the opportunities and constraints they will encounter. (Perry, Pescosolido & Borgatti, 2018, p.5)

### 1.3 Os constrangimentos do digital

Essa abordagem se deve às comunicações digitais e a dinâmica onlife - “hybrid environments that incorporate elements from individuals’ online and offline experiences” (Valentini, Lorusso & Stephan, 2020) - de forma que estão a reconstituir, em vez de simplesmente caracterizar ou acelerar, os pânicos morais. Inicialmente, os acadêmicos da área acentuaram o papel institucional, com destaque aos meios de comunicação em massa, na propagação de estereótipos, no cultivo de uma “mentalidade de desastre” e na mobilização do apoio popular para o policiamento e controle de ameaças. Porém, pontos que eram mais estáveis de controle sofreram mudanças com o encolhimento do aparato estatal e novas formas organizacionais, como as redes sociais (Walsh & Hill, 2023, p.693).

Moral panics, once the unintended outcome of journalistic practice, seem to have become a goal. Rather than periods to which societies are subject 'every now and then' (Cohen 1972/80: 9), moral panics have become the way in which daily events are brought to the attention of the public. They are a standard response, a familiar, sometimes weary, even ridiculous rhetoric rather than an exceptional emergency intervention. Used by politicians to orchestrate consent, by business to promote sales in certain niche markets, and by media to make home and social affairs newsworthy, moral panics are constructed on a daily basis. (McRobbie & Thornton, 1995, p.560)

“Os pânicos morais são fenômenos antigos, mas se sucedem com enorme rapidez na sociedade contemporânea, na qual a moralidade não é mais redutível a um conjunto de regras simples pronunciado por líderes religiosos ou políticos”, sendo cada vez mais necessário debater e renegociar os limites morais da coletividade para manter o consentimento, fortalecer a governança e preservar o *status quo* (Miskolci, 2007, p.114). À medida que as mudanças se proliferam e desenvolvem-se novos sistemas de notificação de risco, aumenta-se a consciência e a ansiedade à ameaças; então, em um cenário marcado por repetitivas e intensas transformações na estrutura, na qual a mídia combina com os *claim-makers* e ativistas morais para amplificar os riscos envolvidos, tornam-se mais frequentes os episódios de pânico moral (Thompson, 1998, p.29, 131).

Este movimento contribuiu ainda para que certos grupos tradicionalmente definidos como “demônios populares” passassem a ter seus interesses defendidos pelo seu próprio nicho e micromídia, podendo, inclusive, reverter a sua marginalização (McRobbie & Thornton, 1995). Walsh e Hill (2023) complementam dizendo que atualmente vivem-se “platformed panics” que são “networked and participatory, automated and algorithmic and fiercely resisted by folk devils and their advocates”. Isto é, os “pânicos de plataformas” é proposto para capturar como as redes sociais e buscadores “not only

facilitate social and communicative action, but mediate them and actively shape their constitution, promoting emergent modalities of ‘platformed sociality’”; por meio do algoritmo e design, essas plataformas criam possibilidades participativas, interativas e conectivas, que embora não sejam determinantes ao pânico moral, afetam as relações e trocas sociais (p.692-693). Como resultado, cria-se uma “networked culture where information and communication got increasingly defined by the affordances of web technologies” (van Dijck & Poell, 2013, p.5).

De acordo com van Dijk e Poell (2013), isso ocorre devido à “social media logic”, isto é, processos, princípios e práticas pelos quais as plataformas processam a informação e a comunicação de forma a canalizar o tráfego social. A fim de entender o conjunto de estratégias e mecanismos trazidos por essa lógica, os autores selecionaram quatro elementos principais: programabilidade, popularidade, conectividade e dataficação.

A programabilidade é definida por eles como “the ability of a social media platform to trigger and steer users' creative or communicative contributions, while users, through their interaction with these coded environments, may in turn influence the flow of communication and information activated by such a platform” (van Dijck & Poell, 2013, p.5). Essa lógica possui um lado tecnológico, no qual um conjunto de códigos instruem uma série de atividades relacionais (algoritmos), como interações (curtidas) em uma publicação e compartilhamento de um conteúdo. Por outro lado, os usuários podem resistir às instruções codificadas e desafiar o formato original de uso de certos recursos, a exemplo de um “tuitaço”, quando internautas promovem a repetição de mensagens sobre um tema no X, tornando-o um “Trending Topic”; por vezes, pressionando a plataforma a adequar o seu lado tecnológico, como na criação de filtros e denúncias para conteúdo impróprio ou gerado por Inteligência Artificial. O mesmo pode ser visto ao publicar imagens contendo apenas texto no Instagram, feito por internautas que buscam nutrir esta rede mesmo sem ter outro formato para explicar uma ideia textual na plataforma. Este processo pode não ser desafiador apenas aos gerenciadores das plataformas, como também às instituições sociais, visto que a comunicação ativa dos usuários pode ser um canal para organizar ações mitigadas pela ordem dominante (van Dijck & Poell, 2013, p.6). Isso porque a autonomia de criação e edição de conteúdo para uma audiência própria pode vir a servir como um mecanismo para que *folk devils* ganhem visibilidade às suas propostas por meio da mobilização em rede.

The logic of programmability thus inevitably mixes the crowdsourcing principles of social media with the editorial values expected of mass media. In mass media logic, "programming" referred to an editorial strategy that manifested itself through the selection, juxtaposition,

and promotion of certain items in the flow of scheduled content. Now that the flow has taken an "algorithmic turn," content is not just programmed by a central agency, even if this agency still has considerable control; users also participate in steering content. (van Dijck & Poell, 2013, p.6)

Um exemplo dessa situação ocorreu na discussão sobre urna eletrônica no Brasil, da qual Jair Bolsonaro é contrário. No dia 11 de janeiro de 2023, dias depois da posse de Lula e do ataque à Praça dos Três Poderes, o ex-presidente fez uma postagem com uma série de informações falsas e ataques ao sistema eleitoral, apagando o post cerca de duas horas depois. Em seguida, ele compartilhou o vídeo a partir do perfil de uma apoiadora - para que não precisasse replicar o original que trazia um alerta da Justiça Eleitoral sobre a confiabilidade das urnas, inserido automaticamente pela rede social (G1, 2023). Essa estratégia de "boomerang", ao estimular seus pares a terem "liberdade de expressão" e depois instrumentalizar o que eles produziram para disseminar narrativas extremistas, foi comumente adotada por Bolsonaro ao longo de sua gestão. Essa dinâmica pode ser considerada como uma nova variável metodológica às análises de pânico moral nas redes sociais digitais, por indicar um espaço alternativo de queixa aos empreendedores morais que já estão no poder, por meio do fortalecimento dos laços com a sua rede e da possibilidade de esquivar-se das represálias que um discurso institucional teria.

Seguindo a proposta de van Dijk e Poell (2013), a popularidade refere-se ao ganho de visibilidade de alguns atores "depending on their ability to play the media and lure crowds", de forma a serem capazes de estabelecer agendas e promover discussões de seu interesse. O digital, porém, não é o fórum máximo da democracia, onde todos receberão a mesma atenção e status; na verdade, os recursos das plataformas produzem disputas de poder com capacidade de impactar, e ser impactado por, conjunturas externas a ele (p.6). À teoria do pânico moral, essa seria uma oportunidade para que novos atores e discursos *anti establishment* passem a disputar para tornar as suas lógicas uma prioridade à sociedade.

It is exactly the export of social media popularity mechanisms to other social or commercial environments that proves the efficacy of its logic in challenging existing social hierarchies or unsettling discursive orders. Mass media logic and social media logic get incrementally entangled in defining the popularity of issues and the influence of people. Popularity becomes enmeshed in a feedback loop between mass and social media, and, as was argued in the case of programmability, becomes part of a larger cultural arena where different institutional

discourses and counter-discourses engage in a struggle to make their logics more pressing.  
(van Dijck & Poell, 2013, p.7-8)

A conectividade, por sua vez, trata-se de uma estratégia algorítmica das plataformas para conectar o usuário às pessoas e conteúdos de seu interesse, permitindo ao indivíduo personalizar e customizar a sua rede com base nos filtros de recomendação disponíveis. Pode-se observar, porém, que por vezes os usuários têm a falsa percepção de que sua opinião é a mais relevante pela concentração de nós (atores) que a compartilham e à baixa diversidade de narrativas, o que resultaria em “echo chambers” e “filter bubbles”. Assim como descrito por Cohen na *Warning Phase*, quando instituições de controle alertavam a cada sinal de um desviante, tais condições da arquitetura digital funcionarão como alarmes de ansiedade. Ao permitir que usuários permaneçam clusterizados dentro de seus grupos preferidos e visões da realidade, as plataformas digitais distorcem a compreensão das questões sociais, tornando mais provável a percepção de perigo e amplificação do pânico moral (Walsh, 2020, p.845), uma vez que essas redes vão além de um simples sistema de comunicação, ao capacitar organizações flexíveis que permitem ações rápidas e ajustes coordenados (van Dijk & Poell, 2013, p.8-9; van Dijk & Hacker, 2018, p.26-29).

Por fim, a dataficação proposta por van Dijk e Poell (2013) refere-se à capacidade das “networked platforms” em transformar informações em dados, o que permitiria o acompanhamento em tempo real, assim como o desenvolvimento de técnicas preditivas sobre o comportamento digital. Até certa medida, esses indicativos poderiam ser utilizados como um elemento tangível da fase de *Warning* do pânico moral; o acompanhamento de insatisfações políticas nas redes sociais poderia indicar, por exemplo, potenciais agendas sensíveis ao público e, até mesmo, a tendência de certos grupos a se manifestar. Por outro lado, vale destacar que “data are always already prefigured through a platform’s gathering mechanisms. Moreover, in processing data, a platform does not merely “measure” certain expressions or opinions, but also helps mold them” (p.10). Nesse sentido, identifica-se a necessidade de uma metodologia capaz de cruzar os insights das principais plataformas, a fim de entender um padrão de papeis e discursos que possam vir a se tornar um pânico moral.

#### **1.4 Os desafios em nomear algo ‘pânico moral’**

A partir da revisão da literatura, percebeu-se desde a concepção do conceito de pânico moral a dificuldade em calcular emoção, simbolismo e representação em termos quantitativos (Cohen, 2002, p.xxxv). Como Wright Monod (2017, p.30) destacou, o conceito de pânico moral é comumente referido como normativo, projetado para desafiar a política cultural e expor os interesses da elite, ao invés de analítico e objetivo na identificação de um fenômeno. Argumenta-se que isso ocorre pois os

pânicos contemporâneos também são visíveis em práticas mais rotineiras de regulação moral, sendo necessário esclarecer as fronteiras entre as questões que são meramente dissidentes dos discursos regulatórios e aquelas que são mais propensas a explodir em pânico (p.69-71). Ancorando-se ao critério da desproporcionalidade, os críticos da teoria destacam as reivindicações e respostas como inflamadas e incoerentes com a realidade, à vista de contextualizar os antagonismos políticos produzidos e identificar potenciais empreendedores morais que possam trazer novas noções de desvio. A autora explica que essa é uma visão afetada pelo ciclo de amplificação e de uma posição de retrospectiva, na qual o observador tende a minimizar o que as pessoas sabem ou sentem em meio ao pânico e que poderia ser interpretado naquele momento como racional - ou pelo menos compreensível ao cenário (p.31). Então nesse caso, a objetividade extrema tende a regredir o conceito estudado aos primórdios dos debates acadêmicos sobre ele, quando 'reações sociais' eram monolíticas, reduzindo-o à uma "metaphor which depicts a complex society as a single person who experiences sudden fear about its virtue" (McRobbie & Thornton, 1995, p.564, 567).

Young (2011, p.245) complementa dizendo que as reações descritas como pânico moral são vistas como 'exageradas' pois vão além do caso de desvio em questão, sendo o resultado de profundas mudanças subjacentes e das quais o desvio é uma "ilustração". Apesar de vista como genérica e generalista por alguns, a proposta do autor reforça a importância da contextualização para ditar o grau da percepção situada sobre a "adequação" de uma reação, isto é, a investigação sobre o conjunto de circunstâncias preexistentes tende a traduzir como um conjunto de valores pode ser projetado à uma situação (Wright Monod, 2017, p.4-5, 35). Associando essa ideia ao estudo de caso escolhido, foi levado em consideração como o relacionamento social com os meios comunicacionais pode impactar a sua predisposição a questionamentos sobre a ordem - neste caso, política.

Sobre a volatilidade do conceito comumente questionada por acadêmicos, entende-se que há uma correlação interpretativa entre discursos moralizantes e discursos de pânico moral, visto que ambos consistem em julgamentos dialéticos sobre o que é certo ou errado/ aceitável ou anormal. Porém, o primeiro tende a apelar a membros da audiência a agir individualmente e só pode ser compreendido em relação a uma representação generalizada de perigo em uma figura indeterminada. Já o discurso de pânico moral é conceituado pela culpabilização pela transgressão/dano a outras pessoas ou dimensões identificáveis; estas narrativas são, portanto, conceituadas como problemas baseados em queixas de modo que a gestão de risco é uma reação aos *folk devils* pela não adoção dos processos de regulação moral e, assim, exige a intensificação das atividades regulatórias para manter o controle do cotidiano (Hier, 2015, p.365-367; Hier, 2019, p.5).

Whereas moral regulation is transmitted through a dialectical process of subjectification intended to cultivate particular kinds of subjectivity over long periods of time, moral panics (...) represent more acute forms of regulatory intervention that actively constrain rather than passively encourage certain activities and identities. (...) In this way, moral panics are characterized by the intensification of regulatory activities that attend to perceived breakdowns in the moral regulation of everyday life. The key analytical difference is that panics operate reactively rather than proactively to isolate, control, and ultimately induce modes of correction in groups who are perceived to transgress social norms through a dialectical process of security. (Hier, 2019, p.5)

Outro desafio metodológico aos pesquisadores dessa área é a justificativa sobre as reações sociais que consideram ‘fora de ordem’, visto que muitas vezes a candidatura de uma questão a um pânico moral pode ser considerada trivial, “especially when more significant and damaging events that could and perhaps should command social apprehension exist” (Wright Monod, 2017, p.33-35). Em resposta, levou-se em consideração para responder a pergunta de partida da tese (‘de que forma líderes políticos transformam crises em pânico moral?’) a posição privilegiada dos atores analisados, devido a atenção orgânica que recebem da cobertura midiática e social às suas narrativas, e a forma como os mesmos utilizam essa rede para transitar períodos instáveis.

Considerando que os meios digitais estão a mudar “the locus of definitional power” (Walsh, 2020, p.843) com novas formas de resistência e participação, em partes pela ausência de uma fronteira entre produtores e consumidores de conteúdo, inclusive daqueles com alta hierarquia política, as redes sociais online são parte integrante da análise do pânico moral moderno (Wright Monod, 2017, p.38). Isso porque os recursos técnicos, design e apropriação das plataformas digitais servem como produtores de padrões emergentes de alarme, visto a sua possibilidade de intervir e moldar o fluxo comunicacional de forma a transformar as origens, formatos e ritmos da produção do pânico moral (Walsh & Hill, 2022, p.1). Não por menos, a tese levantou a hipótese: ‘o algoritmo das redes sociais (Instagram e X) e a estrutura de links no Google contribuem para o pânico moral’.

Visto que 66.2% da população global utiliza a Internet e 62.3% são utilizadores ativos de redes sociais, segundo o Digital 2024 Global Overview Report (DataReportal, We Are Social & Meltwater, 2024, p.10), é evidente como este meio mudou a formulação de reivindicações e a acessibilidade ao empreendedorismo moral. Cada comunidade pode ser impactada por uma agenda e um grupo de atores diferentes; mas estão inseridas em um sistema padrão, no qual o pânico moral encontra uma

estrutura de clusterização e amplificação, capaz de desafiar as hierarquias existentes e perturbar ordens discursivas, onde o diagnóstico das falhas morais dos outros torna-se uma forma de recompensa (Falkof, 2018, p.228; van Dijk & Poell, 2013, p.6-7). Nesse sentido, ao escolher um líder político que participa ativamente neste meio, seja com perfis oficiais nas plataformas ou reconhecendo as demandas advindas do digital, pressupõe-se que o mesmo o utilize como uma extensão de sua influência política, manipulando-o quando necessário como uma ferramenta de amplificação de sua temática moral. Pensando nisso, mostrou-se necessário explorar uma metodologia mista com base na análise de conteúdo, a fim de entender como líderes políticos podem estimular padrões de interesse às estruturas narrativas que apoiam o seu conjunto de significados.

## **2. Metodologia**

A tese teve como objetivo investigar como períodos de crise, caracterizados por disputas de autoafirmação entre grupos, podem ser utilizados por empreendedores morais com poder político para criar eventos de preocupação extrema sobre uma percepção de ameaça aos princípios estruturantes da sociedade. Nesse sentido, deu-se a escolha por dois países que nos últimos anos tiveram representantes que exploraram pautas sensíveis aos seus constituintes em meio a uma crise de legitimação dos modelos democráticos e com várias formas de erosão e disputa desses modelos pela introdução no debate público de modelos e figuras políticas autoritárias. O objetivo em escolher países com contextos sociais diferentes e representantes com personalidades distintas foi investigar se há continuidades na construção do pânico moral contemporâneo por meio dos algoritmos das redes sociais (Twitter/X e Instagram) e do Google.

### **2.1 A construção de um empreendedor moral**

O primeiro caso escolhido foi o Brasil por, além do interesse pessoal, se tratar do maior e mais influente país da América Latina. O Brasil é uma república federativa presidencialista, com o poder do Estado dividido em: Executivo (comandado pelo Presidente da República), Legislativo (representado pelo Congresso Nacional, que por sua vez é formado por senadores e deputados federais) e Judiciário (liderado pelo Supremo Tribunal Federal). O país é membro ativo das Nações Unidas, passando inclusive pela presidência do Conselho de Segurança, e de outras importantes instituições multilaterais, destacando-se nas últimas décadas ao desenvolver fóruns alternativos como o BRICS. Um dos marcos mais importantes para a história política do Brasil foi a mudança de República para uma ditadura militar em 1964, que partilhava os receios estadunidenses sobre o comunismo na região. “Neste período, não houve eleição direta para presidente, o Congresso Nacional chegou a ser fechado, mandatos foram cassados, opositores foram perseguidos e houve censura à imprensa e a artistas”<sup>2</sup>. Em 1979, os sinais de uma crise econômica começaram a se manifestar, o que levou o regime a iniciar um lento processo de liberalização política e a consequente transição para uma democracia liderada por civis em 1989. Essa reforma foi acompanhada pela abertura de uma economia liderada pelo Estado, com destaque aos governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC) (1995-2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011). Conhecido por Lula, o representante do Partido dos Trabalhadores foi o que mais se aproximou das preocupações pós Guerra Fria com a esquerda ideológica, tendo um papel de liderança na integração regional e na exposição global do país, inclusive com líderes como Nicolás Maduro da Venezuela e Miguel Díaz-Canel de Cuba; estratégia mantida por sua sucessora Dilma

---

<sup>2</sup> Mergulhão, A. & Castro, C. (2021, Março 31). Oito vezes em que Bolsonaro defendeu o golpe de 64. *O Globo - Época*. <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/oito-vezes-em-que-bolsonaro-defendeu-golpe-de-64-24949762>

Rousseff<sup>3</sup> <sup>4</sup>. Esta dinâmica teve destaque na tese por ser posteriormente promovida por Jair Messias Bolsonaro como a antítese de seu governo, isto é, como se os valores morais que estruturaram a sociedade brasileira tivessem sido ameaçados, ou até mesmo, perdidos ao longo dessas gestões petistas e globalistas.

In contrast to his predecessors, Bolsonaro has embraced anti-globalist rhetoric and has said that international norms and institutions threaten Brazil's sovereignty. This has led him to distance Brazil from the United Nations; encourage development in the Amazon Rainforest; downplay the severity of the COVID-19 pandemic; and threaten to withdraw Brazil from the World Health Organization (WHO) and the Paris Agreement on climate, though he hasn't followed through. Furthermore, his administration's moves to isolate former partners, such as Venezuela, have been paired with efforts to form closer ties with like-minded right-wing leaders such as former U.S. President Donald Trump, Hungarian Prime Minister Viktor Orbán, and Russian President Vladimir Putin.<sup>5</sup>

Bolsonaro (2019-2022) foi selecionado por se tratar de um ex-líder de Estado que se estabeleceu como um "outsider" da política brasileira em curso, ao utilizar como narrativa de campanha e conduta durante sua gestão ser um representante que destoa das regras "petistas" (referindo-se ao PT, partido de esquerda). Bolsonaro começou a vida pública após entrar para a reserva do Exército, com a candidatura a vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo antigo PDC (Partido Democrata Cristão). Deixou o cargo em 1991 para se tornar deputado federal, cargo no qual manteve-se no por sete mandatos, tentando ser presidente da Câmara em 2005, 2011 e 2017 - sendo derrotado todas as vezes<sup>6</sup>. Ao longo do tempo, seus discursos foram marcados por "um forte apego ao passado, a prevalência de pautas militares e uma mudança a partir de 2014 por uma pauta de costumes e com conteúdo evangélico; em meio ao Congresso mais conservador pós-64, "Bolsonaro emergiu aos olhos dos conglomerados de mídia" e passou a manifestar seu interesse em representar a direita ideológica na Presidência da República (Cioccarri & Persichetti, 2019, p.135-137). Porém, à época, além de não

---

<sup>3</sup> Roy, D. (2022, Setembro 19). Brazil's Global Ambitions. *Council on Foreign Relations*. <https://www.cfr.org/background/brazils-global-ambitions>

<sup>4</sup> Souza, C. (2023, Dezembro 26). Lula se encontrou com 13 ditadores ao longo de 2023. *Gazeta Do Povo*. <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/lula-se-encontrou-com-13-ditadores-ao-longo-de-2023/>

<sup>5</sup> Roy, D. (2022, Setembro 19). Brazil's Global Ambitions. *Council on Foreign Relations*. <https://www.cfr.org/background/brazils-global-ambitions>

<sup>6</sup> Tupina, M., & Rosa, P. F. (2023, Outubro 31). Do Exército à inelegibilidade: veja trajetória pessoal e política de Jair Bolsonaro. *Folha De S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/veja-trajetoria-pessoal-e-politica-de-jair-bolsonaro.shtml>

conquistar a maioria em seu próprio partido para se candidatar ao cargo, seu comportamento e falas polêmicas foram motivos de sátira por anos na rede nacional<sup>7 8</sup>.

O fato é que o militar reformado criou um ecossistema narrativo ao longo de sua trajetória política, sempre em coerência com o conservadorismo, mas foi na crise democrática e institucional com o impeachment de Dilma Rousseff em 2016 - quando Bolsonaro justificou o seu voto à favor com “várias menções à ditadura militar, pela qual Dilma havia sido torturada, e usou a frase que se tornaria seu slogan de campanha em 2018: ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’” - e com o governo Temer de 2016 à 2019 - até então com a maior insatisfação popular desde 1989 - que ele viabilizou há um público ressentido os primeiros gatilhos de sua agenda de pânico moral, ao relacionar a esquerda como uma ameaça ao país e a responsável pelos problemas na macroestrutura brasileira<sup>910</sup>. À época, o descolamento de valores da sociedade com tais representantes foi traduzido em uma pesquisa feita pelo Ibope na qual “54% dos brasileiros atingiram alto grau de conservadorismo em questões sociais como a legalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, pena de morte, prisão perpétua e redução da maioria penal”<sup>11</sup>. Esse anseio por uma representação *anti-establishment* e anti-petista foi posteriormente atendido por Bolsonaro nas eleições de 2018, por meio do apelo a símbolos sub-aplicados até então - como a liberação ao acesso à armas, que foi transformado em um símbolo de sua campanha, no qual fazia uma “arminha” com a mão - e de uma rede centralizada que lhe permitiu servir como um *hub* de comunicação nessa temática.

Ele contou com a participação de seus filhos, o senador Flávio, o vereador da cidade do Rio de Janeiro Carlos e o deputado federal Eduardo, que utilizaram seus públicos próprios para ampliar a influência da agenda do patriarca e alavancar a narrativa desejada (Santos, Cioccarri & de Moraes, 2020, p. 69; Borgatti, Mehra, Brass & Labianca, 2009, p. 894). Inclusive, surgiram acusações de que eles participariam de um “gabinete do ódio” no Palácio do Planalto, em conjunto com um núcleo de

---

<sup>7</sup> Barreto, E. (2014, Abril 25). Bolsonaro apresenta proposta ao PP para concorrer à Presidência da República. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-apresenta-proposta-ao-pp-para-concorrer-presidencia-da-republica-12298428>

<sup>8</sup> Stycer, M. (2018, Outubro 29). Qual foi o papel de CQC, Superpop e Pânico na popularização de Bolsonaro. *UOL TV E Famosos*. <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2018/10/29/qual-foi-o-papel-de-cqc-superpop-e-panico-na-popularizacao-de-bolsonaro/>

<sup>9</sup> Veja. (2019, Agosto 8). Bolsonaro afirma que torturador Brilhante Ustra é um “herói nacional” *VEJA*. <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional>

<sup>10</sup> Murakawa, F. & Di Cunto, R. (2018, Junho 28). Temer bate recorde e seu governo é o pior avaliado na história. *Valor Econômico*. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/06/28/temer-bate-recorde-e-seu-governo-e-o-pior-avaliado-na-historia.ghtml>

<sup>11</sup> de Toledo, J R. (2016, Dezembro 22). Conservador na medida. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/politica/jose-roberto-de-toledo/conservador-na-medida/>

assessores e ministros. A expressão ficou conhecida durante a CPMI (Comissão parlamentar de inquérito) das Fake News, quando uma ex-apoiadora de Bolsonaro depôs que o Planalto tinha uma estrutura para atacar opositores e instituições na Internet. Essa ala ideológica é acusada de produzir relatórios com interpretações próprias divulgadas como informações oficiais, visto que os mesmos seriam os responsáveis por comandar as redes sociais do presidente - papel que deveria ser desempenhado de forma profissional e institucionalmente pela Secretaria de Comunicação. Há mais de cinco anos ocorrem investigações no STF (Supremo Tribunal Federal) sobre o grupo, mas não há processos criminais até o momento<sup>1213</sup>.

Além disso, um grande impulsionador para a campanha do Capitão foi o ataque à faca que sofreu durante um ato de campanha. Ele era carregado nos ombros por apoiadores quando um homem se aproximou e o feriu na barriga, tendo de ser levado para a emergência e passar por múltiplas cirurgias. O cenário, que seria explorado por qualquer candidato na mesma situação, ganhou ainda mais peso ao adotar a narrativa de ser uma vítima da esquerda. Isso porque o agressor foi filiado por pelo menos sete anos ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade); mesmo o partido negando o envolvimento, anos após o caso ainda há teorias da conspiração e dúvidas sobre a investigação, que retoma anualmente a questão #QuemMandouMatarBolsonaro<sup>141516</sup>.

Outro fator que contribuiu para alavancar sua campanha de 2018, e que foi explorado pela tese, foi o uso das redes sociais. Crítico da mídia tradicional brasileira, e desfavorecido em um partido (PSL) sem poder com apenas oito segundos em cada bloco de propaganda no programa eleitoral televisivo, ele evitou os debates mediados por jornalistas e críticos para focar em um meio de comunicação onde ele seria o editor de conteúdo e teria liberdade para explorar temáticas sem verificação de fatos ou

---

<sup>12</sup> Rosa, V., & Monteiro, T. (2019, Setembro 20). 'Gabinete do ódio' está por trás da divisão da família Bolsonaro. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/politica/gabinete-do-odio-esta-por-tras-da-divisao-da-familia-bolsonaro/>

<sup>13</sup> Neves, R. (2024, Julho 11). O que é o "gabinete do ódio" e quais são as investigações da PF sobre ele. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/07/11/gabinete-do-odio-relembre-historico-investigacoes-pf.htm>

<sup>14</sup> Eduardo Bolsonaro [@bolsonaroSP]. (2019, Janeiro 25). QUEM MANDOU MATAR JAIR BOLSONARO?. [Imagem com texto]. [Twitter]. <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1088775144351387649>

<sup>15</sup> G1. (2018, Julho 9). *Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora*. <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>

<sup>16</sup> Prazeres, L. (2018, Setembro 7). PSOL confirma que suspeito de esfaquear Bolsonaro foi filiado ao partido. *UOL Eleições 2018*. <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/06/psol-confirma-que-suspeito-de-esfaquear-bolsonaro-foi-filiado-ao-partido.htm>

controle de conteúdo<sup>17</sup>. Em uma das poucas entrevistas que concedeu à Rede Globo, principal canal alvo de suas críticas morais, Bolsonaro condenou o Congresso Nacional por lançar um material para combater a homofobia nas escolas, ao qual ele referiu-se como “kit gay”. O então candidato continuou referenciando o assunto ao mostrar um livro com conteúdo impróprio aos filhos dos telespectadores, sendo reprimido pelos apresentadores por agir contra as regras do programa; em resposta, Bolsonaro disse “Então olha só, eu vou mostrar numa live, depois do programa o livro, sem problema nenhum”<sup>18</sup>. Não por menos, segundo uma pesquisa do Datafolha, os eleitores de Bolsonaro tinham o índice mais elevado de usuários de alguma rede social (81% contra 59% para Haddad)<sup>19</sup>. A estratégia comunicacional do ex-presidente ainda ecoa no ambiente digital brasileiro, que se destaca por ser o terceiro país com maior tempo diário dedicado às redes sociais (com 3h37) e o segundo no mundo em uso de Internet por dia (9h13) (DataReportal, We Are Social & Meltwater, 2024, p.227, 39).

Percebe-se claramente a relevância do contexto de crise para a construção da governabilidade de Bolsonaro, como na utilização de sua imagem de infrator da ordem vigente (*outsider*) para julgar os representantes eleitos como incompetentes e propor a retomada de valores por eles ameaçados por meio do estabelecimento de novas regras (Becker, 1963, p.2). Um exemplo dessa dinâmica foi o seu discurso antissistema para justificar a constante mudança de partidos políticos; em três décadas, foram 9 filiações diferentes. Depois de ser eleito presidente pelo PSL (Partido Social Liberal) no fim de 2018, ele deixou a sigla logo depois em 2019, em meio a divergências com correligionários. Ele chegou inclusive a articular a criação da Aliança Pelo Brasil, sem sucesso. Assim, acabou por ficar ‘sem partido’ a partir de novembro de 2019, desvinculando-se de qualquer representatividade do tipo, em um aceno ao eleitorado de seu distanciamento da ‘política tradicional’ e das ‘decepções’ trazidas por ela<sup>20</sup>. O segundo caso escolhido foi o Reino Unido, uma monarquia constitucional, na qual um monarca atua como Chefe de Estado, e uma democracia parlamentar, cujo chefe é o Primeiro-Ministro (PM), detém

---

<sup>17</sup> Cavalcanti, L. (2018, Outubro 28). Bolsonaro fez das redes sociais o caminho certo para uma provável vitória. *Correio Braziliense*.

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/28/interna\\_politica,715584/bolsonaro-fez-das-redes-sociais-o-caminho-certo-para-uma-provavel-vito.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/28/interna_politica,715584/bolsonaro-fez-das-redes-sociais-o-caminho-certo-para-uma-provavel-vito.shtml)

<sup>18</sup> Jornal Nacional. (2018, Agosto 28). *Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional*. G1.

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>

<sup>19</sup> AFP. (2018, Outubro 4). Redes sociais sustentam a ascensão de Bolsonaro. *UOL*.

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2018/10/04/redes-sociais-sustentam-a-ascensao-de-bolsonaro.htm>

<sup>20</sup> G1, Gomes, P. H., Borges, B., Oliveira, P., & TV Globo. (2021, Novembro 30). *Após dois anos sem partido, Bolsonaro se filia ao PL, nona legenda da carreira política*. G1.

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/30/apos-dois-anos-sem-partido-bolsonaro-se-filia-ao-pl-nona-legenda-da-carreira-politica.ghtml>

o poder Executivo. O líder do Partido Trabalhista, Sir Keir Starmer, é o Primeiro-Ministro desde julho de 2024, quando a sigla obteve a maioria nas eleições gerais e, atualmente, conta com 411 assentos no parlamento. Mesmo não sendo uma disputa bipartidária, na contemporaneidade dois partidos políticos destacam-se nesse processo: o Partido Trabalhista, que teve seis períodos no poder desde 1923 (anteriormente apenas dois partidos formavam governos), o último de 1997–2010; e o Partido Conservador, uma das forças dominantes na política britânica desde o século XIX, que esteve no poder pela última vez entre 2010 e 2024 e atualmente detém 121 assentos parlamentares<sup>21</sup>. Durante os séculos XVIII, XIX e início do século XX, o Reino Unido se destacou pelo domínio colonial. Com o tempo, a ‘dicotomia’ entre a defesa do Império e a defesa da Nação ficou insustentável, forçando os representantes a repensarem a visão expansionista da política internacional britânica; e em 1962, a Lei de Imigrantes da Commonwealth acabou com o direito automático das pessoas da Comunidade Britânica e das Colônias de se estabelecerem no Reino Unido (McKay, 2008, p.3). A agenda continuou em pauta por anos, como visto na fala de Margaret Thatcher, ainda Líder da Oposição, em 1978 (um ano antes de se tornar Primeira-Ministra), em entrevista ao programa *World in Action* da Granada TV sobre a imigração e a política eleitoral dos Conservadores em torno dela:

(...) I think it means that people are really rather afraid that this country might be rather swamped by people with a different culture and, you know, the British character has done so much for democracy, for law and done so much throughout the world that if there is any fear that it might be swamped people are going to react and be rather hostile to those coming in (...) We are a British nation with British characteristics. Every country can take some small minorities and in many ways they add to the richness and variety of this country. The moment the minority threatens to become a big one, people get frightened.<sup>22</sup>

A crise dos refugiados de 2015 contribuiu para o aumento da visibilidade da imigração nos meios de comunicação social, sendo muito provavelmente seguido por uma intensificação da preocupação pública sobre a imigração. Segundo Carvalho, Duarte e Ruedin (2024, p.12-13), a resposta do governo ao aumento da imigração por meio de medidas legislativas tende a contribuir para a amplificação do tema e, até mesmo, o crescimento da percepção negativa sobre ele, conduzindo a uma maior preocupação pública sobre o ‘problema’ - um padrão que para os autores pode beneficiar os partidos de oposição à essa agenda, como é o caso dos de direita. A tese escolheu investigar o ex-primeiro-ministro Rishi Sunak por ser o líder que mais ‘avançou’ a narrativa de crise nos últimos anos. Ele foi

---

<sup>21</sup> Buswell, G. (2024, Julho 9). Government and politics in the UK. *Expatica*.

<https://www.expatica.com/uk/living/gov-law-admin/british-government-103179/>

<sup>22</sup> Margaret Thatcher Foundation. (1978, Janeiro 27). *TV Interview for Granada World in Action* (“rather swamped”). <https://www.margaretthatcher.org/document/103485>

eleito em 2022 e permaneceu no cargo até 5 de julho de 2024, depois de perder as eleições gerais. Sunak sucedeu quatro gestões do Partido Conservador como uma “aposta segura”, após instabilidades institucionais como a resignação de Boris Johnson em 2019 devido a críticas por festas ilegais durante a pandemia e o comando de Liz Truss, que durou apenas 45 dias<sup>23</sup>. Caracterizado como uma escolha circunstancial ao cargo, visto que se tornou líder do partido por ser o único candidato na disputa a conquistar os requisitos necessários e, assim, passar por um processo independente do voto de deputados ou membros do partido, Sunak tentou se distanciar do contexto negativo de seus antecessores em diversas agendas; ele disse ao jornal *The Times* do Reino Unido que sua gestão se diferenciaria pelo tratamento dos problemas como crises:

Having been inside government I think the system just isn't working as well as it should (..) And the challenges that I'm talking about, they're not abstract, they're not things that are coming long down the track. They're challenges that are staring us in the face and a business-as-usual mentality isn't going to cut it in dealing with them. So from day one of being in office I'm going to put us on a crisis footing<sup>24</sup>.

Segundo ele, o país enfrentava uma emergência nacional na economia, na saúde pública e na migração, na qual ele responsabilizava barqueiros ilegais pelo aumento de chegadas no país. Depois de eleito, apresentou a proposta que ficou conhecida como ‘Stop the Boats Bill’ ou ‘Illegal Migration Law’, sobre a remoção desses indivíduos para um ‘proxy state’ - nesse caso, Ruanda.

Attitudes towards asylum seekers tend to be more restrictive compared to other groups of people moving to the UK. In April 2023, 37% of the British public said that migration to the UK should be made more difficult for asylum seekers, while this share was lower for Ukrainians (14%), Hong Kongers (21%) and Afghans (30%). The UK Government's policy towards Ukrainians fleeing war and Hong Kongers leaving Hong Kong after the passing of China's National Security Law is more generous than towards other people escaping conflict, including Afghans. People from Ukraine and Hong Kong can freely apply to bespoke visa schemes, while people seeking asylum must first cross to the UK, often irregularly, to be able to apply for asylum<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> McGee, L. (2024, Maio 24). Why UK Prime Minister Rishi Sunak called an election he's expected to lose. *CNN*. <https://edition.cnn.com/2024/05/24/uk/prime-minister-rishi-sunak-election-intl/index.html>

<sup>24</sup> Swinford, S. (2022, Julho 22). Rishi Sunak: ‘Business as usual won't cut it. I'll put government on crisis footing.’ *The Times*. <https://www.thetimes.com/uk/politics/article/rishi-sunak-business-as-usual-wont-cut-it-ill-put-government-on-crisis-footing-bnr0qb09f>

<sup>25</sup> UK Public Opinion toward Immigration: Overall Attitudes and Level of Concern - Migration Observatory. (2023, Setembro 28). *Migration Observatory*. <https://migrationobservatory.ox.ac.uk/resources/briefings/uk-public-opinion-toward-immigration-overall-attitudes-and-level-of-concern/>

Segundo The Migration Observatory da Universidade de Oxford<sup>26</sup>, houve um abrandamento de atitudes sobre o tema de 2015 para 2022, com a categoria daqueles que diziam que a imigração deveria ser reduzida mudando de 65% para 42% - percentual influenciado em 2020 pelas preocupações com o Brexit, quando o Reino Unido oficializou a saída da União Europeia, e a pandemia do Coronavírus. No entanto, percebeu-se que os debates políticos liderados por Sunak sobre essa agenda contribuíram para o recente aumento na porcentagem de pessoas que afirmam que a imigração deve ser reduzida (de 42% em 2022 para 52% em 2023). O primeiro-ministro, porém, não conseguiu transformar a pauta a seu favor.

Com ancestrais que migraram da Índia e se estabeleceram no Quênia, e pais que migraram para a Grã-Bretanha nos anos 60, o Primeiro-Ministro foi celebrado por “twice migrants” pela representatividade que traria ao grupo; em 2014, inclusive, ele atuou como chefe da Black and Minority Ethnic (BME) Research Unit do think tank conservador Policy Exchange, para o qual ele coescreveu um relatório sobre essas comunidades no Reino Unido<sup>27</sup>. Não por menos, segundo dados disponibilizados pela empresa de análise de dados BITES<sup>28</sup>, os posts com maior engajamento publicados por Sunak no X e no Instagram, entre 2022 e maio deste ano, reforçam justamente a sua identidade indiana e religiosidade hindu.<sup>29</sup> Essa informação foi obtida por meio de um sistema integrado com a API do X e do Instagram; depois da coleta, os dados passaram pelo índice Tração, desenvolvido a fim de medir a capacidade de repercussão e interações nas redes sociais, por meio de uma fórmula que pondera com diferentes pesos comentários, compartilhamentos e curtidas - com base na complexidade e energia depositada em cada tipo de ação.

Porém, logo ficou evidente o distanciamento de Sunak dessa ‘categoria’ e a sua consolidação como um *outsider* aos seus pares identitários<sup>30</sup>. Por exemplo, quando ainda era candidato pelo Partido Conservador, ele demonstrou interesse em ampliar a definição de extremismo no programa de

---

<sup>26</sup> UK Public Opinion toward Immigration: Overall Attitudes and Level of Concern - Migration Observatory. (2023, Setembro 28). *Migration Observatory*. <https://migrationobservatory.ox.ac.uk/resources/briefings/uk-public-opinion-toward-immigration-overall-attitudes-and-level-of-concern/>

<sup>27</sup> Sunak, R., & Rajeswaran, S. (2014). *A Portrait of Modern Britain*. Policy Exchange. <https://policyexchange.org.uk/wp-content/uploads/2016/09/a-portrait-of-modern-britain.pdf>

<sup>28</sup> A fórmula confidencial que utilizam tem um peso diferente para cada tipo de ação de engajamento, com maior valor aquelas que exigem mais energia depositada, sendo em ordem crescente: curtidas, comentários e, por fim, compartilhamentos.

<sup>29</sup> Publicações com maior engajamento no perfil oficial de Rishi Sunak no X e no Instagram, entre 2022 e maio de 2024; obtidas pelo Sistema BITES: <https://x.com/RishiSunak/status/1592851421749448704>; <https://x.com/RishiSunak/status/1585645864261156870>; <https://www.instagram.com/p/Cw9-SSgs5Rm/>; <https://www.instagram.com/reel/Czi85n8s-z5/>

<sup>30</sup> Wallis, W. & Raval, A. (2022, Outubro 28). ‘We have come a long way’: ‘Twice migrant’ Asians celebrate Sunak’s arrival as UK prime minister. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/789d0390-99a2-45ec-a567-dc998e170fd8>

contraterrorismo Prevent<sup>31</sup> para incluir aqueles que “vilify” (difamam) o Reino Unido; de forma a utilizar o programa no combate de ameaças à existência do país, assim como aos valores britânicos, dos quais ele compartilha - “We must never let those who seek to undermine and destroy our way of life to succeed” (Saini, Bankole & Begum, 2023, p.67). Como reportado na mídia tradicional à época, ele ainda manifestou a intenção de “reorientar” o Prevent para que o extremismo islâmico fosse considerado a maior ameaça à segurança do Reino Unido, visto que, segundo ele, tal programa havia sido desvirtuado para combater apenas militantes de direita radicalizados pela Internet<sup>32</sup>.

Endorsing pervasive British anti-immigrant and post-racial discourses becomes a way of integrating into the Conservative elite, and claiming political power while (and through) shedding negative connotations of immigrant-hood that risk their becoming ‘othered’. The larger implications of this are that the British nation state is remade and writ large to the ‘Commonwealth’, appearing to not only embrace but centre the contributions of Commonwealth citizens while remaining fundamentally White supremacist in character. (Saini, Bankole & Begum, 2023, p.57)

Ao mesmo tempo, sua forma de governar, ou a ausência dela, contribuiu para o descontentamento de seus correligionários, que anseiam os ‘velhos tempos’ do conservadorismo. O fato é que os constituintes Conservadores esperavam de Sunak maior execução da Lei da Imigração Ilegal; sentimento similar à este é compartilhado por apoiadores do Partido Trabalhista, que destacaram ainda o alto nível de imigrantes e a permissividade em pedidos de asilo entre suas insatisfações, de acordo com estudo feito pela Ipsos e a British Future (2024, p.13-15). Essa crise generalizada de confiabilidade deu ao país o maior nível de desconfiança entre os 28 países pesquisados pelo Edelman Trust Barometer (2024). No relacionamento com o governo, 30% dos britânicos dizem confiar na instituição - o terceiro índice mais baixo deste ano e o pior na série histórica do país desde 2012 (Edelman UK, 2024). Outro ponto de atenção foi a confiança na mídia, na qual o Reino Unido registrou a maior queda e foi o país que menos confia. Diferentemente do exemplo brasileiro que experienciou um caso extremo de pânico moral, ao ponto de ter ações ilegais coordenadas para contestar a esquerda política, o cenário inglês ainda apresenta características da fase inicial ao pânico moral, marcada pela construção de gatilhos à antigas ansiedades.

---

<sup>31</sup> Counter Terrorism Policing. Prevent. <https://www.counterterrorism.police.uk/what-we-do/prevent/>

<sup>32</sup> Hymas, C. (2022, Agosto 3). People with ‘extreme hatred of Britain’ could be deradicalised under Prevent scheme. *The Telegraph*. <https://www.telegraph.co.uk/politics/2022/08/02/people-extreme-hatred-britain-could-deradicalised-prevent-scheme/>

Enquanto é pouco provável que um evento consolidando a ameaça migratória aconteça no futuro próximo, nota-se como os britânicos estão suscetíveis a intensificar a preservação do futuro do país. Inclusive, para 65% das pessoas “our society is changing too quickly and not in ways that benefit people like me”; e 72% dizem que “we need forceful reformers in positions of power to bring about much-needed change” - indicando o interesse da população por mudanças drásticas (Edelman UK, 2024). Um exemplo deste contexto foi a priorização da crise pelo PM recém-eleito Keir Starmer, por meio do anúncio de um pacote de financiamento de até £84 milhões para projetos na África e no Oriente Médio, a fim de tratar ‘na origem’ os fatores que levam as pessoas a embarcar ilegalmente nos barcos (Morton, 2024). A abordagem indireta, porém, deve sofrer resistência entre aqueles que já manifestavam interesse por medidas mais efetivas à imigração ilegal, podendo retomar a imagem de Sunak e elevar o tom do debate para um pânico moral.

Em ambos os casos escolhidos, levou-se em consideração a trajetória que estes líderes políticos tiveram ao converter sua imagem de *outsider* para um empreendedor moral, porque assumiram riscos em redefinir o *status quo* - de forma a serem considerados polêmicos, com falas absurdas e com rivalidades junto às demais instituições de Estado - ao mesmo tempo em que se beneficiaram por mudar a definição e a forma de execução existente do desvio (Adut, 2004, p.531). Com suas devidas ponderações, percebeu-se na atuação dois atores a utilização de cruzadas morais codificadas ou sustentadas discursivamente; foi investigado então como eles exploraram pautas sensíveis aos seus constituintes em meio a uma crise, isto é, como a narrativa utilizada por eles sobre ‘comunismo’ e ‘imigração’, respectivamente, se ancorava em preocupações preexistentes com o tema e pretendia responsabilizar um grupo pelos problemas morais que a sociedade enfrentava.

## **2.2 A estruturação da pesquisa**

O período de análise de contexto teve início no ano no qual esses líderes oficializaram a sua candidatura ao cargo máximo de poder em seu país, sendo 2018 para Bolsonaro e 2022 para Sunak. A escolha se deu a fim de entender a influência deles nas temáticas escolhidas, de forma a identificar potenciais avanços ou retrações dessas preocupações na sociedade a partir de seus discursos pró pânico moral ainda em campanha. Isso porque no período eleitoral os candidatos tendem a buscar uma vantagem ao criticar a oposição, geralmente associando-a a um tipo de crise, de forma a apresentar o seu plano de governo e identidade como superior (Garrett, 2006, p.135). Ou seja, é o momento no qual apresentam-se como os solucionadores da desordem no establishment e, em alguns casos, empreendedores morais. O término do prazo analisado inicialmente foi maio de 2024, mas, com a convocação de novas eleições gerais no Reino Unido e as revoltas após um ataque na cidade de

Southport<sup>33</sup>, o estudo seguiu até o fim de julho de 2024 em ambos os casos, para também acompanhar as atualizações nas investigações e pedidos de inquérito dos quais Bolsonaro é alvo e sua contínua influência nas eleições municipais deste ano, por meio de uma rede de apoiadores a se candidatar. Portanto, ao final deste capítulo há uma atualização com estes eventos.

Levando em conta que esta é uma pesquisa retroativa, com base em eventos que se destacaram aos olhos do público digital, há a possibilidade de que certos conteúdos tenham sido filtrados e publicações deletadas (caso o público não tenha reagido de forma positiva a ela ou por políticas de segurança das plataformas, por exemplo). Ou seja, não são um retrato exato deste intervalo de tempo, mas uma amostra daquilo que pode prevalecer. Em busca de obter uma contextualização sobre o que ocorreu no período por meio de uma comunicação independente à visão do empreendedor moral, mostrou-se ainda necessário complementar tal metodologia com o monitoramento da mídia tradicional e dados secundários.

A fim de responder a pergunta orientadora da tese ('de que forma líderes políticos transformam crises em pânico moral?'), o primeiro passo para testar a ideia foi uma análise textual, pois segundo Wright Monod (2017, p.7-9) pânico são uma formação discursiva e podem ser identificados nos padrões como as palavras, o uso de termos e as estruturas narrativas dão origem e moldam significados. Partindo desse princípio, nota-se a necessidade de entender a atribuição de sentido a certos símbolos e a busca por eles; a proposta da tese foi investigar se há um padrão entre a troca relacional dos internautas com os líderes políticos nas redes sociais (Instagram e X) e no Google por meio da amplificação de expressões com simbologia moral.

Para tanto, este trabalho baseou-se na Social Network Analysis (SNA) com método descritivo, devido ao foco da teoria na identificação dos principais atores, funções e comportamentos em uma rede, por meio da proposição de conceitos e informações sobre o relacionamento entre as unidades estudadas. Nessa lógica, regularidades e padrões em interações dão origem a 'estruturas', cuja informação relacional seria ignorada no campo das ciências sociais tradicionais. De acordo com Wasserman e Faust (1994, p.5-7), tal estrutura da rede providencia um ecossistema de oportunidades e constrangimentos às ações individuais, por considerar a abordagem dos atores e suas ações como interdependentes; isto é, o vínculo relacional entre os nós são canais para a transferência e fluxo de

---

<sup>33</sup> Lawless, J. (2024, Agosto 1). *Misinformation fuels tension over UK stabbing attack that killed 3 children* | AP News. AP News. <https://apnews.com/article/uk-southport-stabbing-online-misinformation-1dcd23b803401416ac94ae458e5c9c06>

recursos, sejam eles materiais ou abstratos - como informações, pressão social, status e sentimentos - sendo este o foco desta tese. Por consequência, comportamentos são moldados, podendo gerar mudanças e inovações no sistema capazes de serem traçadas por esse fluxo de troca; esta é uma questão relevante para a investigação, que teve como foco o pânico moral, uma dinâmica obtida necessariamente em rede, por meio da capacidade de certos atores em transmitir a ameaça urgente que determinados rompimentos de padrões normativos representam ao *status quo* (Mahara, 2023).

The network perspective differs in fundamental ways from standard social and behavioral science research and methods. Rather than focusing on attributes of autonomous individual units, the associations among these attributes, or the usefulness of one or more attributes for predicting the level of another attribute, the social network perspective views characteristics of the social units as arising out of structural or relational processes or focuses on properties of the relational systems themselves. (Wasserman & Faust, 1994, p.7-8)

Foi considerado como “social network” um conjunto de indivíduos direto ou indiretamente conectados (Perry, Pescosolido & Borgatti, 2018, p.xvii). O termo foi empregado em inglês para facilitar a distinção do uso coloquial de ‘redes sociais’, que foram tratadas com recorrência na tese pela sua aplicabilidade como ‘ferramenta de coleta de dados’, devido a vários atributos - como likes e hashtags - que indexam e ancoram as comunicações, de modo a unir usuários espacialmente dispersos em comunidades de interesse e identidade compartilhados (Walsh, 2020, p.843). Da mesma forma que o algoritmo favorece a popularidade de certos atores, dependendo de sua habilidade em explorar as funcionalidades do digital, as redes sociais têm o poder de definir ou empurrar certos tópicos para o centro da discussão e, por consequência, influenciar o que as pessoas consideram importante (van Dijk & Poell, 2013, p.6-7). Isso porque a atenção do usuário tornou-se uma commodity para as empresas donas das ferramentas, e esta assimetria de controle traduz-se numa indústria enriquecida pela recolha, atribuição e inferência de pontos de dados (Reviglio & Agosti, 2020, p.1). Neste sentido, as redes sociais podem ser vistas como um ‘ambiente controlado’, com capacidade de explorar as vulnerabilidades de seus usuários, a fim de entregar ao público os conteúdos mais relevantes aos seus interesses e expor à rede como um todo o que é popular. Essa é uma dinâmica pouco contestada no uso cotidiano por, muitas vezes, apresentar-se de forma sutil entre os relacionamentos - como visto nos Trending Topics, nas publicações recomendadas e na organização do Feed de notícias. Dessa forma, a tese levou em consideração este ‘filtro orgânico’ atribuído pelas redes sociais para selecionar pontos de atenção no estudo de pânico moral.

A partir de uma análise prévia de contextualização e utilizando a dedução para fazer inferências, a fronteira de análise escolhida tomou como base as temáticas mais associadas a Jair Bolsonaro e Rishi

Sunak, inclusive nas buscas mais bem indexadas no Google. A estratégia em usar a estrutura de links mais populares como categorização partiu do princípio de que o pânico moral precisa amplificar uma ameaça percebida a partir da promoção de um conjunto de princípios, identificados na tese pela reprodução narrativa de termos específicos. No estudo de caso brasileiro foi considerado como recorte as discussões sobre ‘comunismo’ e ‘socialismo’, termos historicamente tratados como uma ameaça à nação, sendo que 52% dos entrevistados pelo Datafolha acreditavam que o Brasil poderia se tornar um país comunista e 36% avaliavam a ditadura como benéfica ao país (G1, 2023); este ‘senso comum’ foi explorado pelo militar da reserva Bolsonaro ao propor que a oposição política (especialmente o Partido dos Trabalhadores) e certas instituições (como o Supremo Tribunal Federal) representavam um risco à estabilidade da democracia. O caso inglês teve como segmento temático ‘imigração’ e ‘refugiados’ devido aos debates liderados pelo PM Sunak, cuja situação no país se resume a:

The latest annual estimate of the overall level of immigration is for the year ending June 2023, when around 1,180,000 people are believed to have migrated to the UK (...) Adding in these more recent figures, as well as family reunion figures, brings the total immigration estimate for that year to around 1,250,000 people. Of these, around 97,000 were asylum seekers (...) Altogether this suggests that around 16% of immigration was accounted for by asylum seekers and refugees (around 196,000 individuals in total). (Sturge, 2024)

Este cenário contribuiu para que o Reino Unido obtivesse a sua pior classificação desde 2006 no Fragile States Index (2024), desenvolvido pelo The Fund for Peace e responsável por identificar as pressões mais salientes de um país. À vista disso, destacaram-se os indicadores de coesão: ‘Group Grievance’, que foca nas divisões entre os diferentes grupos na sociedade “particularly divisions based on social or political characteristics – and their role in access to services or resources, and inclusion in the political process”; e ‘Factionalized Elites’, que considera a fragmentação das instituições do Estado entre “ethnic, class, clan, racial or religious lines, as well as and brinksmanship and gridlock between ruling elites”.

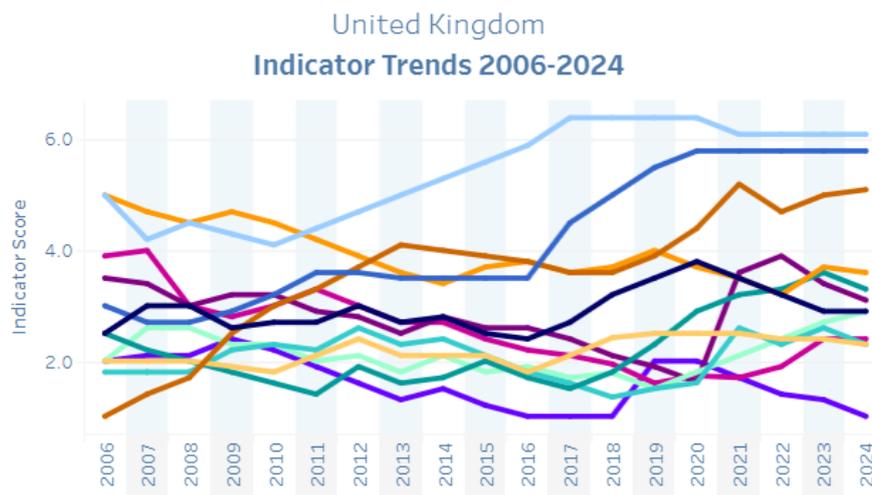


Tabela 1 Fragile State Index Reino Unido

Gráfico de Tendências dos Indicadores de 2006-2024

Nota: Group Grievance - linha azul claro; Factionalized Elites - linha azul escuro

Em seguida, foi verificado no Google Trends como cada tema se comportou no país nos últimos 5 anos. Após identificar as datas com picos de interesse, foi realizada uma ‘busca reversa’ nas redes sociais de Bolsonaro e Sunak, assim como na mídia local, para determinar se havia uma correlação narrativa entre os líderes e o aumento de interesse no tema. Caso verdadeiro, foi feita uma análise de conteúdo com base na legenda dos posts no Instagram e nos Tweets publicados por eles, com o intuito de identificar uma narrativa segregacionista, instaurando um senso de urgência, enfatizando os riscos que o grupo e o que eles representam podem sofrer ou, até mesmo, marcando uma segregação entre “nós” e “eles”. Nesta etapa, a abordagem utilizada foi a análise de conteúdo, que tem por finalidade “efectuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens)”. Para tanto, teve-se a análise temática como indicador, de forma que o recorte segundo temas, padrões de comportamento e juízos contribuiu para a formação de uma análise comparativa das atitudes valorizadas e desvalorizadas nas quais foi possível inferir o sistema de valores/ ideologia, assim como o conformismo à normas e a integração em um grupo social (Bardin, 1977, p.42, 90).

A escolha em utilizar os mesmos termos ditos pelos atores nas redes sociais e nas buscas no Google Trends reforça a ideia de que o interesse social foi instigado por um empreendimento moral, em um processo conhecido como ‘idea flow’, no qual novas ideias e crenças são exploradas entre redes e o engajamento é gerado a fim de que a conduta da rede se coordene - neste caso, no pânico moral em torno de um assunto que ameaça a ordem (Pentland, 2014, p.3, 15). Em alguns casos, foi verificada a

necessidade em ampliar as buscas iniciais do Google Trends, após a checagem do uso dos termos nas redes sociais. No caso de Bolsonaro, isso ocorreu ao perceber que ele intercalava o uso de ‘socialismo’ e ‘comunismo’ para se referir aos mesmos perigos morais; já com Sunak, a partir da busca inicial por ‘imigração’ percebeu-se a necessidade de incluir a pesquisa por ‘Illegal Migration Law’, a fim de compreender um recorte mais específico das discussões.

Quando existe ambiguidade na referência do sentido dos elementos codificados, necessário é que se definam unidades de contexto, superiores à unidade de codificação, as quais, embora não tendo sido tomadas em consideração no recenseamento das frequências, permitem, contudo, compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto. (Bardin, 1977, p.36)

Diferentemente das buscas na página inicial do Google, que utilizam a localização do internauta para recomendar os links mais adequados, no Google Trends há a possibilidade de filtrar a partir das buscas feitas em um determinado local, criando uma normalização no acesso<sup>34</sup>; por exemplo, para entender o padrão de pesquisas sobre imigração, foi feita uma seleção na aba de região por Reino Unido. Dessa forma, não se mostrou necessário estar presente nos países analisados, visto que o próprio Google Trends realiza um filtro de localização para as pesquisas. Vale destacar ainda que foram considerados apenas “assuntos” no Google Trends, ao invés de “termos de pesquisa”, por serem o “resultado de uma agregação via inteligência artificial, que reúne buscas realizadas com termos diferentes (inclusive em idiomas diferentes) mas que dizem respeito ao mesmo assunto” (Belisário, Rodrigues, Gehrke, 2020). A mesma lógica foi reproduzida na categoria Assuntos e Pesquisas Relacionadas, na qual “o primeiro deles traz palavras-chave relacionadas que os usuários também procuraram antes ou depois de buscar pelo seu termo principal. Já as pesquisas relacionadas trazem uma série de temáticas que estariam ligadas com a keyword que você pesquisou” (Estrella, 2024). Essas separações da ferramenta são mais um fator considerado pela tese para confirmar a hipótese ‘o algoritmo das redes sociais (Instagram e X) e do Google contribuem para o pânico moral’, visto que essa estrutura favorece o agrupamento narrativo de um conjunto de ‘nós’ (atores), que poderiam estar distantes e passam a ser conectados por meio de ‘arestas’ (interesse digital); assim, ao evidenciar picos de busca na série histórica e termos associados, por exemplo, o Google Trends estimula a atenção a pontos específicos de forma que a comunicação do empreendedor moral tenha uma continuidade além de seu perfil no Instagram ou X por meio da indexação às buscas por termos morais, coordenando ações em torno de uma rede temática.

---

<sup>34</sup> Perguntas frequentes acerca dos dados do Google Trends. [Google Trends]. <https://support.google.com/trends/answer/4365533?hl=pt-PT>

Outro ponto considerado para verificar essa hipótese tem relação à captura dos posts nas redes pessoais dos líderes políticos. A escolha em realizar o processo de forma manual se deu por melhor compreender as affordances das ferramentas; a tese considerou como a própria arquitetura das ferramentas escolhidas poderia contribuir para a análise, de forma que todos os usuários estejam condicionados aos mesmos recursos, sem depender de API (Interface de Programação de Aplicação) ou softwares externos de raspagem de dados. Portanto, no X (antigo Twitter) foi utilizada a busca avançada para selecionar os períodos de pico identificados no Google Trends, assim como o filtro de palavras e hashtags para cumprir com o recorte temático. No Instagram, por sua vez, devido ao design mais restrito de interações da rede social, foi feita uma busca manual retroativa nos perfis oficiais dos políticos a fim de identificar a narrativa em torno dos períodos de pico do Google Trends. Dessa forma, para investigar essa dinâmica, foi utilizado o método misto, por meio da análise de conteúdo e interações nos posts de Jair Bolsonaro e Rishi Sunak no Instagram e no X; e na análise de engajamento digital com base nas buscas e padrões de comportamentos associados aos termos referidos pelos líderes políticos, no Google Trends.

A network perspective allows for, and even calls for, multi method approaches. Any notion that there is only one way to approach understanding the nature, functioning, and effects of network ties is outdated and inefficient. (...) Further, there is no standard way to collect network relationships, as both qualitative and quantitative approaches are relevant. Networks may be derived from a list on a survey where individuals are asked to name people they trust, admire, dislike, or with whom they share information. Alternatively, the information may be generated from observations of individuals' behavior (e.g., who they talk to in their work group), "scraped" from the Internet, or recorded from archival sources. (Perry, Pescosolido & Borgatti, 2018, p.12)

Tais plataformas e buscador foram selecionadas devido a sua influência na coordenação de comportamentos reativos a novos eventos. No X (antigo Twitter), por exemplo, o design e estrutura são voltados principalmente para texto, embora os tweets também possam ter imagens ou vídeos associados a eles. Com a possibilidade de usar links para materiais externos, a plataforma pode operar por vezes como "a transit hub or node, rather than a destination in and of itself, as users are directed to third-party spaces" (Hermida & Mellado, 2020, p.5). Para o foco desta tese, as características consideradas mais relevantes ao pânico moral foram o limite de palavras nas postagens, que induz a uma comunicação mais objetiva, sem explicações demasiadas de uma ideia; a projeção de tendências (Trending Topics), que propicia a amplificação de preocupações e a exposição à potenciais 'ameaças',

especialmente por se tratar de um dos poucos recursos ‘generalistas’ da ferramenta, que retrata além da bolha de seguidores diretos de um perfil; e a dinâmica em reportar o ‘agora’:

(...) the platform is designed to be in the now, as reflected in its cue to users – “What’s happening?” The structure signals an ideal for use of the platform – the transmission of short bursts of just-in-time information that relate something that has just happened. In other words, event-based and event-driven immediate and instant exchanges of fragments of information. (Hermida & Mellado, 2020, p.5)

Já no Instagram, a outra plataforma selecionada pela tese, observa-se o destaque ao conteúdo visual, que costumava ser apresentado em feeds em ordem cronológica inversa, com o mais recente primeiro. Porém, em 2016, passou para uma classificação algorítmica, que privilegia conteúdos considerados mais relevantes para cada indivíduo (Hermida & Mellado, 2020, p.6). Atualmente, a ferramenta reforça o fator temporalidade por meio de *stories*, conteúdos com prazo determinado para acabar e que permitem a divulgação de links, inclusive aqueles que direcionam para fora da rede social - ao contrário das publicações no *feed*. Além disso, identificou-se nesse processo certas ferramentas que aumentam o alcance da postagem; assim como no X, no Instagram as hashtags são um meio eficaz de indexar postagens fora da rede de seguidores imediatos, indicando como o recorte temático é um elemento estruturante na expansão de uma *social network* na plataforma. Apesar da arquitetura direcionada para imagens, e o recente enfoque em vídeos, na tese foi considerado apenas as legendas e parte escrita destes conteúdos, a fim de uniformizar a análise com o antigo Twitter e por entender a importância da escolha discursiva na formação de símbolos e significados aos pânicos morais (Monod, 2017, p.7-9).

Além destes fatores relacionados à programabilidade, o X e o Instagram foram escolhidos por estar entre os sites mais visitados e os aplicativos mais usados na Internet - a liderança fica com o Google e em quarto e quinto lugar o Instagram e o X (antigo Twitter), respectivamente, segundo pesquisa feita DataReportal, We Are Social e Meltwater (2024, p.50, 55, 87). O Instagram também se destaca como a plataforma ‘favorita’ entre os usuários ativos entrevistados. O Twitter, por sua vez, foi apontado pela maioria (60,6%) como a rede social para “manter-se atualizado com notícias e eventos atuais”, indicando sua relevância na construção de disposições e intolerâncias à mudanças (p.237, 242). Os participantes do levantamento afirmaram ainda que o principal motivo de usarem a Internet é estar em contato com amigos e familiares, além de para achar informações (p.52, 55; Similarweb, 2024).

À vista disso, e utilizando a teoria SNA como suporte, a tese entendeu o recorte temático não apenas como uma forma de restringir as narrativas observadas, mas também como a conexão que estabelece o link entre um subgrupo e permite que a ideia proposta por um ator, nesse caso Bolsonaro e Sunak, flua entre as plataformas. A proposta da tese foi considerar essa dinâmica como um único conjunto de atores (one-mode network), relacionados pela transferência de um bem não material: o interesse em um assunto/ replicação narrativa. Por mais que não seja possível correlacionar os seguidores dos líderes políticos com aqueles que acessam o Google Trends, cuja busca é anônima, o objetivo da pesquisa é analisar o padrão comportamental ao invés de atributos individuais, uma vez que no estudo do pânico moral o enfoque se dá ao nível de ações coletivas (Wasserman & Faust, 1994, p.18-19, 37).

### **3. Os insights da análise**

A ideia para a estratégia metodológica de recolha e análise de dados da tese surgiu após a ‘leitura flutuante’ sobre o contexto de Bolsonaro e a criação da hipótese de que, a partir de dados obtidos nas redes sociais de empreendedores morais, seria possível identificar casos de construção de pânico moral por meio da coordenação das preocupações dos usuários entre o que é dito nos perfis oficiais dos líderes e o que é pesquisado. Isso foi feito pelo monitoramento de buscas no Google Trends sobre símbolos e significados identificados na análise de contexto como relevantes ao empreendedor; em seguida foi verificado se os posts no perfil do X e no Instagram de Bolsonaro e Sunak impulsionava o interesse digital ao corresponder a frequência narrativa com a série histórica do Google Trends; por fim, foi feita uma análise de conteúdo para verificar se nestes posts com alto engajamento haveria um apelo dos líderes à diminuição da tolerância à mudanças e ao aumento da predisposição social a considerá-las uma ameaça à ordem (Cohen, 1972/80, p.xxxvii). A tese realizou na análise dos dados coletados a sistematização de determinados campos semânticos, “constituídos por certas ideias-força que se apresentam de forma regular e repetitiva no discurso desses agentes sociais”, por entender que estes “funcionam, assim, como ‘chaves de leitura’ para as interpretações da conjuntura política nacional e orientadores de suas ações” (Messenberg, 2017, p.621).

#### **3.1 A consistência bolsonarista**

Por se tratar de uma gestão comandada majoritariamente durante a pandemia, o ponto de partida escolhido foram as associações de Bolsonaro ao termo “Cloroquina”; na mídia tradicional, percebeu-se como ele estava ‘isolado’ na proposição deste novo ‘medicamento’ para a Covid-19. Forte opositor às vacinas, ele declarou diversas vezes que elas estavam em uma fase experimental, podendo produzir efeitos como “nascer barba em alguma mulher aí ou algum homem começar a falar fino” (Lopes, 2022). O capitão reformado do Exército e seu ex-ajudante de ordens, Mauro Cid, foram inclusive indiciados pela Polícia Federal na investigação que apura suspeita de fraude no certificado de vacinação contra Covid-19 de Bolsonaro, após ser acusado no sistema que o então presidente havia sido vacinado. A entidade concluiu em relatório que o ex-presidente “agiu com consciência e vontade” para inserir dados falsos, de forma a beneficiar sua filha e a si próprio na ida aos Estados Unidos da América - por ser um dos requisitos de entrada no país à época (Estadão Conteúdo, 2024). A partir disso, observou-se necessário entender o padrão de buscas pelo termo Cloroquina no Google Trends, cujo pico nos últimos 5 anos ocorreu entre 17-23 de maio de 2020, tendo gerado um interesse inicial em 22-28 de março do mesmo ano:

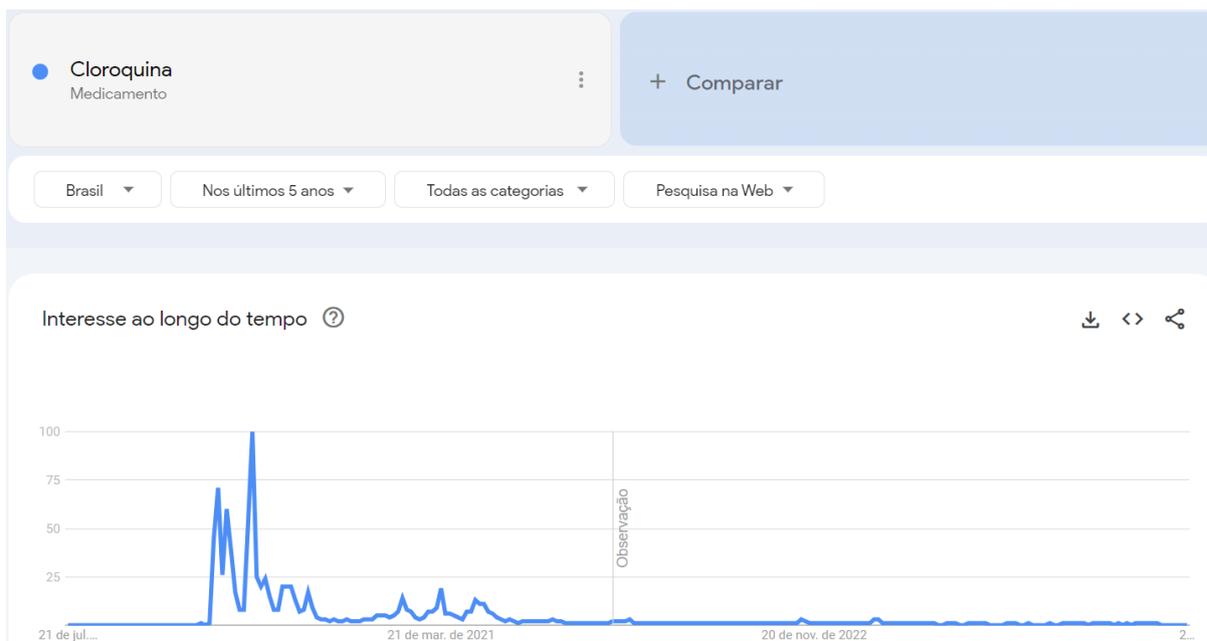


Figura 1 Cloroquina

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Cloroquina, no Brasil, nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 02 de julho de 2024

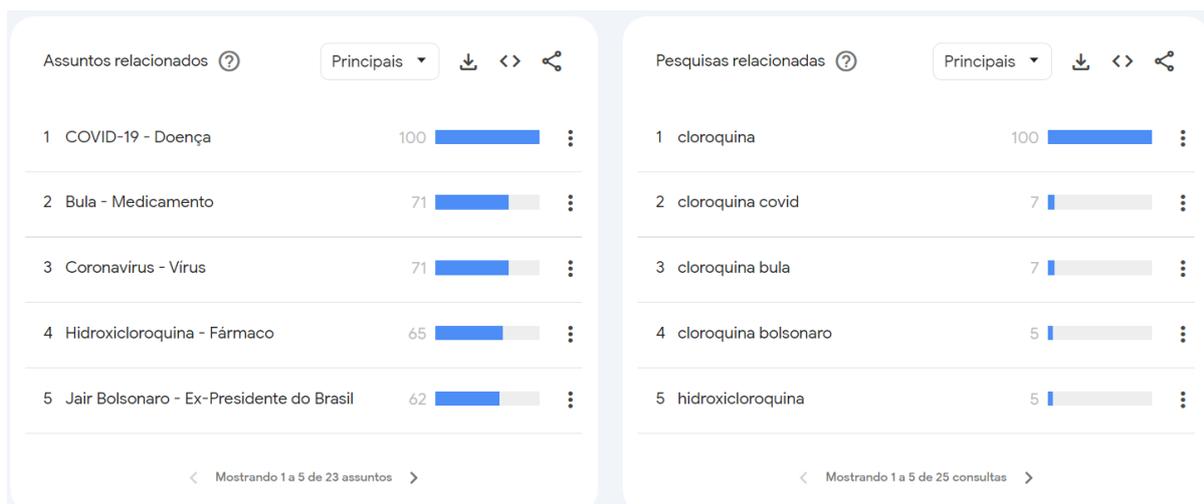


Figura 2 Cloroquina, tabela

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Cloroquina, no Brasil, nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 25 de julho de 2024

Este assunto é particularmente relevante, pois não havia um histórico de buscas antes da pandemia, mesmo sendo um medicamento tradicional no tratamento da malária, e demonstra como Bolsonaro foi o principal nó nesta narrativa: ele está em quinto e quarto lugar nos principais assuntos e pesquisas

relacionadas (imagem 2). Estes períodos de maior engajamento correspondem às publicações que ele realizou em suas redes sociais no Instagram<sup>3536</sup> defendendo o medicamento, até então, sem comprovação científica no combate ao Coronavírus. Vale ponderar que por ser um período de crise, os internautas estavam mais suscetíveis à novas ideias e poderiam ter se engajado pelo pânico ao redor da disseminação; então, para explorar a capacidade bolsonarista em rede, o próximo tema escolhido para análise pode ser usado de forma coloquial (ao contrário do nome de um medicamento pouco divulgado anteriormente) e poderia ter sido impulsionado por outras forças, mas mesmo assim, segue o fluxo de estímulos dado por Bolsonaro. Para tanto, foi feita uma análise de conteúdo qualitativa a nível semântico, o tema, e posteriormente a um nível linguístico, com base na palavra ou a frase utilizada, a fim de investigar os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação dos empreendedores morais escolhidos (Bardin, 1977, p.105-107).

Este é o caso do “Socialismo”, tema presente desde o primeiro discurso de Bolsonaro como Presidente da República. Ainda em sua posse, ele abriu a solenidade com a frase “E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”<sup>37</sup> - sendo que esta última expressão alcançou o seu maior ponto de pesquisas justamente em janeiro de 2019, quando ele assumiu o cargo<sup>38</sup>. Depois de observar a importância da oposição ao socialismo para a construção da identidade moral de Bolsonaro, foi feita uma análise pelo termo no Google Trends considerando o período definido pela tese (2018 a maio de 2024). Ficou evidente (imagem 3) o poder dos períodos eleitorais no interesse digital, que ocorreram respectivamente em outubro de 2018 e 2022; porém, devido às limitações da ferramenta em agrupar mensalmente as buscas quando selecionado um longo período de tempo, não ficou possível determinar se esse padrão é uma resposta aos incentivos narrativos de Bolsonaro ao invés de uma simples reação à cobertura midiática destes eventos políticos.

---

<sup>35</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2020, março 28). Tratamento: covid-19 / Mais detalhes das ações do Governo Federal. [Instagram]. [./www.instagram.com/p/B-R1MmiH2WE/](https://www.instagram.com/p/B-R1MmiH2WE/)

<sup>36</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2020, maio 20). @minsaude @governodobrasil. [Imagem com texto]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CAajp-jnJSw/>

<sup>37</sup> Veja a íntegra dos dois discursos de Bolsonaro no dia da posse. (2019, Janeiro 2). UOL Notícias. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/em-2-discurso-bolsonaro-fala-em-acabar-com-ideologia-que-defende-bandido.htm>

<sup>38</sup> Busca pelo assunto Politicamente Correto no Google Trends, no Brasil, de 01/01/2018 até 31/05/2024 <https://trends.google.com/trends/explore?date=2018-01-01%202024-05-31&geo=BR&q=%2Fm%2F05s4m&hl=pt>

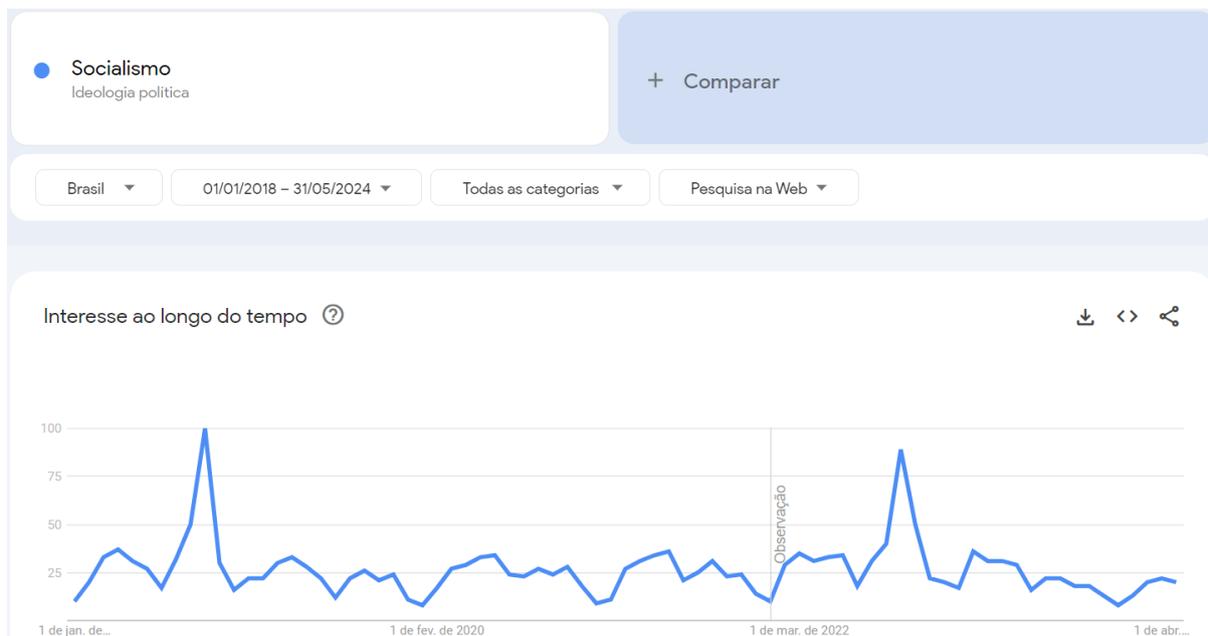


Figura 3 Socialismo

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Socialismo, no Brasil, de 01/01/2018 até 31/05/2024

Nota: captura feita no dia 14 de agosto de 2024

A partir disso, optou-se pelo filtro ‘nos últimos 5 anos’ a fim de identificar se o aumento de interesse em dias específicos corresponde de fato aos estímulos do empreendedor moral escolhido. Os picos observados foram: 2-8 de outubro de 2022, 23-29 de outubro de 2022, e 30 de outubro a 05 de novembro de 2022 (imagem 4). Entre os assuntos relacionados em ascensão, identifica-se Partido dos Trabalhadores, sigla de Lula e Dilma, em 9º lugar; e “Lula é socialista” em 14º lugar das pesquisas relacionadas. Durante a campanha, Bolsonaro compartilhou diversas publicações com líderes mundiais apoiando a sua candidatura. Em um desses posts, feito por Donald Trump, Bolsonaro afirma na legenda “(...) hoje somos respeitados no mundo todo e contamos com o apoio de nações livres e prósperas e não mais de ditaduras socialistas, como no passado” - referindo-se aos governos anteriores de mandatários petistas<sup>39</sup>. Isoladamente, esta publicação comprova o sistema de valores do então presidente brasileiro, cumprindo com o fator moral, mas não evoca pânico, devido à falta do senso de urgência em agir contra uma ameaça. Porém, segundo a teoria de SNA utilizada na tese, mostra-se necessário considerar as regularidades e padrões nas interações para compreender as estruturas sociais; por isso, deu-se enfoque ao papel do contexto na construção de um pânico moral.

<sup>39</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, outubro 2). Obrigado, meu amigo Trump! Graças ao apoio do povo brasileiro e de nossa determinação em lutar pelos interesses do Brasil. [Vídeo com legenda]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CjMertZuUJo/>

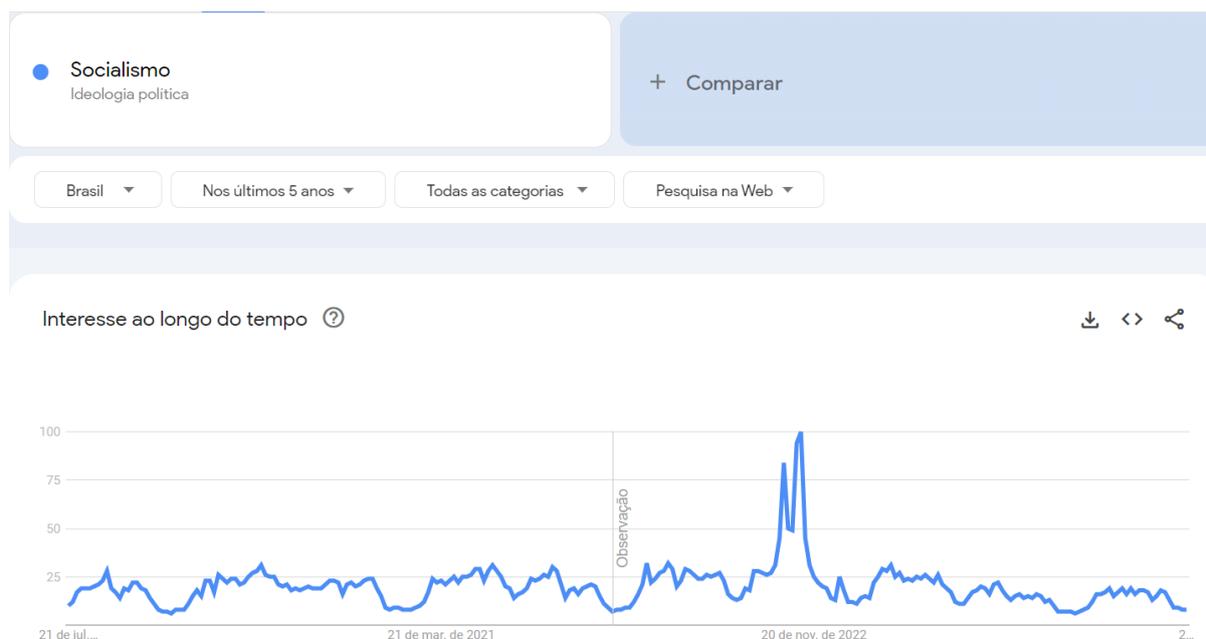


Figura 4 Socialismo, últimos 5 anos

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Socialismo, no Brasil, nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 25 de julho de 2024.

Jair Bolsonaro continuou postando relatos midiáticos sobre o “mau desempenho” de alguns países latinos para “comprovar” os impactos da ameaça socialista e pediu a Deus para que isso não acontecesse com o Brasil<sup>40</sup>. Outro post feito neste período foi um vídeo enviado por Juan Guaidó<sup>42</sup>, então Presidente da Assembleia Nacional na Venezuela e líder da oposição contra Maduro. Ele ganhou o respaldo internacional de países como os Estados Unidos da América e o Brasil, depois de se autodeclarar o presidente interino do país em 2019 (G1, 2019). Mais uma vez, o enfoque dado foi à legenda criada por Bolsonaro no vídeo, ao considerar a sua interpretação da mensagem como o elemento central da análise. O objetivo com isso foi entender a visão do empreendedor moral e como ele propõe que seus seguidores deem sentido aos fatos; como descrito na pergunta de partida da tese: ‘de que forma líderes políticos transformam crises em pânico moral?’.

<sup>40</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, outubro 5). [Vídeo com legenda]. [Instagram].

<https://www.instagram.com/p/CjVhKgvjuak/>

<sup>41</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, outubro 6). [Vídeo com legenda]. [Instagram].

<https://www.instagram.com/p/CjXzzKzDNVd/>

<sup>42</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, outubro 2). Os venezuelanos acompanharão com apreensão a eleição brasileira, pedindo a Deus para que o Brasil siga sendo um refúgio. [Vídeo com legenda]. [Thread]. [Twitter]. <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576373031177715712>

Por exemplo, na expressão “(...) que não voltemos nunca mais a eleger políticos que apoiam e financiam a ditadura que os massacra”, entende-se a ditadura como algo que aconteceu com terceiros e que o ponto que o toca foi ter um representante ‘apoiador’ e ‘financiador’ desse processo. Ele não reconhece o fato de o Brasil ter passado por uma ditadura, pois de acordo com seu conjunto moral o ocorrido foi um processo revolucionário realizado por militares e celebrado como "o grande dia da liberdade" às “ameaças terroristas” que a esquerda representava à região na época (Mergulhão e Castro, 2021). Percebe-se assim que o ex-presidente se refere a governos não democráticos de outros países da América Latina; ao dizer “o Brasil seguirá sendo uma luz para os que sonham com um futuro mais livre na nossa América Latina”, ele enaltece o país colocando-o em um papel de liderança contra o que considera uma repressão política. E continua com “e seguirá acolhendo nossos irmãos flagelados pelo socialismo”, no qual o verbo ‘acolher’ indica dar refúgio ou proteção àqueles castigados ou atormentados pelo socialismo; já o grau de parentesco usado (irmãos) é comumente referido por latinos para aumentar a proximidade identitária entre os países.

De acordo com a lógica inferencial da análise de conteúdo, que indaga o que é que conduziu a esta fala, entende-se que a mudança na perspectiva histórica foi uma das principais agendas do mandatário, reconhecido como “o primeiro militar eleito por voto direto para o Planalto em mais de 7 décadas” (Bardin, 1977, p.39); entre as diversas vezes que Bolsonaro tentou replicar esse significado específico para a ditadura, distingue-se a proposta de inserir nos livros didáticos distribuídos às escolas públicas mudanças a respeito do golpe militar de 1964 e da ditadura que se seguiu durante 21 anos no país - que, para ele, havia sido uma ‘revolução’ - além de imagens da bandeira do Brasil e do hino nacional na capa (Vargas, 2020; Murakawa & Araújo, 2019). Nessa mesma linha, seu governo foi acusado de influenciar a demissão de mais de 30 servidores no Ministério da Educação às vésperas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), por estarem descontentes com a suposta vigia e interferência ideológica no processo. À época, o então presidente disse que a prova teria “a cara do governo” e expressou o seu desejo em aplicar uma questão sobre o regime militar para “começar a história do zero” (Gomes, 2021).

O primeiro e o terceiro intervalo de tempo nas buscas por Socialismo também correspondem ao ápice de buscas por “Comunismo” (imagem 5) - ao perceber a transição narrativa do capitão entre essas palavras-chaves e a reação das buscas aos mesmos estímulos, mostrou-se necessário incluir “Comunismo” à investigação. Este ponto mostra-se relevante pois exemplifica o papel do empreendedor moral na construção de novos significados, visto que Bolsonaro minimiza a diferença conceitual entre os dois termos e os promove como sinônimos à ameaça que a esquerda política representa. Um exemplo disso está na identificação do nome do presidente Lula está entre os

principais assuntos associados pelos usuários ao buscar pelo termo, em 14°. Entre os termos em ascensão, que obtiveram um crescimento de interesse na plataforma durante o período analisado, destaca-se: “Lula é comunista?” (10) e “Lula comunista” (13) - Pesquisas relacionadas (imagem 5).



Figura 5 Comunismo

Assuntos relacionados		Pesquisas relacionadas	
	Em ascensão		Em ascensão
6	Diferença - Filosofia	Aumento repentino	6 coelho comunista
7	Partido dos Trabalhadores - Assunto	Mais 1.650%	7 loli comunista
8	Guerra mundial - Assunto	Mais 800%	8 símbolo comunista teclado
9	Crítica - Assunto	Mais 600%	9 o'que foi a intentona comunista
10	Trabalhador - Trabalho	Mais 450%	10 lula é comunista?

Figura 6 Comunismo, tabela

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Comunismo, no Brasil, nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 25 de julho de 2024

Visto que as buscas são feitas por termos específicos, de forma manual por escolha do observador, há uma limitação em entender a frequência que o assunto é tratado, especialmente em casos no qual um dos termos ditos pelos empreendedores não esteja na lista de palavras analisadas. Por exemplo, no caso de Bolsonaro, há uma constância nos posicionamentos contra a esquerda que pode variar de

menções diretas a nomes de lideranças políticas ou países aderentes, na sua opinião, desta ideologia. Isto não é possível de perceber unicamente pelo gráfico do Google Trends sobre comunismo e socialismo. Por isso a necessidade da análise de contexto e do monitoramento dos perfis selecionados, a fim de acompanhar a flexibilidade narrativa destes líderes e o potencial surgimento de novos eventos e alvos de pânico moral.

Como no post a seguir, no qual Jair Bolsonaro alertou à possibilidade de a oposição manipular discursos a fim de ancorar-se nos símbolos e significados por ele defendido durante toda sua gestão:

É preciso estar atento. A partir de hoje, mais do que nunca, os que amam o vermelho passarão a usar verde e a amarelo, os que perseguiram e defenderam fechar igrejas se julgarão grandes cristãos, os que apoiam e louvam ditaduras socialistas se dirão defensores da democracia. Temos o privilégio de não precisar enganar o povo sobre quais são nossos valores neste período: somos a favor da família, do livre mercado e do direito à legítima defesa. Somos contra as drogas e o narcotráfico, o controle da mídia e internet, a ideologia de gênero e o aborto.<sup>43</sup>

No enunciado, percebe-se que o termo ‘vermelho’ é usado para se referir à esquerda, em alusão à simbologia comunista, enquanto o ‘verde e amarelo’, cores da bandeira do Brasil, foi utilizado por Bolsonaro para associar os seus apoiadores aos verdadeiros patriotas. Inclusive, a camisa da seleção brasileira de futebol foi por muitos anos promovida como o ‘uniforme’ bolsonarista, assim como camisetas com os dizeres ‘Minha cor é o Brasil’<sup>44</sup>. Dessa forma, em uma busca exclusiva ao Google Trends, tal publicação não seria identificada nas categorias Socialismo e Comunismo pelo distanciamento do termo ao conjunto de palavras consideradas pelo algoritmo de agrupamento. Por isso, a tese observou em complemento o que a mídia tradicional considerava como pauta, a fim de traçar outros pontos de influência ao interesse e atenção popular; como este post, feito por Bolsonaro para oficializar a ‘abertura’ de sua campanha digital à reeleição, enquanto seu lançamento ‘físico’ ocorreu em um evento no mesmo local onde sofreu um ataque à faca em 2018 (Poder 360, 2022).

Outra técnica utilizada foi a análise dos posts de maior engajamento de Bolsonaro desde 2018 até maio deste ano, fornecidos pela consultoria BITES, nos quais também se destacam publicações sobre as eleições de 2022. O período sugere a proximidade da ameaça petista ao bolsonarismo, trazendo

---

<sup>43</sup>Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, agosto 16). É preciso estar atento. [Thread]. [Twitter]. <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1559550050296004611>

<sup>44</sup>Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2023, janeiro 9). MAIS SOBRE 2019-2022. [Imagem com legenda]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CnMljO1L5ZU/>

um senso de urgência e coletividade - visto que o voto é obrigatório no Brasil, a amplificação da preocupação social é mais viável. De fato, ao analisar o conteúdo dos posts em destaque, observa-se a comprovação do processo reacional dos seguidores de Bolsonaro, em uma espécie de ‘warning phase’ às invasões aos edifícios do governo federal em Brasília em janeiro de 2023, em retaliação à posse de seu opositor (Cohen, 2002, p.164). Com relação ao conteúdo, a liderança é de um vídeo de Bolsonaro pedindo a liberação das rodovias no país interdadas por seus apoiadores insatisfeitos com o resultado das eleições<sup>45</sup>. Ainda se sobressaem dois posts pré-eleitorais nos quais ele apela à vilanização de Lula. No primeiro há o trecho:

Esta disputa não decidirá apenas quem assumirá um cargo nos próximos quatro anos. Esta disputa decidirá nossa identidade, nossos valores e a forma como seremos vistos pelo mundo e pelo próprio Deus. Lutemos pela liberdade, pela honestidade, por nossos filhos e pelo Brasil (...) Pela graça de Deus, nunca perdi uma eleição e sei que não será agora, quando a liberdade do Brasil inteiro depende de nós, que iremos perder<sup>46</sup>.

No segundo há uma passagem bíblica: “Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo, pois a nossa luta não é contra humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas...”<sup>47</sup>. A escolha por antônimos, ao seu lado Deus e do outro o Diabo e o ‘mundo das trevas’, ilustra com símbolos tradicionais do Bem e do Mal o que a disputa presidencial representava, inclusive alegando punição divina àqueles que escolhessem errado. Em complemento, Bolsonaro refere como esse processo teria um impacto decisivo na ‘identidade’ e ‘valores’ da sociedade, de forma que ‘a liberdade do Brasil inteiro’ dependeria dele e de sua rede. Um ponto de atenção trazido pelo último verso “contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas...” foi a referência de que, mesmo tendo o cargo máximo de Poder Executivo no país, Bolsonaro prefere se manter como um *outsider* do próprio sistema que comanda; dessa forma, ele consegue distanciar sua gestão de decisões governamentais tomadas por outros órgãos e contrárias ao seu cunho ideológico.

Uma das figuras utilizadas pelo ex-presidente para explorar essa ideia foi o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) Alexandre de Moraes, responsável por comandar inquéritos contra a família e aliados de Bolsonaro. Entre eles, o das fake

---

<sup>45</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, novembro 2). Presidente Jair Bolsonaro pede a manifestantes que desobstruam as rodovias. [Vídeo]. [Twitter]. <https://x.com/jairbolsonaro/status/1587937176741851137>

<sup>46</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, outubro 3). Contra tudo e contra todos, tivemos no 1º turno de 2022 uma votação mais expressiva. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CjPU4QEOH22/>

<sup>47</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, outubro 30). Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo. [Instagram]. [https://www.instagram.com/p/CkUmzQMOdKs/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CkUmzQMOdKs/?img_index=1)

news, que investiga notícias fraudulentas, ofensas e ameaças aos ministros do STF, e cujo alvo inclui o ‘gabinete do ódio’ - mencionado anteriormente. A condução do inquérito é alvo de controvérsias desde a sua origem em 2019, por apresentar práticas contrárias à condução convencional do Supremo como, por exemplo, não pedir a abertura pelo Ministério Público (MP) e definir um relator sem ser por sorteio (Ferreira, 2024; Boghossian, Fabrini & Teixeira, 2020). Em 2020, ao autorizar a Polícia Federal a cumprir mandados de busca e apreensão contra políticos, empresários e ativistas bolsonaristas, o ministro justificou sua decisão com base no depoimento dos deputados federais Alexandre Frota e Joice Hasselmann, ex-aliados do capitão - visto no trecho abaixo reportado pela CNN Brasil (Junqueira, 2020):

As provas colhidas e os laudos periciais apresentados nestes autos apontam para a real possibilidade de existência de uma associação criminosa, denominada nos depoimentos dos parlamentares como ‘Gabinete do Ódio’, dedicada a disseminação de notícias falsas, ataques ofensivos a diversas pessoas, às autoridades e às Instituições, dentre elas o Supremo Tribunal Federal, com flagrante conteúdo de ódio, subversão da ordem e incentivo à quebra da normalidade institucional e democrática.

No Google Trends, o pico de buscas por Alexandre de Moraes desde 2018 corresponde ao resultado das eleições presidenciais de 2022 (30 de outubro - 05 de novembro), com a vitória de Lula. Na época, diversos estados brasileiros registraram protestos questionando o resultado das eleições, com bloqueios em pelo menos 876 trechos de rodovias federais (Quintino, 2022). Moraes foi o responsável por ordenar que a Polícia Rodoviária Federal desobstruísse as vias ocupadas ilegalmente. Neste período, o ministro ainda reforçou a confiabilidade no sistema eleitoral, no qual ele exaltou a segurança das urnas eletrônicas, classificando-as como “um patrimônio brasileiro”<sup>48</sup>. Estes eventos, assim como o inquérito das Fake News, estão entre os principais assuntos associados ao ministro na ferramenta: Fake (19º), Notícia Falsa (22º) e Urna eleitoral (25º). Em ascensão, ou seja, nas buscas que não tinham um histórico antes de um determinado ponto, está também Polícia Rodoviária (14º).

---

<sup>48</sup> Alexandre de Moraes destaca confiabilidade do sistema eleitoral: “patrimônio brasileiro.” (2022, Outubro 31). Senado Federal. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/30/alexandre-de-moraes-destaca-confiabilidade-do-sistema-eleitoral-patrimonio-brasileiro>

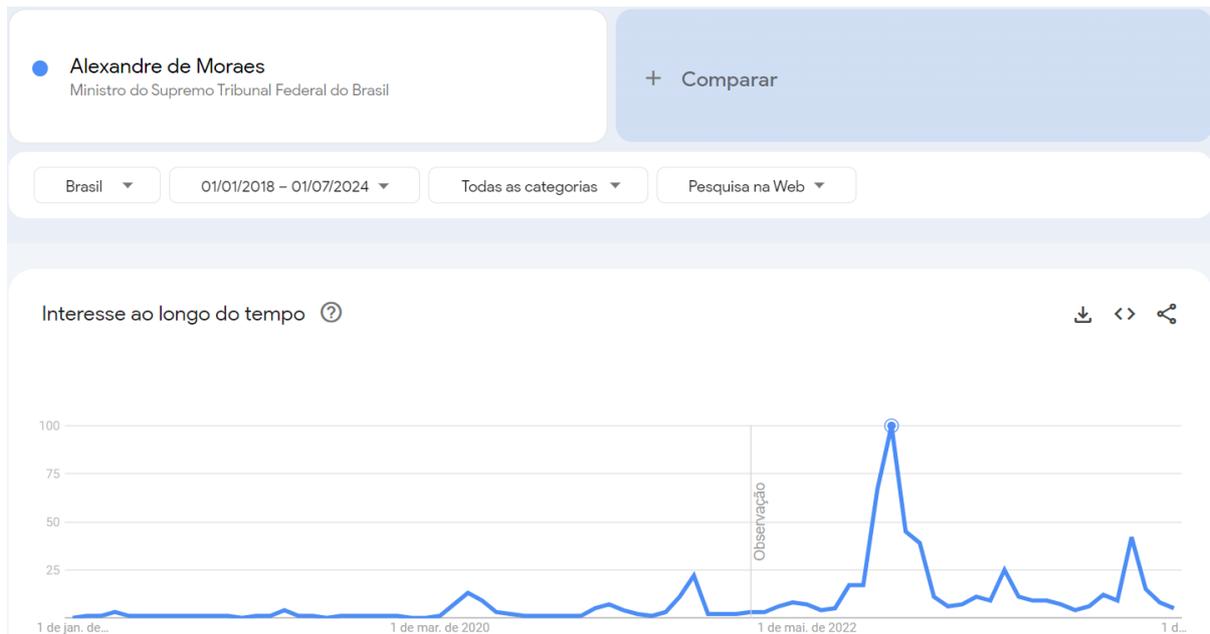


Figura 7 Alexandre de Moraes

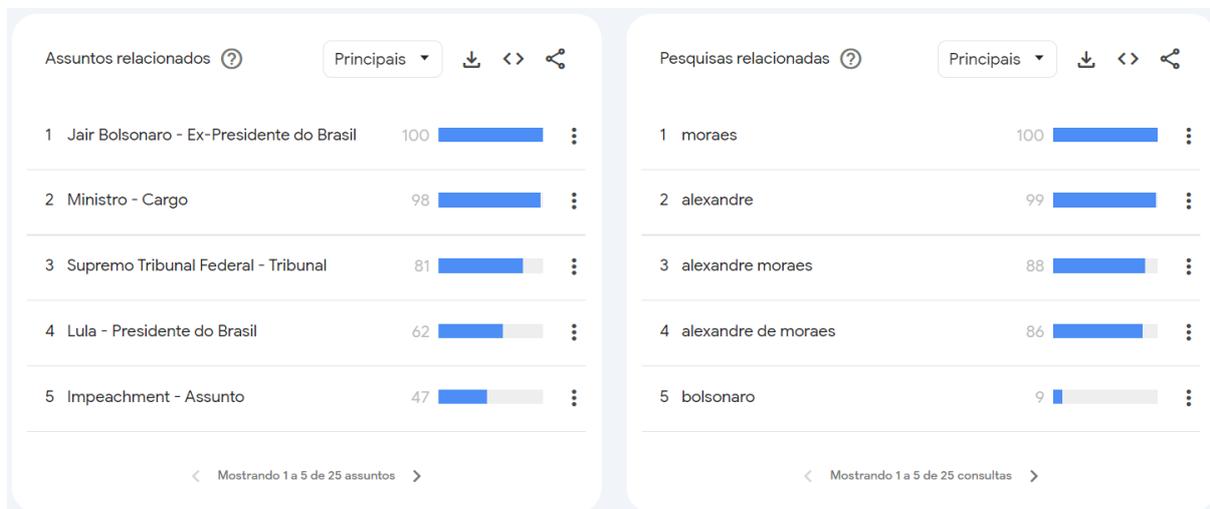


Figura 8 Alexandre de Moraes, tabela 1

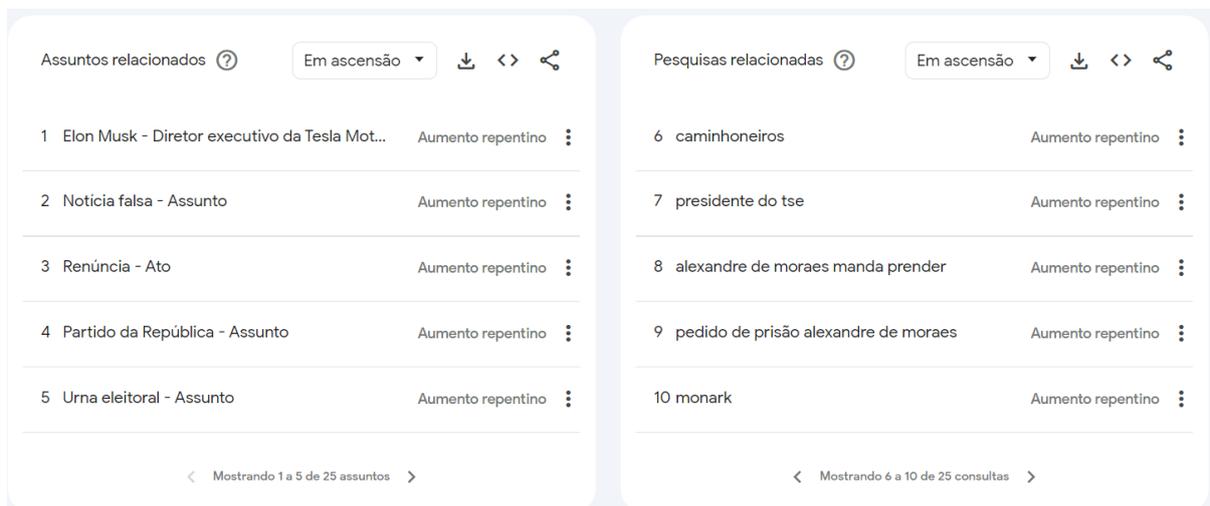


Figura 9 Alexandre de Moraes, tabela 2

*Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Alexandre de Moraes, no Brasil, de 01/01/2018 até 01/07/2024*

*Nota: captura feita nos dias 27 e 28 de agosto de 2024*

A percepção de que Moraes estava perseguindo bolsonaristas ficou evidente nos padrões de pesquisa, com a liderança do ex-presidente nos assuntos relacionados e nas pesquisas em ascensão, com as procuras por ‘alexandre de Moraes manda prender’ (8º), ‘pedido de prisão alexandre de Moraes’ (9º), ‘prisão de alexandre de Moraes’ (14º) e ‘alexandre de Moraes censura’ (18º). Um dos eventos decisivos para o grupo foi o mandado de prisão emitido por Moraes contra o então deputado federal Daniel Silveira, após ele publicar um vídeo no qual fazia críticas aos ministros do STF e defendia o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que durante a Ditadura Militar no país decretou o fechamento do Congresso Nacional, “a censura aos meios de comunicação e a tortura como prática dos agentes do governo”<sup>49</sup>. Um dia após o STF ter condenado Silveira a 8 anos e 9 meses de prisão em regime fechado, o capitão assinou um decreto que extinguiu a pena e multa impostas ao deputado (Hirabahasi, Porto & Pinheiro, 2022). Em um vídeo que postou no Facebook à época, e que é possível de acessar graças aos portais de notícia por já ter sido excluído, Bolsonaro disse que o decreto foi tomado:

(...) inspirado em valores compartilhados por uma sociedade fraterna, justa e responsável; Considerando que a liberdade de expressão é pilar essencial da sociedade em todas as suas manifestações; Considerando que a concessão de indulto individual é medida constitucional discricionária excepcional destinada à manutenção do mecanismo tradicional de freios e contrapesos na tripartição de poderes; (...) Considerando que ao Presidente da República foi confiada democraticamente a missão de zelar pelo interesse público; e Considerando que a sociedade encontra-se em legítima comoção, em vista da condenação de parlamentar resguardado pela inviolabilidade de opinião deferida pela Constituição, que somente fez uso de sua liberdade de expressão (...)<sup>50</sup>.

O líder político reforça a ‘liberdade de expressão’ como um ‘pilar essencial’ na sociedade, de forma a considerar que o comportamento de Moraes, e não o de Silveira, necessitava ter ‘freios’. Mesmo sem concordar diretamente com o que foi dito pelo acusado, Bolsonaro já manifestou crenças similares sobre a Ditadura Militar e sua interferência no caso tende a ser vista como um endosso à ideia. No texto, ele continua dizendo que sua ação em ‘perdoar’ a condenação faz parte de sua função em ‘zelar pelo interesse público’, ainda mais em um caso no qual a sociedade encontrava-se ‘em legítima

---

<sup>49</sup> *O que foi o AI-5? - Brasil Escola.* (n.d.). Brasil Escola. <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-ai-5.htm>

<sup>50</sup> Congresso em Foco. (2022, Abril 22). *Veja a íntegra do decreto de Bolsonaro que perdoa Daniel Silveira.* <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/veja-a-integra-do-decreto-de-bolsonaro-que-perdoa-daniel-silveira/>

comoção’ - em um aceno direto à sua base. Já a escolha pela expressão ‘confiada democraticamente’ ao referir-se ao seu cargo como Presidente da República traz uma conotação provocativa, como se ele poderia explorar o sistema do qual o ministro do STF é um apoiador e usá-lo contra ele; tal como Bolsonaro disse posteriormente e foi noticiado pela CNN Brasil: “Nos fundamentamos em jurisprudência do próprio ministro Alexandre de Moraes” (Hirabahasi, Porto & Pinheiro, 2022).

Esse conjunto moral é estruturante para a rede de Bolsonaro, especialmente depois de maio de 2022, quando fez uma notícia-crime - “notificação sobre um possível fato criminoso apresentada a autoridades competentes a fim de que sejam iniciadas investigações”<sup>51</sup> - contra o magistrado, acusando-o de abuso de autoridade por tê-lo incluído nas investigações. Não por menos, nas invasões de bolsonaristas radicais à Praça dos Três Poderes (que concentra as instituições do Legislativo, Executivo e Judiciário) em Brasília em janeiro de 2023, um dos prédios depredados foi o do STF (G1, 2023).

O ato do dia 08 de janeiro consolidou o pânico moral de um grupo ideológico, que já apresentava preocupações com a mudança ideológica de governo - como visto no pico abaixo referente ao dia em que Lula foi oficializado como Presidente da República. Bolsonaro, referência para o grupo de manifestantes em questão, não estava no país; nas redes sociais, ele postou diariamente sobre os feitos de sua gestão ao longo de janeiro, como se para cada dia sob a condução de Lula tivesse um marco de sua ‘superioridade’ e, conseqüentemente, do que os cidadãos deixariam de ter<sup>525354</sup>. A narrativa por si só não pode ser considerada como um gatilho ao pânico moral, especialmente pelo tom informativo e objetivo adotado na maioria dos posts. O conteúdo mais apelativo, de cunho pessoal, publicado por ele dias após a ação na capital do país foi uma foto no hospital com a legenda: “Após a facada sofrida em Juiz de Fora/MG, fui submetido a cinco cirurgias. Desde a última, por duas vezes tive aderências que me levaram a outros procedimentos médicos. - No dia de ontem uma nova aderência e baixa hospitalar em Orlando/USA. - Grato pelas orações e mensagens de pronto restabelecimento”<sup>55</sup>. Em complemento, considerou-se ainda o contexto da macroestrutura, marcado

---

<sup>51</sup> Projeto Comprova. (2022, Novembro 4). É falso pedido de prisão em flagrante contra o ministro do STF Alexandre de Moraes após as eleições. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/e-falso-pedido-de-prisao-em-flagrante-contra-o-ministro-do-stf-alexandre-de-moraes-apos-as-eleicoes/>

<sup>52</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, janeiro 2). [Imagem com legenda]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/Cm6mYSFLuoU/>

<sup>53</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, janeiro 3). [Imagem com legenda]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/Cm9AFKsulM-/>

<sup>54</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, janeiro 7). [Imagem com legenda]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CnHVmGLOOTn/>

<sup>55</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, janeiro 10). [Imagem com legenda]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CnNrohryb5/>

por manifestações de bolsonaristas desde o segundo turno das eleições, por não aceitarem o resultado do pleito.



Figura 10 Socialismo e Comunismo

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto ‘Socialismo e Comunismo’, no Brasil, de 01/01/2022 até 31/07/2024

Nota: captura feita nos dias 02 de setembro de 2024

No dia seguinte ao ato, ele abordou a situação dizendo<sup>56</sup>: “Manifestações pacíficas, na forma de lei, fazem parte da democracia. Contudo, depredações e invasões de prédios públicos como ocorridos no dia de hoje, assim como os praticados pela esquerda em 2013 e 2017, fogem à regra”. O ex-presidente inicia a fala sem desestimular o ocorrido; ele pondera que os atos, assim como já feitos pela esquerda, ‘fogem à regra’ - de forma tratar o caso como algo repetitivo entre a oposição política e que o parâmetro do errado seja a regra, e não sua opinião pessoal. Assim, ele evita ter um posicionamento de condenação ao seu grupo mais radical de seguidores.

Ainda nesse dia, a Polícia Militar e o Exército fizeram uma operação, após decisão do ministro do STF Alexandre de Moraes, para desmontar o acampamento bolsonarista que estava montado em frente ao Quartel-General do Exército, em Brasília (G1 DF & TV Globo, 2023). Apesar dos esforços do político, o evento foi atribuído o símbolo de ‘terrorismo’ pelos internautas.

<sup>56</sup> Jair Bolsonaro [@jairbolsonaro]. (2022, janeiro 9). [Imagem com texto]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CnLJTBlrSbw/>



Figura 11 Terrorismo

Assuntos relacionados		Pesquisas relacionadas	
	Em ascensão		Em ascensão
1 major - Assunto	Aumento repentino	1 bolsonaristas terroristas	Aumento repentino
2 Bolsonarismo - Assunto	Aumento repentino	2 terroristas invadem planalto	Aumento repentino
3 Crime de ameaça - Assunto	Aumento repentino	3 grupo terrorista parabeniza lula	Aumento repentino
4 multiple - Assunto	Aumento repentino	4 anderson torres	Aumento repentino
5 practical - Assunto	Aumento repentino	5 terrorista preso em brasilia	Aumento repentino

Figura 12 Terrorismo, tabela

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Terrorismo, no Brasil, de 01/01/2022 até 31/07/2024

Nota: captura feita nos dias 02 de setembro de 2024.

O uso deste foi impulsionado, principalmente, pela mídia tradicional. Ao alterar o filtro no Google Trends de 'Pesquisas na Web' para 'Pesquisas de notícia', ficou evidente o papel jornalístico na propagação da invasão como um 'ato terrorista' - como visto no pico do gráfico e nos dois principais assuntos relacionados na tabela abaixo.

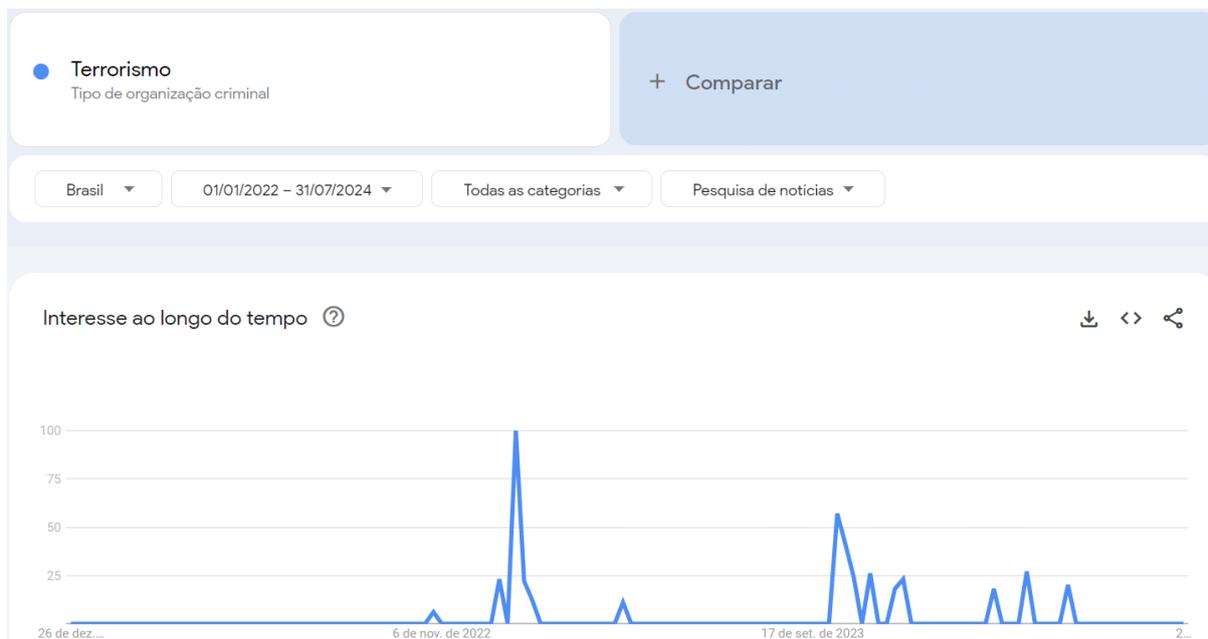


Figura 13 Terrorismo, pesquisa de notícias

Assuntos relacionados	Pesquisas relacionadas
1 Brasília - Capital do Brasil	1 hamas
2 8 de janeiro - Data	2 coaf
3 Movimento dos Trabalhadores Rurais sem T...	3 obras de arte
4 Invasão da Ucrânia pela Rússia - Conflito mi...	4 tráfico de armas
5 Suspeito - Assunto	5 terroristas

Mostrando 1 a 5 de 21 assuntos

Figura 14 Terrorismo, pesquisa de notícias, tabela

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Terrorismo, no Brasil, de 01/01/2022 até 31/07/2024, filtro 'Pesquisa de notícias'

Nota: captura feita nos dias 02 de setembro de 2024

Vale destacar que este é um comportamento incomum por parte dos órgãos de imprensa, visto que este termo foi pouco explorado na série histórica e é tradicionalmente citado para se referir à Guerras, a exemplo das buscas associadas por Hamas e 'Invasão da Ucrânia pela Rússia'. Entendeu-se então que o 'terrorismo' faz parte de um processo de ressonância entre a sociedade e a mídia, de forma que a origem do uso do termo não é possível de identificar; o que é válido, é entender que estas duas categorias (mídia + sociedade) tiveram uma atuação determinante na atribuição de significados e

culpa aos invasores de Brasília. Um mês após o ato, a Secretaria de Comunicação Social da Presidência, na gestão Lula, publicou um vídeo consolidando o ocorrido como ‘terrorismo’<sup>57</sup>.

O rótulo atribuído pelo governo Lula reforçou a rede de influência bolsonarista como um folk devil, fortalecendo a agenda do capitão, cujo sobrenome foi utilizado como ‘recurso eleitoral’ para 76 pessoas que registraram sua candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) com o nome Bolsonaro em 21 Estados diferentes, mesmo sem apoio oficial ou ligação direta com o ex-chefe do Executivo. Ele ainda conta com quase 3 mil candidatos aliados nas eleições deste ano em mais de cem cidades pelo Brasil, como visto no site que registrou sob o domínio “<https://vereadordobolsonaro.com.br/>”; na tela inicial, para além da frase “Deus, pátria, família e liberdade”, há uma foto de Bolsonaro e a bandeira do Brasil ao fundo (Guerra, 2024; Costa, 2024).

### 3.2 O populismo de Bolsonaro

A fim de melhor delimitar essa estratégia em um espaço temporal e temático, a tese utilizou a filtragem por crises, ou seja, “a period in which a group’s uncertainty about itself is resolved in ritualistic confrontations between the deviant and the community’s official agents” (Cohen, 2002, p.219). Um desafio intrínseco a essa escolha é a consideração da semelhança entre crise e populismo, visto que ambos apresentam: uma lógica dualista ao estabelecer o desviante e o padrão a se seguir; o senso de victimismo daqueles que buscam mudar o status quo em prol da ‘vontade geral’; e a ideia de uma ameaça constante à estabilidade (Becker, 1963, p.1-9; Hier, 2015, p.367). Isso porque, na literatura contemporânea, ao invés de reagir a fatores externos, o populismo é promovido como aquele que tenta agir como um estímulo para a crise; ou seja, “a phenomenon that can only be experienced through performance and mediation, whereby a systemic failure is elevated to the level of perceived ‘crisis’” (Moffitt, 2014, p.195-197). Assim, devido ao alto valor moral atribuído ao termo, o estudo de ‘crise’ passou a ser interpretado como excessivo por se tratar de processos diários, porém, nota-se válido ao pânico moral entender como o “senso de crise” pode ser algo desenvolvido ao invés de uma noção objetiva.

This is due to the fact that crises are never ‘neutral’ phenomena, but must be mediated and ‘performed’ by certain actors. It argues that populist actors actively participate in the ‘spectacularization of failure’ that underlies crisis, allowing them to pit ‘the people’ against a dangerous other, radically simplify the terms and terrain of political debate and advocate

---

<sup>57</sup> Secretaria de Comunicação Social da Presidência [@secomvc]. (2023, fevereiro 8). A democracia é o patrimônio mais precioso da população brasileira. [Vídeo]. [Twitter]. <https://twitter.com/secomvc/status/1623278873944154112>

strong leadership and quick political action to stave off or solve the impending crisis. (Moffitt, 2014, p.190)

Como visto no caso brasileiro, no qual a capacidade de um ator populista em criar um senso de crise contribuiu para a propagação de sua agenda de interesses como algo urgente. Enquanto em alguns países essa dinâmica pode se tornar autocrática com a limitação da liberdade de imprensa, o cerceamento da independência do judiciário e até mesmo a restrição do sistema partidário para uma única opção, em uma democracia (como a brasileira) a crise se apresenta sutilmente na capacidade do ator em convencer o povo a aderir sua versão particular de significados, intensificando as iniciativas consoante o grau de aderência da opinião pública - sendo este o foco desta tese.

Então, uma “falha” no sistema pode ganhar um patamar de crise dependendo da “performance” dada a ela e do significado atribuído pelo contexto social e temporal, nomeadamente apresentar divergências no grau variando de local, período e quem é afetado. Com o propósito de criar uma metodologia de análise para o campo, Moffitt (2014) desenvolveu um modelo da “performance” populista da crise, envolveria as seguintes etapas:

1 Identify failure. 2 Elevate to the level of crisis by linking into a wider framework and adding a temporal dimension. 3 Frame ‘the people’ vs. those responsible for the crisis. 4 Use media to propagate performance. 5 Present simple solutions and strong leadership. 6 Continue to propagate crisis. (p.198)

O processo inicia com a escolha de uma falha específica e a atenção dada a ela; isso não significa que os populistas sejam políticos com uma agenda única, pelo contrário, o ponto escolhido servirá como um gatilho para encontrar temáticas de ressonância, baseadas em ansiedades sociais mais amplas. Isso faz com que o problema não seja apenas algo específico e temporal, mas uma continuidade, algo sintomático, que o eleva de um simples fracasso ao nível de crise (Cohen, 1972/80, p.xxxvii). A performance mediada (discurso, comício, entrevista, post) do populista será estratégica neste momento, a fim de conectar as falhas como um “conjunto homogêneo de fenômenos”. Este representante também seria capaz de reconhecer os responsáveis pela crise e colocá-los contra “o povo”; pela amplitude do termo, pode ser mais facilmente identificado um populista por aquilo que ele não é, ou critica, do que aquilo que ele realmente defende. Isso ocorre pela energia depositada em corrigir algo criado pela incompetência dos outros; uma dinâmica similar à elaborada por empreendedores morais, que tentam persuadir e aplicar um conjunto de crenças morais como parte da ordem social. Isso não significa que todos os populistas serão efetivos em realizar sua atuação ou

que optem por perseguir esse formato. Nesse sentido, entendeu-se o populismo de Bolsonaro como uma estratégia de sinergia à estruturação de um pânico moral, visto que o empreendedorismo moral frequentemente envolve a criação de escândalos e exploração de crises, por meio do apoio coletivo às transgressões reais ou alegadas da elite política (Adut, 2004, p.529-530).

### 3.3 A herança de Sunak

A pesquisa de contexto sobre o segundo caso analisado também impactou a construção da metodologia por meio da busca temática por características que distinguiam Sunak do sistema, como sua religiosidade. Hindu, por influência familiar, ele disparou as buscas pelo termo no Google Trends nos últimos 5 anos; a data corresponde ao período no qual foi eleito e ao início do festival de Diwali, que simboliza a destruição das forças do mal. Na ocasião, ele celebrou a oportunidade de realizar o evento na residência oficial como PM, fazendo uma alusão à liberdade religiosa no trecho: “I will do everything I can in this job to build a Britain where our children and our grandchildren can light their Diyas and look to the future with hope”<sup>58</sup>. O parlamentar nunca deixou de expressar as suas crenças<sup>59</sup>; ao The Times, durante a disputa pela liderança do Partido Conservador, ele esclareceu sobre a fé: “It gives me strength, it gives me purpose. It's part of who I am” (Swinford, 2022); já em sua posse como Primeiro-Ministro, ele prestou o juramento sobre o texto religioso hindu Bhagavad Gita.

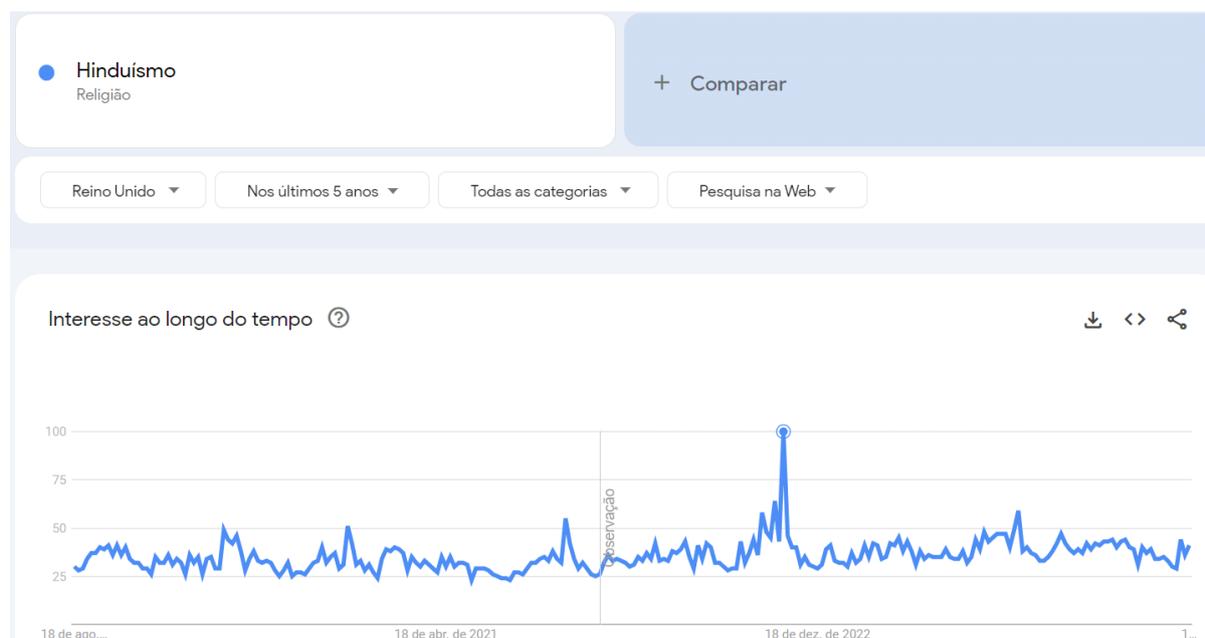


Figura 15 Hinduísmo

<sup>58</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2022, outubro 26). Brilliant to drop into tonight’s Diwali reception in No10. [Instagram]. <https://www.instagram.com/p/CkMDPYesi0E/>

<sup>59</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2022, agosto 18). Today I visited the Bhaktivedanta Manor temple with my wife Akshata. [Instagram]. [https://www.instagram.com/p/ChZ2a23M9WA/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/ChZ2a23M9WA/?img_index=1)

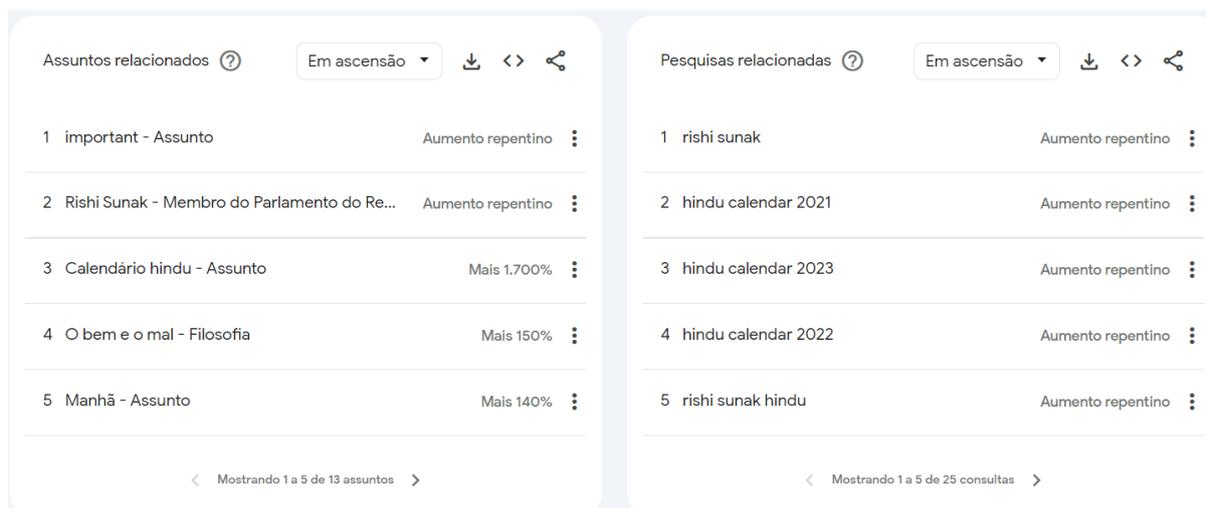


Figura 16 Hinduísmo, tabela

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Hinduísmo, no Reino Unido, nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 21 de agosto de 2024

O segundo tema escolhido para investigar foi imigração, devido à preocupação generalizada no Reino Unido sobre o assunto e por ter sido uma das principais bandeiras de campanha de Sunak. Sendo assim, a tese utilizou o Google Trends para entender o comportamento do interesse social. Entre os resultados, identificou-se o nome do PM em segundo lugar nos assuntos relacionados com aumento repentino, o que significa que o termo de pesquisa cresceu mais de 5000% e a associação desses assuntos é nova, tendo nenhuma ou poucas pesquisas anteriores (Imagem 16). Ruanda, país africano parte do acordo criado por Sunak para enviar imigrantes ilegais à espera de visto, está em 7º lugar nos assuntos relacionados em ascensão com um crescimento de 2.650%.

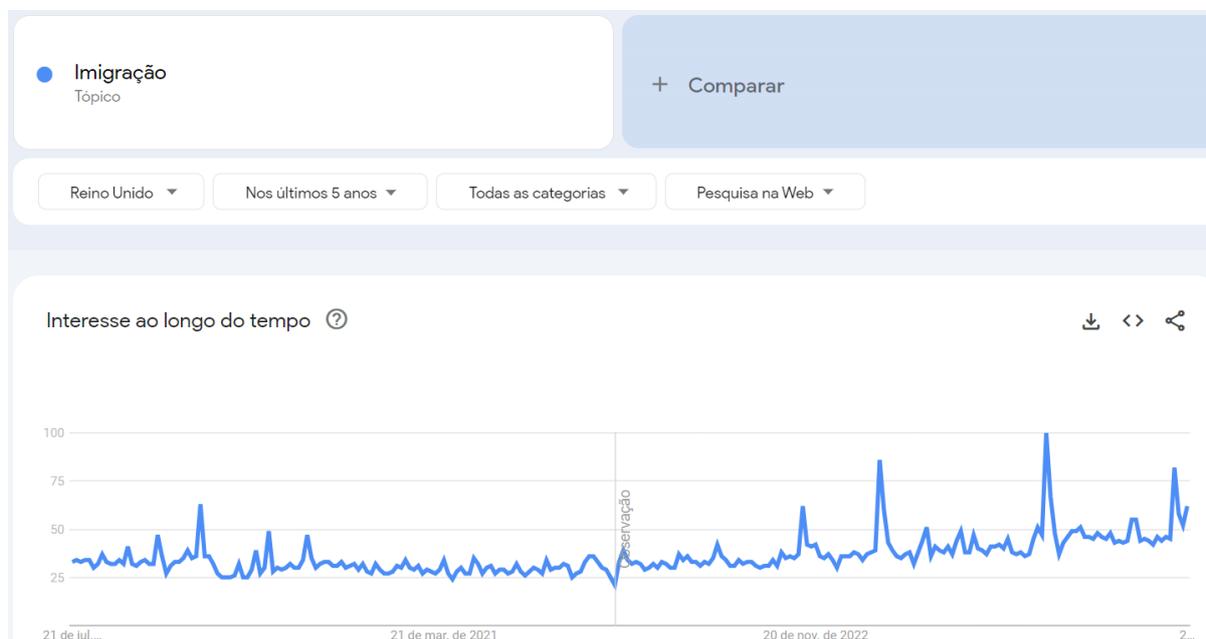


Figura 17 Imigração

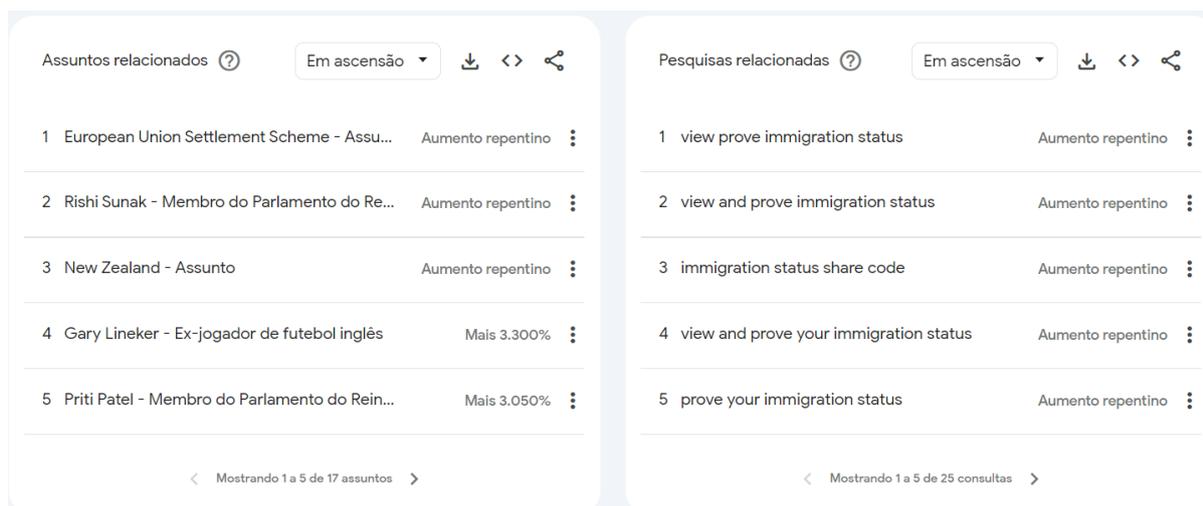


Figura 18 Imigração, tabela

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Imigração, no Reino Unido, nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 25 de julho de 2024.

O primeiro ponto destacado na série histórica (30 de outubro a 5 de novembro de 2022) e que corresponde ao início da gestão Sunak foi quando a ministra do Interior, Suella Braverman, chamou o fluxo migratório por meio do Canal da Mancha de “invasão” e que dever-se-ia parar de fingir que todas essas pessoas são “refugiados em apuros” (The Independent, 2022). A fala intensificou o conjunto moral trazido por sua antecessora no cargo, Priti Patel<sup>60</sup>, e foi considerada pela mídia tradicional como a primeira crise do governo do recém-eleito Primeiro-Ministro (Labigalini, 2022). Ao mesmo tempo, para os jornalistas, esse posicionamento reforça o potencial de Braverman para governar o Partido Conservador no futuro. De fato, sua consistência sobre o tema e construção narrativa na qual deixava claro como a imigração ilegal era um "existential challenge" ao país, destoa-se de Sunak por sua objetividade em construir a ameaça moral e instaurar pânico; como visto em seu discurso a think-tank American Enterprise Institute<sup>61</sup>:

Just as it is a basic rule of history that nations which cannot defend their borders will not long survive, it is a basic rule of politics that political systems which cannot control their borders will not maintain the consent of the people, and thus not long endure (...) We have created a system of almost infinite supply, incentivising millions of people to try their luck, knowing full well that we have no capacity to meet more than a fraction of demand.

<sup>60</sup> Goodfellow, M. (2022, Outubro 5). Think Priti Patel was bad? Suella Braverman wants to make claiming asylum near-impossible. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/oct/05/priti-patel-suella-braverman-claiming-asylum-home-secretary>

<sup>61</sup> Macaskill, A. (2023, Setembro 26). UK Home Secretary warns uncontrolled migration poses “existential challenge.” *Reuters*. <https://www.reuters.com/world/uk-home-secretary-call-changes-un-refugee-rules-2023-09-26/>

Ao invés de utilizar o momento como uma oportunidade para expandir a sua rede de propostas morais, com o apoio de alguém que poderia absorver os riscos em representar o projeto e amortecer o impacto em sua governança, Sunak demitiu Braverman em novembro de 2023 - sinalizando sua intenção em controlar a entonação do empreendimento em prol de sua relação institucional (David, Rohloff, Petley & Hughes, 2011, p.215; Hall, Hobson, Lowe & Willis, 1980, p.129). Isso porque o governo Sunak encontrava-se em uma dinâmica de isolamento com o crescimento da oposição trabalhista nas sondagens; com o Tribunal Superior a analisar a questão do asilo forçado em Ruanda e a reação de órgãos da União Europeia a ameaçar romper laços com o Reino Unido, já fragilizados pelo Brexit, devido a radicalização da política migratória proposta (Stone, 2024).

Em resposta, Braverman enviou uma carta ao PM que foi reportada pela BBC News<sup>62</sup>, na qual ela diz:

Britain is at a turning point in our history and faces a threat of radicalisation and extremism in a way not seen for 20 years. I regret to say that your response has been uncertain, weak, and lacking in the qualities of leadership that this country needs. Rather than fully acknowledge the severity of this threat, your team disagreed with me for weeks that the law needed changing. (...) I will, of course, continue to support the government in pursuit of policies which align with an authentic conservative agenda.

A fala de Braverman é um exemplo de como *folk devils* são capazes de questionar o rótulo a eles imposto, especialmente em um país descrente no conteúdo da mídia tradicional. Ela se afasta da responsabilização pelos erros do governo ao se colocar como a única que identificou a gravidade da situação migratória no país; no texto, ela critica a gestão de Sunak pela fraca resposta ao 'pior cenário em 20 anos'. Por fim, ela reforça o seu compromisso com a 'autêntica agenda conservadora' - conjunto moral consistente em suas manifestações. A estratégia de Braverman se assemelha às manifestações de Bolsonaro enquanto ainda era um representante em meio aos mais de 500 deputados do Congresso brasileiro. Isso porque ambos viam as regras como insatisfatórias e pretendiam apresentar seu próprio regime para uma sociedade melhor, por meio da culpabilização de um ator pelos problemas e desordem. O fato é que para um folk devil ser responsável por um pânico moral, é necessário que ele se transforme em uma pessoa que tenta persuadir e influenciar um grupo a manter, eliminar ou adquirir um novo conjunto de crenças; isto é, se tornar um empreendedor moral (Flores Yeffal & Sparger, 2022, p.1-2). Enquanto Bolsonaro conseguiu aumentar sua articulação política com uma rede que compartilhava a sua percepção sobre a esquerda como problemática, através de seus

---

<sup>62</sup> BBC News. (2023, Novembro 14). *Suella Braverman letter: The ex-home secretary's full letter to Rishi Sunak*. <https://www.bbc.com/news/uk-politics-67416146>

filhos que também têm cargos políticos e de apoiadores em diversas instâncias de poder, e a insistência em mudar o establishment, Braverman perdeu participação na cruzada moral ao ser demitida, conformar-se com o sistema e não ter um framework para construir o seu empreendimento (Becker, 1963, p.133).

Pensando nisso, a tese selecionou dois atores que exerceram o cargo máximo de poder em seu país (Presidente e Primeiro-Ministro) de forma a verificar como o desempenho individual desses líderes políticos tende a impactar a construção do pânico moral, visto que em uma democracia funcional assumir um cargo público não é sinônimo de mobilização social e sequer de estilo de governança. Entre os fatores observados no caso de Bolsonaro, destacam-se maior recorrência e coerência da proposta de reforma moral do que Sunak; em complemento, observou-se que o público desempenhou um papel importante na promoção do pânico moral no Brasil, especialmente devido à predisposição em utilizar as redes sociais digitais para coordenar comportamentos (Flores Yeffal & Sparger, 2022, p.2).

O britânico, por sua vez, não conseguiu consolidar o seu empreendimento em partes pela falta de consistência em sua narrativa, abordando-o de forma reativa quando pressionado por atualizações ou em eventos nos quais teria menor resistência ao tema. Como é o caso do European Political Community (EPC), no qual teve o endosso da Primeira-ministra italiana para tratar do assunto no evento (O'Carroll, 2023); na ocasião ele disse:

Levels of illegal migration to mainland Europe are the highest they have been in nearly a decade. With thousands of people dying at sea, propelled by people smugglers, the situation is both immoral and unsustainable. We cannot allow criminal gangs to decide who comes to Europe's shores. (...) These issues transcend national borders and require creative Europe-wide solutions - that is what I will be discussing with my fellow leaders at the European Political Community summit in Spain today.<sup>63</sup>

Outro ponto foi a ausência de consenso sobre as causas e soluções ao problema, tornando ainda mais complexo para a sociedade identificar as pessoas que simbolizam ou realizam o comportamento dito por ele como ameaçador. Por exemplo, ao se referir à imigração ilegal, Sunak flexibiliza a responsabilização ora para os barqueiros ora para a oposição política; assim, ele transita sua narrativa entre diversos termos, fazendo com que as buscas pelo assunto estejam divididas entre 'imigração', 'imigração ilegal/ clandestina', 'Illegal Migration Act 2023' e 'Ruanda' no Google Trends. Ao fazer uma busca comparativa na ferramenta, percebeu-se que os termos com maior volume de pesquisa são

---

<sup>63</sup> PM: *Europe must join forces against people smuggling gangs* [Review of PM: *Europe must join forces against people smuggling gangs*]. (2023, Outubro 5). Gov.UK. <https://www.gov.uk/government/news/pm-europe-must-join-forces-against-people-smuggling-gangs>

'imigração' e 'Ruanda', sendo estes selecionados para a análise. Esta estratégia é possível devido ao algoritmo de certas ferramentas, que podem ser utilizadas como catalisadoras do interesse social, e permitem diferenciar um padrão de uma tendência momentânea.

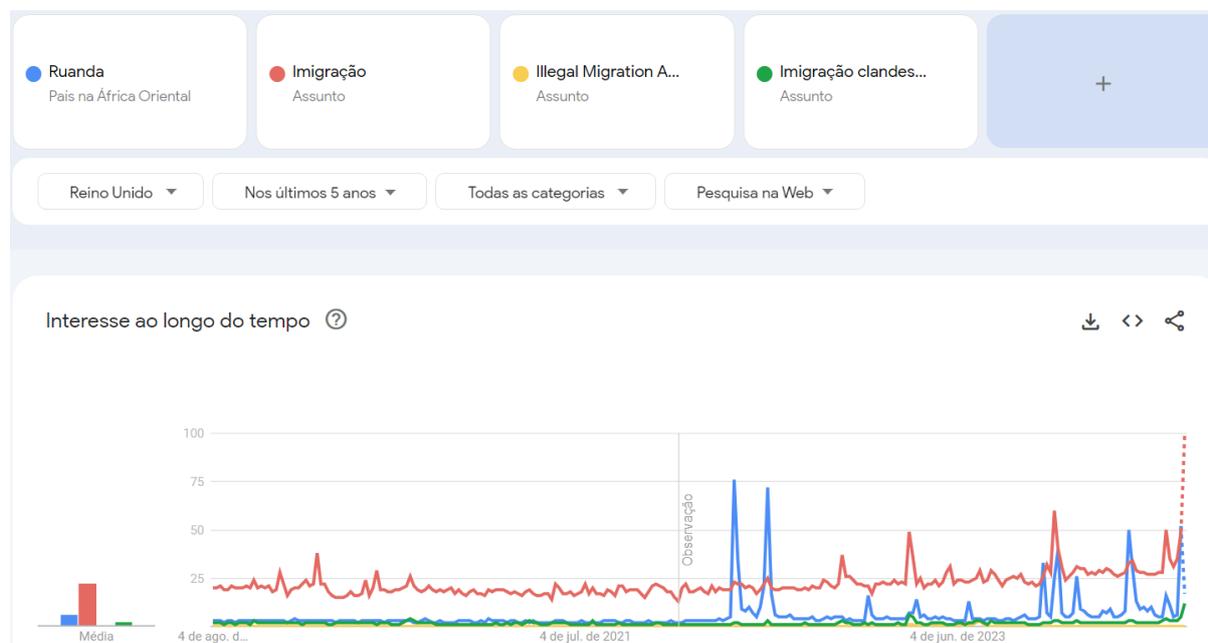


Figura 19 Ruanda, Imigração, Illegal Migration Act 2023 e Imigração Clandestina

Captura de tela do Google Trends da busca comparativa pelo assunto Ruanda, Imigração, Illegal Migration Act 2023 e Imigração clandestina; no Reino Unido; nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 06 de agosto de 2024

Nos últimos cinco anos, houve um aumento não apenas do interesse no tema 'imigração', mas também da preocupação social - como visto nas diversas buscas por 'comprovações' do status de imigração e EU Settlement Scheme, que se refere ao regime de imigração do Reino Unido em resposta à situação do Brexit<sup>64</sup>. Ao mesmo tempo, nota-se pesquisas por Sunak e Priti Patel e seu plano de Ruanda. Com isso, percebeu-se a necessidade de manter o recorte temático da tese (imigração ilegal), sem desconsiderar a fragilidade social ao debate anterior sobre a permanência no Reino Unido após a saída da Uniao Europeia. Porém, para o estudo de pânico moral, o foco se deu nos pontos de rápido crescimento no gráfico, nos quais muitos utilizadores passaram a efetuar uma pesquisa acerca desse tópico.

Nesse sentido, os picos de busca considerados foram: 5-11 de março de 2023, 3-9 de dezembro de 2023 e 30 junho a 6 de julho de 2024. O primeiro corresponde à semana na qual Sunak anunciou mais

<sup>64</sup> View and prove your immigration status (eVisa). UK Gov. <https://www.gov.uk/government/publications/view-and-prove-your-immigration-status-evisa>

detalhes do Plano de Imigração Ilegal, colocando-o como uma prioridade de seu governo. Este ponto se reflete também no gráfico do assunto ‘imigração clandestina’ no Google Trends<sup>65</sup>. O segundo pico equivale à retomada das discussões sobre o Plano<sup>66</sup>. Na ocasião, ele publicou no antigo Twitter “Migration will always benefit the UK, but we must end the abuse of our system and reach a sustainable level” seguido por “As the child of immigrants, I understand why people want to come to the UK. But my parents came here legally. We cannot have criminal gangs exploiting the vulnerable”. A fala não exclui todo tipo de migração, pois estaria indo contra o seu próprio histórico familiar; porém, estabelece a diferenciação do seu caso, cujos pais chegaram legalmente no país, dos demais que buscam permanecer por lá, e desvia a culpabilização pelo número de chegadas ilegais dos indivíduos para a ‘gangue de criminosos que exploram os vulneráveis’ - referindo-se aos barqueiros. Dessa forma, Sunak reconcilia “the troubling hybridity of the child of immigrants, of the displaced, diasporic object, by recreating himself, not as the subaltern of colonial discourses, but as a British subject, a host with the right to determine who should and should not be admitted to the country as guest” (Capdevila & Callaghan, 2007, p.10).

O nível argumentativo foi acentuado às vésperas das eleições gerais, compreendido pelo terceiro pico de buscas, de 30 junho a 6 de julho - este é um comportamento esperado em períodos de muita visibilidade midiática e aparição pública e não foi interpretado exclusivamente pelo poder de influência do empreendedor moral no tema. Um exemplo dessa entonação foi o post no X: “Illegal migrants in France are saying that they’re actually waiting for Labour to come into power so they can cross. Vote Conservative on 4th July”<sup>67</sup>. Em outra publicação da rede ele disse: “Illegal migrants are waiting for Labour”<sup>68</sup>. Além de atribuir a ação ilegal aos imigrantes, e não aos barqueiros, o britânico direciona a responsabilidade pela potencial piora da crise à oposição (Partido Trabalhista / Labour). Ao fazer isso, ele cria múltiplas categorias do “outro”, de forma a minimizar o símbolo da desordem que vinha promovendo; com isso, mesmo em uma sociedade que já reconheceu a temática como um problema social, nota-se a necessidade por uma abordagem objetiva sobre quem é o culpado pela desordem a fim de catalisar a preocupação e, assim, gerar um consenso (Pozen, 2008, p.317).

---

<sup>65</sup> Busca no Google Trends pelo assunto ‘Imigração Clandestina’, no Reino Unido, nos últimos 5 anos.

<https://trends.google.com/trends/explore?q=%2Fm%2F0h5df0&date=today%205-y&geo=GB>

<sup>66</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2023, dezembro 8). This week we’ve taken the tough decisions to secure our borders. Immigration is too high. Illegal migration must end. [Tweet]. [Thread]. [Twitter].

<https://twitter.com/RishiSunak/status/1733142722402267479>

<sup>67</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, junho 25). Illegal migrants in France are saying. [Tweet com imagem]. [Twitter]. <https://twitter.com/RishiSunak/status/1805504806066233808>

<sup>68</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 1). Illegal migrants are waiting for Labour. [Tweet com vídeo]. [Twitter]. <https://twitter.com/RishiSunak/status/1807669514064036192>

Sunak tentou compensar a sua falta de consistência e intensidade narrativa ao redor de seu conjunto moral nos seus últimos dias de campanha, quando recorreu à preocupação por “Higher taxes and weaker borders”<sup>69</sup> para trazer a urgência necessária à arrecadação de votos; ele utilizou uma estratégia de contagem regressiva para indicar aos seus seguidores que o prazo para impedir a ‘supermaioria’ da oposição e salvar o Reino Unido estava acabando<sup>70</sup>, dando-os um ultimato: “Once you make that decision on Thursday, there's no going back. Don't do something you might regret”<sup>71</sup>. Em suas falas, ele afirmou que os trabalhadores seriam diretamente prejudicados pelas medidas econômicas de seu oponente (“Keir Starmer won't back farmers”<sup>72</sup>; “Labour would scrap exams and tax working families by £2094”<sup>73</sup>; “One thing is certain. If Labour get into power, your finances are going to get hammered”<sup>74</sup>; “Labour would increase taxes on every part of your life, including your death”<sup>75</sup>); lembrou seus seguidores que a oposição iria retroagir os avanços do Brexit (“Labour would throw open our borders”<sup>76</sup>), concluído em sua gestão; e prometeu, se reeleito, criar uma votação anual onde o Parlamento definiria um teto para vistos de trabalhadores qualificados, assistência médica e social, reuniões familiares e graduados - como disse a seguir:

Labour’s migrant amnesty will make the UK a global magnet for illegal immigrants and they have no plan to reduce net migration, while we have a clear plan to stop the boats and put a legal cap on numbers. The Conservatives are the only party that is willing to take the bold action needed to cut immigration figures. (Hymas, 2024)

O cenário da imigração ilegal no Reino Unido tornou-se uma preocupação coletiva com a macroestrutura; assim a maioria os partidos políticos buscaram se posicionar de forma a resolver a crise às vésperas da eleição de Julho/24. Por exemplo, quando Sunak se manifestou sobre o plano acima, o partido Reform UK de Nigel Farage já havia se comprometido em introduzir um imposto de

---

<sup>69</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 3). Higher taxes and weaker borders. [Tweet com vídeo]. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1808425584453624109>

<sup>70</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 3). You’ve got less than 17 hours to save Britain. [Instagram]. [https://www.instagram.com/p/C89kdXIM3mQ/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C89kdXIM3mQ/?img_index=1)

<sup>71</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 2). Once you make that decision. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1808065633294204968>

<sup>72</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 3). Keir Starmer won't back farmers. [Tweet com imagem]. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1808501219347894424>

<sup>73</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 4). Labour would scrap exams and tax working families. [Tweet com imagem]. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1808712343796486596>

<sup>74</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, junho 26). One thing is certain. [Tweet com imagem]. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1806055624238583916>

<sup>75</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 3). Labour would increase taxes. [Tweet com imagem]. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1808606717845934307>

<sup>76</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 4). Labour would throw open our borders. [Tweet com imagem]. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1808651942899691620>

imigração em empresas que dependiam de trabalhadores estrangeiros e Sir Keir Starmer, do Labour, havia garantido reduzir a imigração líquida ao diminuir a dependência de trabalhadores estrangeiros (Hymas, 2024; Migration Observatory, 2024). Rishi Sunak começou a estabelecer as linhas divisórias da batalha eleitoral em maio, ao destacar o perigo crescente que o mundo enfrentava:

I feel a profound sense of urgency. Because more will change in the next five years than in the last thirty. I'm convinced that the next few years will be some of the most dangerous yet the most transformational our country has ever known. (...) Illegal migration is placing an intolerable strain on our security and our sense of fairness, and unless we act now and act boldly this problem is only going to grow (...) That's why we're pioneering the Rwanda scheme. And so, when people see that if they come here illegally, they will be swiftly detained and removed, they will be deterred from making that perilous journey, stopping the boats and saving thousands of lives.<sup>77</sup>

Este foi considerado pela tese como um dos discursos mais alinhados à teoria de pânico moral feito por Sunak nos últimos meses de sua gestão. A fim de entender as potenciais consequências que este determinado enunciado poderia ter provocado, a análise de conteúdo considerou os seguintes pontos. Logo na abertura, o PM destaca o seu 'profundo senso de urgência' por conta do ritmo das mudanças que acontecerão nos próximos cinco anos, pois, segundo ele, 'serão os anos mais perigosos e transformacionais que o país já passou'. Ele continua dizendo que a imigração ilegal colocou uma 'pressão intolerável' na segurança e no sentido de justiça dos britânicos e, a menos que algo seja feito 'agora e com coragem', este problema só irá aumentar. O texto se diferencia pela forma como ele explora a urgência e grau de ameaça da imigração ilegal, principalmente ao descrever o plano de Ruanda como um mecanismo para salvar vidas - uma estratégia narrativa que compensa o desfoque de Sunak em encontrar um culpado pelo problema e apela para o instinto de sua comunidade para manter a ordem e a segurança.

O discurso continua com o trecho abaixo, cuja parte foi compartilhada nas redes sociais do então PM:

(...) The values that lie behind that vision is a new form of patriotism. A confidence in ourselves and in all that we can achieve. I reject those who insidiously question our history and our identity. (...) To restore our sense of civic pride and national cohesion so we can be secure in

---

<sup>77</sup> Prime Minister Rishi Sunak makes a speech at Policy Exchange on Security. (2024, Maio 13). <https://www.gov.uk/government/speeches/pm-speech-on-security-13-may-2024>

the knowledge that we are all on the same side. And above all, you can trust me to keep you and your family safe and secure from the threats we face at home and abroad.<sup>78</sup>

Sunak afirma sua rejeição a todos aqueles que questionam a história e identidade local de forma ‘insidiously’, termo que pode ser entendido como ‘de forma gradual e sutil, mas com efeitos nocivos’, indicando que para ele a ameaça é algo construído progressivamente. O uso normativo era uma estratégia recorrente para o líder político, que buscava constranger atos intimidantes ao nomeá-los como tal, como ocorreu no passado no programa de contraterrorismo Prevent, quando ele propôs incluir na definição aqueles que “vilify” (difamam) o Reino Unido. Além de mencionar seu papel na restauração de significados patrióticos como ‘senso cívico’ e ‘coesão nacional’, Sunak coloca-se como protetor das famílias britânicas de ameaças domésticas e do exterior - ou seja, a segurança virá quando houver união nos valores da nação, em alusão ao que a oposição e os imigrantes ilegais podem representar à nação, seu povo e valores. Isto é, para sobreviver, há um embate entre ‘nós’ (britânicos conservadores) contra o ‘outro’ (qualquer um que não compartilhe do desse conjunto moral/imigrantes).

Percebendo a dinâmica narrativa do PM em ‘ramificar’ as temáticas por meio do tratamento superficial dos assuntos e da falta de regularidade em culpar alguém pelos problemas, a tese utilizou como filtro o recorte temático mais recorrente ao redor de ideias centrais, como às menções à Ruanda a partir da análise por imigração. Vale ressaltar que a proposta inicial envolvendo o país africano é anterior à gestão de Sunak, eleito em outubro de 2022 (Imagem 9). Dessa forma, identificou-se que os pontos em evidência na imagem correspondem às primeiras menções ao plano pelo então Primeiro-Ministro Boris Johnson. Apesar de Johnson ter impulsionado o começo das buscas pelo tema, rompendo com o padrão anterior da série histórica, os internautas consolidaram o governo de Sunak à política - estando em 3º lugar nos assuntos e em 5º e 6º nas pesquisas relacionadas.

---

<sup>78</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, maio 13). Today I’ve set out my vision for how Britain can succeed. [Instagram]. [https://www.instagram.com/rishisunakmp/p/C66QD8slrpT/?locale=es\\_US%3FICID%3DBLOG\\_MBF\\_ES&img\\_in dex=1](https://www.instagram.com/rishisunakmp/p/C66QD8slrpT/?locale=es_US%3FICID%3DBLOG_MBF_ES&img_in dex=1)

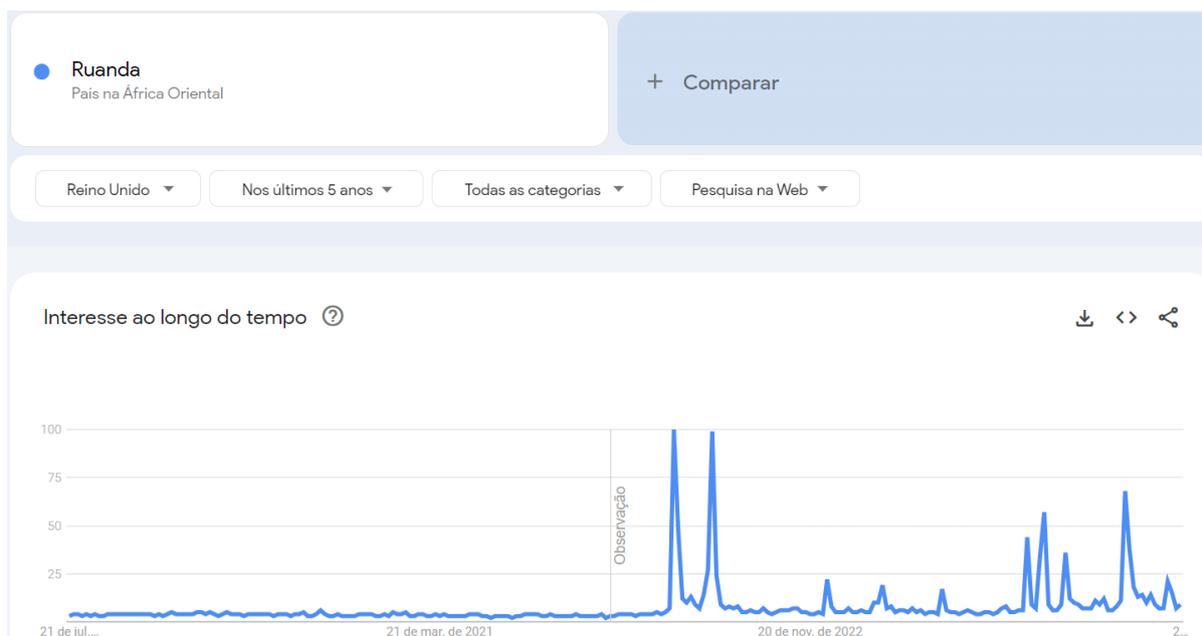


Figura 20 Ruanda

Assuntos relacionados		Pesquisas relacionadas	
Em ascensão		Em ascensão	
1 Safety of Rwanda (Asylum and Immigration...	Aumento repentino	1 suella braverman	Aumento repentino
2 Rwanda asylum plan - Assunto	Aumento repentino	2 suella braverman rwanda	Aumento repentino
3 Rishi Sunak - Membro do Parlamento do Re...	Aumento repentino	3 rwanda covid	Aumento repentino
4 Suella Braverman - Membro do Parlamento ...	Aumento repentino	4 priti patel	Aumento repentino
5 Priti Patel - Membro do Parlamento do Rein...	Aumento repentino	5 rishi sunak	Aumento repentino

Figura 21 Ruanda, tabela

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Ruanda, no Reino Unido, nos últimos 5 anos

Nota: captura feita no dia 26 de julho de 2024

O terceiro pico na série histórica, entre 21 e 27 de abril de 2024, corresponde à votação parlamentar e ao consentimento do Rei Charles para que o projeto de Ruanda se tornasse Lei, após um longo período de tramitação. O potencial de aplicação da Lei, acordada por membros de ambos os espectros políticos, chamou a atenção dos constituintes; inclusive, o interesse digital foi superior ao anúncio da National Audit Office (NAO), em março, sobre o valor que o plano poderia custar aos contribuintes (quase £ 2 milhões para cada um dos primeiros 300 requerentes de asilo enviados para a nação do

leste africano)<sup>79</sup>. Este comportamento, em complemento à investigação de contexto apresentada anteriormente, foi induzido como uma sinalização do desejo popular em ter uma medida efetiva para o caso migratório.

Enquanto isso, o líder britânico tratava do assunto de forma superficial e sem embasamento, sem especificar detalhes técnicos em nenhuma das ocasiões. No fim de 2023, Sunak afirmou “Illegal migration destroys lives and costs British taxpayers millions of pounds a year. We need to end it and we will do whatever it takes to do so”; aos jornalistas ele disse que “If we can get that right, it will literally save us billions in the long run, so that is the right focus” (Geiger, 2023); em seu perfil, ele complementou dias depois “It costs us billions of pounds and costs innocent lives. That is why we are taking action to put a stop to it”<sup>80</sup>. Para a mídia tradicional e os críticos do governo, o custo desse processo é mais um comprovativo da inconsistência do então PM, grande crítico de taxações e cuja trajetória profissional o tornaria um especialista no assunto, devido a sua experiência no Goldman Sachs e em *hedge funds*:

There are arguably two Sunaks. The first is an immigrant success story: a British Asian from Southampton, Hampshire, a practising Hindu, the son of a GP and pharmacist, who made the historic achievement of becoming the UK’s first non-white prime minister. At the age 42, he was the youngest leader of the country in more than 200 years. The other is a full member of Britain’s old fashioned establishment, who studied at the fee-paying Winchester College, then Oxford, before a career in the City of London and California’s Silicon Valley and a plum seat in parliament. This is the man married to a wealthy heiress, Akshata Murty, whose shareholding in the Indian IT business her father co-founded is worth nearly £600m.<sup>81</sup>

De fato, as principais buscas associadas a Sunak de janeiro de 2022 a 01 de julho de 2024 no Google Trends referem-se ao seu patrimônio líquido (em 6º nos assuntos relacionados e em 14º, 15º, 22º nas pesquisas) e à sua esposa (1º em assuntos relacionados e 8º, 9º, 11º nas pesquisas). Ela detém ações da Infosys, a empresa indiana de TI cofundada por seu pai - 4º na terceira tabela abaixo com

---

<sup>79</sup> Wingate, S. (2024, Março 1). Sunak says Rwanda plan a ‘worthwhile investment’ after soaring costs revealed. *The Independent*. <https://www.independent.co.uk/news/uk/rwanda-channel-national-audit-office-kigali-yvette-cooper-b2505434.html>

<sup>80</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2023, dezembro 6). It costs us billions of pounds and costs innocent lives. [Twitter]. <https://twitter.com/RishiSunak/status/173245875618775291>

<sup>81</sup> Sabbagh, D. (2024, Julho 6). ‘A difficult hand played poorly’: how No 10 slipped from Sunak’s grasp. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/politics/ng-interactive/2024/jul/06/how-no-10-slipped-from-rishi-sunak-grasp-general-election-resultp>

os termos em ascensão. Não por menos, o casal foi incluído no The Sunday Times Rich List 2024<sup>82</sup>, destacando-se em 2022 por ter uma riqueza superior à da Rainha Elizabeth.<sup>83</sup>

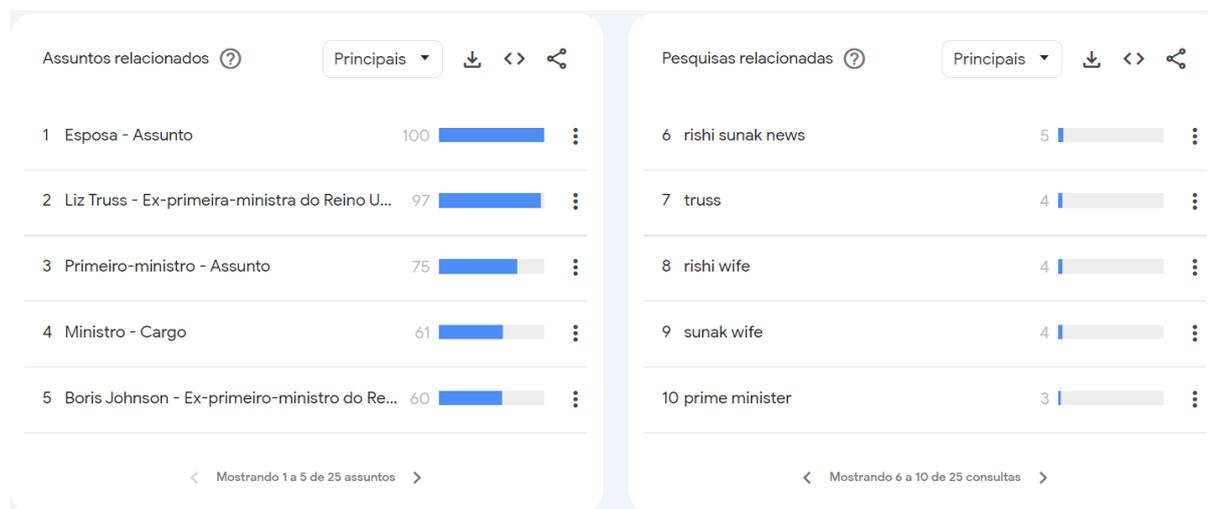


Figura 22 Rishi Sunak, tabela 1

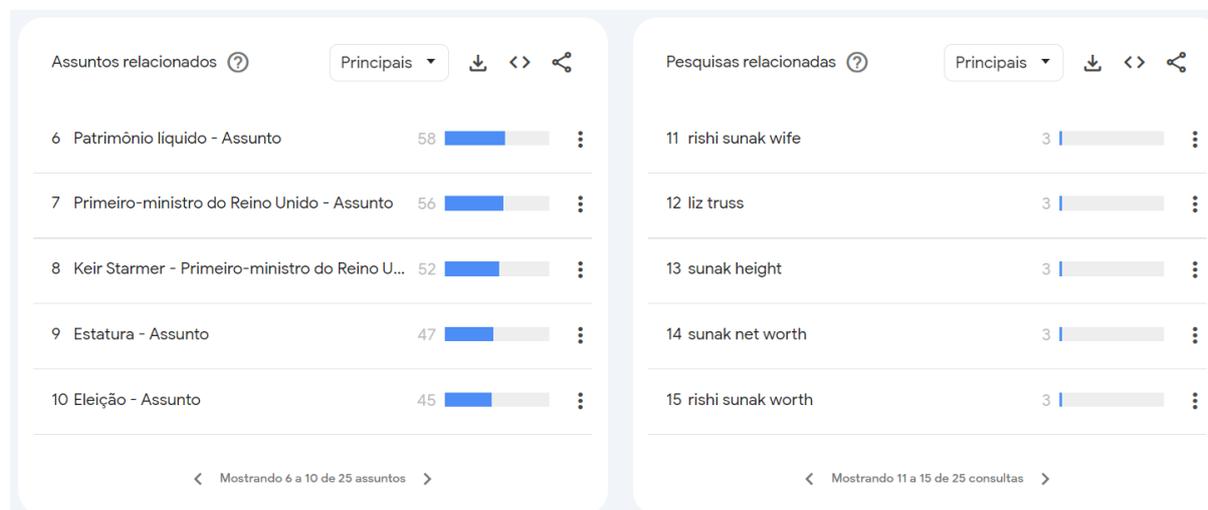


Figura 23 Rishi Sunak, tabela 2

<sup>82</sup> *The Sunday Times Rich List 2024*. (2024, Maio 17). The Times and the Sunday Times.

<https://www.thetimes.com/sunday-times-rich-list>

<sup>83</sup> Seddon, B. P. (2024, Maio 28). Sunaks' wealth rises to £651m in latest Sunday Times Rich List. *BBC*.

<https://www.bbc.com/news/uk-politics-69027955>

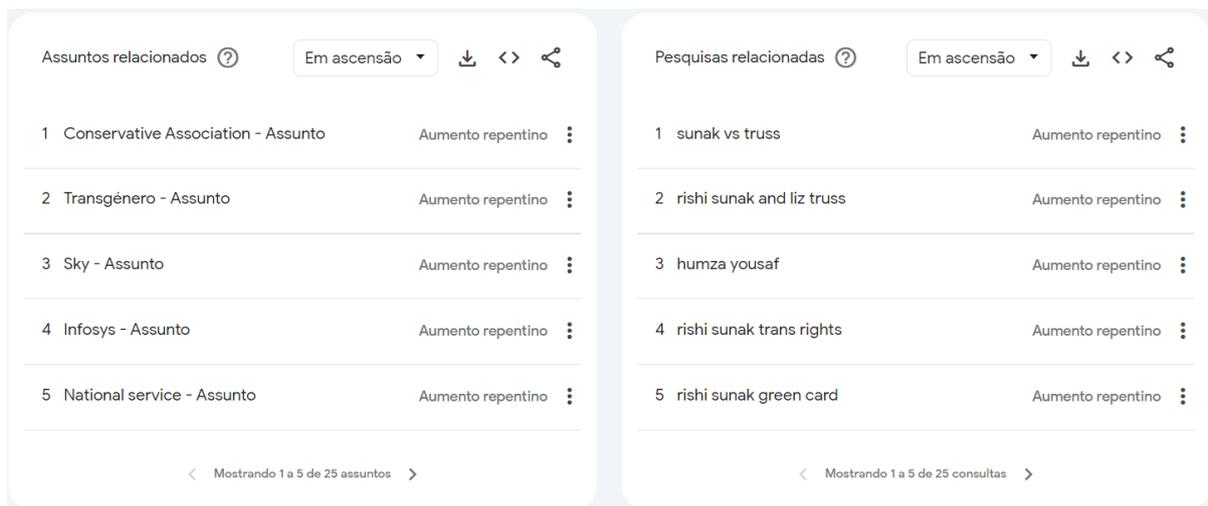


Figura 24 Rishi Sunak, tabela 3

Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Rishi Sunak, no Reino Unido, de 01/01/2022 - 01/07/2024

Nota: captura feita no dia 02 de setembro de 2024

A Sky, em 3º na última tabela, que indica termos sem histórico de buscas associadas, refere-se à fala de Sunak em uma entrevista à ITV sobre a sua criação. Na ocasião, ele disse que cresceu sob os valores de ‘hard work’ de pais que imigraram com ‘very little’, e que com isso a família teve de abdicar de questões desejáveis por uma criança, como ter uma Sky TV (ITV Tonight Programme, 2024). Em um post feito pela emissora<sup>84</sup> promovendo a entrevista, internautas engajaram com críticas às inconsistências na vida de Sunak, principalmente por sua educação em um colégio particular (comentário com 38 mil curtidas); um internauta, inclusive, resgatou um vídeo antigo no qual Sunak diz “I have friends who are aristocrats, I have friends who are upper class, I have friends who are working-class...well, not working class”<sup>85</sup> (comentário com 40 mil curtidas). A validação da percepção de que Rishi não pertencia a esse grupo veio de um perfil que se diz filho de imigrantes, no qual ele escreveu (obtendo 20,6 mil curtidas):

What he should have said, if he truly is from a working class family of immigrants: “It doesn’t matter about what I went without, it’s more important what my parents went without in order to guarantee my success.” He can’t say that cos he was a child of rich immigrants. My parents came here with no meaningful qualifications and started at the bottom. (...) Rishi: if you don’t have a real story, don’t make it up. It’s insulting to everyone who does.

<sup>84</sup> ITV News [@@itvnews]. (2024, junho 11). ‘There’ll be all sorts of things that I would have wanted as a kid that I couldn’t have - famously Sky TV’. [Vídeo com legenda]. [Twitter].

<https://twitter.com/itvnews/status/1800664222575046785>

<sup>85</sup> The Independent. (2022a, Julho 11). *Resurfaced clip captures Rishi Sunak suggesting he doesn’t have “working class” friends* [Video]. [YouTube]. <https://www.youtube.com/watch?v=p9bbBYcwFOk>

A inconsistência de Sunak não é novidade aos britânicos. Outro ponto estruturante para a sua identidade e preocupante ao interesse digital é o relacionamento com o Partido Conservador (em primeiro na última tabela) e Boris Johnson (em quinto lugar na primeira tabela). Na mídia tradicional, as discrepâncias ideológicas, especialmente em sua área de especialidade (finanças), e as concessões aos correligionários feitas por Rishi Sunak eram enquadradas como problemas. Um dos casos expostos foi pela BBC (18º nas principais buscas associadas a Sunak), que por meio de relatórios a que eles tiveram acesso, acusaram o então PM de ter dúvidas significativas sobre o envio de migrantes para Ruanda quando ainda era chanceler do governo de Johnson:

The documents describe a significant difference of view between No 10 and 11 Downing Street on the effectiveness of the proposed scheme saying the chancellor believes the "deterrent won't work". Mr Sunak is also described as being reluctant to fund so-called "Greek-style reception centres", sites where migrants could be housed, rather than being put up in hotels which were said to be costing £3.5m a day at that point, the documents suggest. They say, the "chancellor is refusing to fund any non-detained accommodation, eg Greek-style reception centres, because hotels are cheaper". (...)The papers also reveal that No 10 suggested Mr Sunak should be told to "consider his popularity with the base" if he was reluctant to sign up to changes to the migration system, including the Rwanda plan.<sup>86</sup>

Para a análise de contexto, este fato é importante independente da veracidade das informações promovidas pela BBC. Isso porque o foco da análise se deu na amplificação de percepções como elemento relacional de uma rede. Ao mesmo tempo, identificou-se a volatilidade de sua atuação como empreendedor moral, pela constante necessidade de justificativas sobre sua personalidade e as consequentes falhas no processo de repetição na construção de um *folk devil*.

### **3.4 A volatilidade da identidade de Sunak**

Os questionamentos sobre a identidade de Sunak tornaram-se um ponto de referência para entender a sua colocação como *folk devil*. De um lado, ele se afasta da comunidade de imigrantes, que estava esperançosa em sua representatividade; ao mesmo tempo, é excluído pela comunidade de extrema-direita britânica. Um dos candidatos que disputou a campanha para Primeiro-Ministro com Sunak, Nigel Farage, disse que Rishi demonstrou não entender "our culture" ao deixar as comemorações do Dia D - um evento com líderes internacionais pelo 80º aniversário dos desembarques na Normandia

---

<sup>86</sup> Kuenssberg, B. L. (2024, Janeiro 6). *Rishi Sunak had significant doubt over Rwanda plan, papers suggest*. <https://www.bbc.com/news/uk-politics-67897560>

durante a Segunda Guerra Mundial - mais cedo. Ele disse à BBC que as ações do então PM estavam “disconnected by class [and] by privilege” das pessoas comuns<sup>87</sup> (Morton, 2024a). O descontentamento e críticas pela atitude fizeram Sunak se manifestar no X, tendo 2 mil curtidas; ele abre a publicação reforçando o papel que estes indivíduos tiveram em “protect our values, our freedom and our democracy” e diz que o evento foi ofuscado por ‘politics’. O que mais chamou atenção, porém, com 302 mil curtidas, foi a resposta de um usuário: “You expect our kids to do National Service and yet you couldn't be bothered to hang around for one day to honour the veterans of an actual war”<sup>88</sup>.

Isso porque o político anunciou durante a campanha um plano para um novo Serviço Nacional, no qual jovens de 18 anos participariam de forma compulsória; ele argumentou que “there is no doubt our democratic values are under threat” e que dessa forma o Reino Unido alcançaria “a stronger national culture”. No post, em formato de vídeo legendado, ele ainda afirmou: “Keir Starmer and Labour don't have a clear plan and won't take the bold action to navigate to a more secure future”<sup>89</sup>. Mais uma vez, ele exclui a oposição como um representante capaz de trazer segurança à população, e não somente, pois coloca-os como uma ameaça por si só ao futuro. De acordo com Hier (2016, p.6), os discursos de pânico moral não oferecem oportunidades para gerenciar riscos ao nível individual porque a responsabilidade pela transgressão/dano é alocada a outros irresponsáveis; esses demônios populares específicos, por sua vez, são percebidos como uma ameaça e o dano é individualizado para eles, de forma que o gerenciamento de risco se torna uma atividade coletiva entre cidadãos responsáveis por promover o senso de segurança.

Em 29 de julho de 2024, dias depois da eleição que trouxe um novo líder para o governo, ocorreu um ataque a facadas no noroeste da Inglaterra que matou três meninas e feriu várias outras crianças. Poucas horas depois, um nome falso de um suposto suspeito de 17 anos, requerente de asilo que havia chegado recentemente ao Reino Unido e com pais advindos de Ruanda estava circulando nas redes sociais. Em resposta a essa desinformação, manifestantes violentos confrontaram a polícia do lado de fora de uma mesquita - o primeiro de vários protestos violentos em toda a Inglaterra<sup>90</sup>. No

---

<sup>87</sup> Morton, B. (2024, Julho 18). Keir Starmer pledges £84m to stop illegal migration “at source.” *BBC*. <https://www.bbc.com/news/articles/czvxp9d5lrko>

<sup>88</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, junho 7). The 80th anniversary of D-Day. [Twitter]. <https://x.com/RishiSunak/status/1798969474466623902>

<sup>89</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, maio 26). Opportunity. Community. Security. [Vídeo com legenda]. [Twitter]. <https://twitter.com/RishiSunak/status/1794625683399852530>

<sup>90</sup> Lawless, J. (2024, Agosto 1). Misinformation fuels tension over UK stabbing attack that killed 3 children. *AP News*. <https://apnews.com/article/uk-southport-stabbing-online-misinformation-1dcd23b803401416ac94ae458e5c9c06>

começo de agosto, militantes atearam fogo e invadiram hotéis usados para abrigar requerentes de asilo, no que foi considerado pela mídia tradicional como “the worst social unrest it has seen in years”<sup>91</sup>. A estes meios de comunicação, policiais disseram que tais ações estavam sendo organizadas por grupos de extrema direita, que mobilizavam apoiadores com frases como “enough is enough,” “save our kids” e “stop the boats” - sendo esta última o slogan da campanha de Sunak <sup>92</sup>.

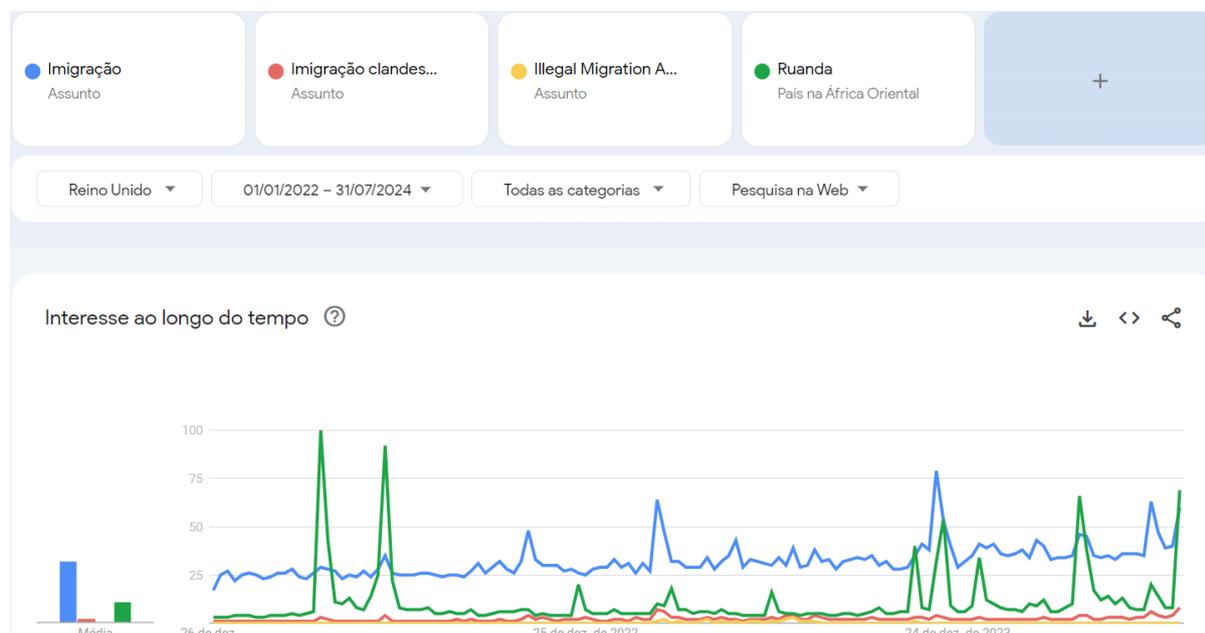


Figura 25 Imigração, Imigração Clandestina, Illegal Migration Act 2023 e Ruanda, até julho/2024

Captura de tela do Google Trends da busca comparativa pelo assunto Imigração, Imigração clandestina, Illegal Migration Act 2023 e Ruanda; no Reino Unido; entre 01/01/2022 a 31/07/2024

Nota: captura feita no dia 02 de setembro de 2024

Já era possível identificar no gráfico anterior o potencial de crescimento dos termos; ao fazer uma busca atualizada, para incluir o mês de julho por completo, notou-se o disparo pelas buscas por Imigração (azul) e Ruanda (verde). A diferença expressiva no padrão de interesse pelo país africano ao fim da série histórica mostra claramente como os internautas validaram a proposta de Sunak, não pela atuação do ex-PM em si, mas pelo nível de preocupação e a necessidade em culpabilizar alguém pelo problema. Essa dinâmica ficou evidente quando o britânico expos no X suas condolências e incredulidade com o caso; as respostas à publicação que tiveram o maior engajamento diziam: “You allowed them in Sunak...”, “This attack is directly on YOU & the Tories', FAILURE to protect our borders over the last 14 years, FAILURE to perform any vetting”, “How many dinghy captains did you let in

<sup>91</sup> Gigova, R., Mendonca, D., Alberti, M., Tanno, S., & CNN. (2024, Agosto 4). Rioters attack hotels used to house asylum seekers amid worst UK disorder in years. CNN. <https://edition.cnn.com/2024/08/04/uk/uk-riots-rotherham-southport-intl/index.html>

<sup>92</sup> Al Jazeera (2024, Agosto 5). Far-right rioters attack asylum seeker hotels in UK's Rotherham, Tamworth. <https://www.aljazeera.com/news/2024/8/4/far-right-rioters-attack-hotel-housing-asylum-seekers-in-uk>

Bro?!” e “Let’s see if this is yet another “on the MI5 watchlist” moment”<sup>93</sup>. A argumentação dos internautas gira em torno de generalizações, vista no uso do termo ‘them’ - que associa o agressor aos demais imigrantes - e na responsabilização aos ‘Tories’ - referindo-se ao Partido Conservador e sua governança ‘nos últimos 14 anos’. De acordo com a teoria, essa discrepância ocorre pois:

Fear of immigrants ‘taking our jobs’ and/or living off the back of ‘our’ hard work, just like our own home-grown ‘benefit cheats’, suggests that it is quite possible for strongly moralized identities to be recreated around nation - and work - based identities, even if the elite/grassroots origins of such constructions of ‘us’ remain contested. (David et al., 2011, p.221)

As ansiedades sociais foram de fato um elemento estruturante para a disseminação da agenda migratória como uma preocupação no Reino Unido, apesar dos posicionamentos de Sunak. Partindo da noção de que o aprendizado é a principal fonte de mudança social, uma vez que o comportamento humano é direcionado pela troca de ideias, entendeu-se que Sunak não conduziu da forma necessária para amplificar esse relacionamento em um pânico moral. Isso não quer dizer que as condições não sejam propícias para que outro líder tente comandar essa demanda, especialmente com base nos últimos eventos retratados. Segundo Pentland e a *social physics* (2014, p.15, 20, 21), isso ocorre devido a dois fatores: *idea flow*, que se refere à propagação de comportamentos e crenças entre redes sociais e pode ser dividido entre exploração (encontrar novas ideias/ estratégias) e engajamento (fazer com que as pessoas coordenam seu comportamento); e o *social learning*, que trata como novas ideias se tornam hábitos e como o aprendizado pode ser acelerado e moldado por pressão social (alavanca de negociação).

To understand our world we must extend familiar economic and political ideas to include the effects of these millions of people learning from each other and influencing each other’s opinions. We must stop thinking of people as independent decision makers, and realize that dynamic social effects are equally important at shaping our ideas and are the driving force behind economic bubbles, political revolutions, and the Internet economy (Pentland, 2014, p. 3).

Esta contribuição é relevante para esta análise pela aplicação prática, por se tratar de como as ideias trocadas, estimuladas pelos líderes de opinião, se tornam comportamentos concretos. Isso porque a maioria das crenças e hábitos públicos são aprendidos observando as atitudes, ações e resultados dos pares. O processo de *social learning* implica que, caso haja muita interação entre alguém

---

<sup>93</sup> Rishi Sunak [@rishisunak]. (2024, julho 29). Shocked by the horrendous attack in Southport. [Twitter]. <https://twitter.com/RishiSunak/status/1817992901957189679>

demonstrando o comportamento (*role model*) e uma pessoa nova, e se essa for suscetível, então é provável que essa nova ideia crie raízes e mude o comportamento do outro. Para tanto, ela dependerá: se o modelo de comportamento não é muito distante de sua realidade atual; de um alto nível de confiança com o comunicador; da consistência entre a nova ideia e os comportamentos já aprendidos (Pentland, 2014, p. 34). Algo que Sunak foi incapaz de desenvolver no período analisado, visto as dúvidas frequentes sobre a sua identidade, especialmente a qual grupo ele pertencia; a carência de um elemento relacional dificultou a formação de laços em uma rede, como evidenciado pelos próprios internautas em seus comentários. Assim, mesmo em um cenário favorável à certas propostas do PM, elas eram desconsideradas pela falta de confiança em seu padrão comportamental.

Uma teoria secundária capaz de explicar esse relacionamento foi a ideia de Herança, proposta por Stuart Hall (1999, p.16-17). Ela serviria como um indicador de identidade de grupo, na qual os indivíduos entendem o seu lugar em relação aos outros por meio de uma visão comum de narrativas fundamentais e valorações coletivas do passado (Ashley & Stone, 2023, p.5).

The Heritage inevitably reflects the governing assumptions of its time and context. It is always inflected by the power and authority of those who have colonised the past, whose versions of history matter. These assumptions and coordinates of power are inhabited as natural – given, timeless, true and inevitable. (...) This is therefore an appropriate moment to ask, then, who is the Heritage for? In the British case the answer is clear. It is intended for those who ‘belong’ – a society which is imagined as, in broad terms, culturally homogeneous and unified. (...) There were always different ways of being ‘English’. It was always fissured along class, gender and regional lines. What came to be known, misleadingly, as ‘the British way of life’ is really another name for a particular settlement of structured social inequalities.

Segundo o autor, o impacto das comunidades de imigrantes - como a família de Sunak - na diversificação da sociedade e da cultura do Reino Unido foi ‘imediato e significativo’, de forma que seria apropriada a sua representação cultural além da marcação como uma minoria de ‘outros’, principalmente pelas diferenças em questões de etnia, religião e "raça". Dessa forma, apesar das recusas de Rishi para pertencer e enquadrar-se como britânico, por direito de nascimento, pelo grau de alteridade em sua identidade dificilmente suas políticas se qualificariam como viáveis à ‘maioria’, que continua a reproduzir práticas de uma Herança incoerente à composição social contemporânea do país (p.20).

#### 4. Percepções finais

Segundo Hier (2016), o objetivo central dos estudos convencionais de pânico moral é “to show how people in positions of power construct packages of claims that amplify deviance in a manner that is disproportionate to actual threats”. Segundo ele, por meio dessa lente, os pânicos morais seriam entendidos como “conservative social reactions that obstruct the ability of vulnerable groups to equally participate in social life” (p.4). Porém, a tese entende que nos últimos anos os pânico morais aumentaram a sua diversidade, podendo ser a favor ou contra a manutenção do *status quo*, provenientes da coordenação popular como de manipulações da elite, de forma que ambos trazem mudanças normativas e institucionais significativas (David, Rohloff, Petley & Hughes, 2011, p.217). Isso é especialmente verdadeiro quando feito por líderes políticos; em um cenário enquadrado por crises constantes, o uso do pânico moral tende a ser um mecanismo usado por eles para transitarem os problemas, ao culpabilizar um outro ator pela desordem no sistema e lutar pela preservação de valores morais ameaçados.

Como o próprio Hier mencionou sobre Jenkins (2009), há um viés ideológico de esquerda que prevalece entre cientistas sociais e que leva à conceituação de pânicos morais como reações sociais regressivamente conservadoras, que apenas propagam e reforçam divisões e desigualdades sociais existentes (p.2). Pensando nessas considerações, a tese aplicou uma metodologia na qual considera o interesse digital da sociedade como um fator estruturante à narrativa do pânico moral, por meio da reprodução de símbolos e significados específicos ao conjunto moral de um empreendedor, e que sem este fator não haveria a fluidez necessária para amplificar os gatilhos.

Outro ponto observado foi que o algoritmo das redes sociais contribuiu para uma comunicação mais direcionada e urgente sobre as ameaças aos princípios defendidos por um perfil. Um estilo narrativo característico deste meio de comunicação, marcado por uma fluidez e intensidade distinta, na qual o empreendedor moral tem um espaço somente seu para empreender. Em um período de crise, no qual um grupo reforça a sua identidade em confrontos ritualísticos, a tendência é que esses líderes utilizem tal contexto para promover uma mudança e restaurar a ordem (Cohen, 2002, p.219). Por mais que isso não cause o pânico moral diretamente, ao aplicar a teoria SNA, percebe-se como as ‘estruturas’ criadas pelos padrões de interações intensificam constrangimentos às ações individuais e estimulam oportunidades de coordenação em um ecossistema de atores interdependentes (Wasserman & Faust, 1994, p.5-7). Com isso, a hipótese levantada pela tese (‘o algoritmo das redes sociais - Instagram e X - e do Google contribuem para o pânico moral’) é verdadeira, desde que os atores envolvidos, isto é, os

empreendedores morais, tenham capacidade e desejo para explorar as características desta plataforma a seu favor.

A partir do contexto apresentado e a fim de produzir uma análise de conteúdo objetiva e sistemática, delimitou-se três temáticas centrais ao discurso moral de Bolsonaro e Sunak que foram utilizadas na tabela abaixo como unidades de codificação. Na coluna Pânico, por sua vez, há expressões de tempo e intensidade utilizadas em associação aos temas e que foram extraídas das falas previamente reportadas. O objetivo deste processo foi centralizar, a partir do tratamento das mensagens manipuladas, o que foi inferido sobre o emissor da mensagem e o seu meio (Bardin, 1977, p.34-39).

Pânico	Moral		
'É preciso estar atento'	<b>Antipetismo</b>	<b>Conservadorismo</b>	<b>Militarismo</b>
'A partir de hoje, mais do que nunca'  'Não voltemos nunca mais'	<u>Contra o socialismo</u> 'libertar do socialismo' 'ditaduras socialistas' 'flagelados pelo socialismo' 'Revolução' de 1964 'os que apoiam e louvam ditaduras socialistas'	<u>Contra a 'inversão de valores'</u> 'somos a favor da família (...) Somos contra (...) o controle da mídia e internet, a ideologia de gênero e o aborto'	<u>Patriotismo</u> 'Brasil acima de tudo' Verde e Amarelo contra o 'globalismo da esquerda' 'Minha cor é o Brasil'
	<u>Contra o comunismo</u> 'os que amam vermelho passarão a usar verde e a amarelo'	<u>Religiosidade</u> 'Deus acima de todos' 'contra as ciladas do Diabo' 'contra os dominadores deste mundo de trevas' 'Pela graça de Deus'	<u>Legítima defesa</u> 'arminha' com a mão 'somos a favor (...) do direito à legítima defesa'

<b>Pânico</b>	<b>Moral</b>		
<p>‘We must never let’</p> <p>‘X hours to stop the Labour supermajority’</p> <p>‘there’s no going back’</p> <p>‘going to get hammered’</p> <p>‘Don’t do something you might regret’</p> <p>‘intolerable strain’</p>	<b>Contra imigração ilegal</b>	<b>Conservadorismo</b>	<b>Economia</b>
	<u>Culpa dos Barqueiros</u> ‘criminal gangs exploiting the vulnerable’ ‘Stop the Boats Bill’ ‘propelled by people smugglers, the situation is both immoral and unsustainable’	<u>Patriotismo</u> ‘We must never let those who seek to undermine and destroy our way of life to succeed’ ‘I reject those who insidiously question our history and our identity’ ‘civic pride and national cohesion’	<u>Contra taxaço</u> ‘Keir Starmer won’t back farmers’ ‘Labour would (...) tax working families by £2094’ ‘If Labour get into power, your finances are going to get hammered’ ‘Labour would increase taxes on every part of your life, including your death’
	<u>Culpa do Labour (oposição)</u> ‘Illegal migrants are waiting for Labour’	<u>Religiosidade</u> ‘It gives me strength, it gives me purpose. It’s part of who I am’	<u>Patrimônio familiar</u> ‘Sky TV’ ‘I have friends who are aristocrats, I have friends who are upper class, I have friends who are working-class. Well, not working class’
<u>Filho de imigrantes</u> ‘Migration will always benefit the UK’ ‘But my parents came here legally’	<u>Serviço militar</u> National Service ‘there is no doubt our democratic values are under threat’ ‘a stronger national culture’	<u>Custo Plano Ruanda</u> ‘Illegal migration destroys lives and costs British taxpayers millions of pounds a year. We need to end it and we will do whatever it takes to do so’ ‘(...) it will literally save us billions in the long run’ ‘It costs us billions of pounds and costs innocent lives’	

O exemplo de Sunak exemplificou como uma narrativa de pânico sem um conjunto moral estrutura não gera episódios de pânico moral, mesmo em uma sociedade ansiosa por mudanças extremas. À exemplo de suas falas listadas acima, nota-se a aplicação de diversos elementos de pânico sem um

pacote moral coerente, visto na discrepância de ações na agenda militar e, até mesmo, no quesito econômico. Isso fez com que Sunak não tivesse uma rede durável de relacionamentos e se isolasse pela diversidade excessiva de grupos a se envolver, especialmente por terem agendas de interesse conflitantes. Este é um ponto relevante para a teoria pois se afasta do preconceito de que ‘pânico moral’ implica loucura ou distanciamento factual; pelo contrário, eventos categorizados como tal, como visto no caso brasileiro, apresentam uma alta complexidade em sua construção, com necessidade por coerência, constância e frequência de seus empreendedores no relacionamento com sua rede - até o ponto no qual a rede seja capaz de disseminar o conjunto moral por si só.

Bolsonaro adotou essa estratégia logo cedo em sua gestão, quando direcionava a seus seguidores em uma espécie de ‘bumerangue digital’ comportamentos aceitos e esperados de seus correligionários políticos; dessa forma, quando um deles não seguia seus conceitos, ele era reprimido pela base. Esse foi o caso de sua ex-aliada e líder do governo no Congresso Nacional Joice Hasselmann; a então deputada federal deixou o cargo depois de romper com o então presidente Jair Bolsonaro, com o qual passou a trocar ataques publicamente. Como consequência, ela perdeu 1 milhão de votos em 2022, deixando de se reeleger<sup>94</sup>. Isso foi possível, pois o ex-presidente criou uma rede (que contava com a capacidade de engajamento dos filhos, blogueiros, artistas e influencers) capaz de amplificar sua influência.

No Brasil, líderes de opinião como estes da rede de Bolsonaro são particularmente importantes para os usuários; 41% disseram seguir influenciadores ou outros especialistas, o terceiro maior volume no mundo, atrás somente das Filipinas (43,9%) e da Nigéria (43,5%) (DataReportal, We Are Social & Meltwater, 2024, p.258). Na Inglaterra, por outro lado, apenas 19,8% seguem essas personalidades, reforçando a baixa confiabilidade social em ‘representações’ de poder e sua indisposição em alinhar-se a elas. Nesse sentido, a estratégia do brasileiro em identificar os atores influentes nas redes sociais digitais contribuiu para entender a estrutura hierárquica e fazer um melhor controle da disseminação de informações, visto que em torno destes nós há um conjunto de links que compartilham normas, valores e entendimentos. Isso porque, tais atores tornam-se um *hub* para a difusão de comportamentos e narrativas, ainda mais quando se obtém o ‘patrocínio’ de personalidades políticas, no qual o ‘capital social’ atribuído a elas facilita a coordenação social por já terem desenvolvido características de organização, como redes, normas e confiança social (Putnam, 1995, p.2).

---

<sup>94</sup> UOL. (2022, Outubro 3). *Joice Hasselmann perde 1 milhão de votos em 2022 e não se reelege deputada*. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/03/joice-hasselmann-perde-1-milhao-de-votos-em-2022-e-nao-se-reelege-deputada.htm>

Ao interpretar os dois casos, concluiu-se que Sunak foi associado majoritariamente ao problema, por tratar da agenda de forma pontual e sem impulsionar com sucesso a culpa para o “outro”, um dos motivos pelo qual os eventos no Reino Unido podem não ter culminado em um pânico moral. Além disso, ao tentar preservar sua influência junto ao partido, ele adota uma abordagem suave de distanciamento das gestões de seus correligionários conservadoras, incapaz de romper com a associação social a desordem deixada por eles – inclusive no projeto de imigração ilegal. Enquanto no Brasil, ficou evidente a disrupção trazida por Bolsonaro e sua estratégia constante em retomar a ordem moral ameaçada por Lula e seus correligionários. Mesmo sendo um representante da política nacional há anos, ele soube direcionar à estrutura as limitações em sua atuação por mudanças. Ele utilizou o contexto de crise que o país passava em diversos setores, após anos da esquerda ideológica no poder, para generalizar a culpa e consolidar sua identidade como um reflexo de sua oposição. Não por menos, ao pesquisar pelo atual presidente do Brasil (Lula), destacam-se as associações ao capitão reformado. Isso porque “the idea of ‘us’ does not have the same strength if there is no ‘them’” e a vitória do “outro” é um ataque a “nós”; sentimento compartilhado por bolsonaristas radicais que invadiram prédios oficiais do governo depois de Lula ser eleito por sentir estar em risco o seu estilo de vida e crenças (Frederiksen & Knudsen, 2021, p.13). Neste sentido, a hipótese ‘Folk Devils que assumem o poder político criam uma rede mais suscetível ao pânico moral’ ancora-se em muitas variáveis, sendo facilmente interpretada como falsa. Mas sob circunstâncias específicas, mostra-se verdadeira; como entre aqueles líderes políticos que apresentam o desejo e habilidade em associar os problemas no sistema ao grupo que estava no poder anteriormente, de forma que sua identidade como *outsider* o isenta da culpa por eventuais decepções - pela complexidade em retomar a ordem depois de um governo ao nível do anterior - e o aproxima da sociedade por ter sofrido como um de seus membros.



Figura 26 Lula

*Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Lula (Luís Inácio Lula da Silva), no Brasil, nos últimos 5 anos*

*Nota: captura feita no dia 26 de julho de 2024*

## **Desafios e continuidade**

Para a continuidade desta análise, mostrou-se importante entender que as redes sociais digitais também são um reflexo das elites sociais e dos conglomerados empresariais que as constroem e controlam. As plataformas (no caso escolhido Instagram e X) são interfaces de conceitos e das realidades vivenciadas de acordo com esses grupos dominantes, que projetam suas normas em seus algoritmos. Como visto no funcionamento do antigo Twitter após a compra por Elon Musk, que além de mudar de nome e logo alterou: o feed dos usuários para priorizar o conteúdo sugerido pela própria rede social, ao invés de expor por relacionamento; o sistema de verificação de perfis; e passou a cobrar pelo uso de APIs (Interface de Programação de Aplicação), dificultando a acessibilidade e análise de dados sobre o uso da plataforma<sup>959697</sup>. Este tende a ser um dos pontos mais frágeis e de maior impacto aos estudos de redes sociais online, por ser uma mudança estrutural sem precedentes sobre a forma mais adequada à complexidade interconectada da sociedade; tomada por iniciativa de um único indivíduo poderoso; que afetou o sistema como um todo, mas disponibilizou funcionalidades exclusivas para aqueles com recurso financeiro. Dessa forma, padrões de comportamento que antes eram analisados em rede, pela possibilidade de acompanhar o fluxo de informações e interligar temáticas, deixam de ser acessíveis e o que eram ruídos e preocupações passam a ser perceptíveis quando já estão próximos do status de pânico moral.

Além disso, nos últimos anos a infraestrutura de TIC se fortaleceu como uma agenda política ideológica para muitos representantes políticos, que passaram a defender restrições de funcionamento e a responsabilização das ferramentas pelo conteúdo de seus usuários. No Brasil, um dos países escolhidos para a tese, este cenário não é incomum e resultou em uma relação conflituosa entre o governo com o setor – tornando-se um risco para a continuidade da análise. Um exemplo foi o que ocorreu com o Telegram, que após não ter cumprido, segundo as autoridades brasileiras, pedidos judiciais sobre identificação de usuários em grupos neonazistas na plataforma, disparou

---

<sup>95</sup> Turbiani, R. (2023, Janeiro 12). 'Twitter muda interface e prioriza feed com tuítes recomendados'. *Época Negócios*. <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2023/01/twitter-muda-interface-e-define-feed-de-conteudo-recomendado-como-padrao.ghtml>

<sup>96</sup> Oliveira, I. (2024, Abril 4). *Elon Musk cede benefícios Blue no X/Twitter e famosos recuperam selo azul*. Giz Brasil. <https://gizmodo.uol.com.br/elon-musk-cede-beneficios-blue-no-x-twitter-e-famosos-recuperam-selo-azul/>

<sup>97</sup> Santa Rosa, G. (2023, Maio 3). *Twitter recua e libera API gratuitamente para serviços públicos*. *Tecnoblog*. <https://tecnoblog.net/noticias/twitter-recua-e-libera-api-gratuitamente-para-servicos-publicos/>

mensagens automáticas a seus usuários contra o PL das Fake News. No texto, ele disseram que o Projeto de Lei para barrar o compartilhamento de desinformação “irá acabar com a liberdade de expressão” e que “matará a Internet moderna se for aprovado com a redação atual”<sup>98</sup>.

Outro caso recente envolve Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Ele pediu a suspensão de perfis de usuários no X investigados nos inquéritos das milícias digitais e aos ataques de 8 de janeiro. O CEO da ferramenta se recusou a seguir o requerimento e ameaçou reativar contas bloqueadas antes mesmo de ter comprado a empresa. Em resposta, o ministro determinou a abertura de um inquérito contra Musk, que já constava entre os investigados no inquérito das milícias digitais - com foco em aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro. Moraes emitiu um mandado de intimação oficializando a suspensão da rede social digital até que a empresa cumpra as ordens judiciais emitidas, como a indicação de um representante legal no país, e o consequente pagamento das multas acumuladas<sup>99</sup>. Com isso, uma das principais redes sociais digitais utilizadas pela tese para entender o comportamento dos internautas no país ficou comprometida. Apesar do contexto atípico, a situação mostra a importância dessas plataformas em criar uma audiência e o impacto que sua ausência causa, com a migração e dispersão de públicos.

Outro desafio à metodologia escolhida foi o período de análise. A tese se beneficiou ao fazer uma abordagem retroativa, isto é, de eventos que ocorreram e já estão disponíveis análises acadêmicas, cobertura midiática completa e puderam ser contabilizados na série histórica no Google Trends. Dessa forma, diminui a dependência na visão exclusiva do empreendedor moral e colhe-se dados factuais sobre o padrão de comportamento estimulado para transitar a crise apresentada por eles – tendo em vista previamente se o empreendimento foi um sucesso ou não. Ao mesmo tempo, mostrou-se necessário estender o prazo inicial considerado, para incluir manifestações sobre as temáticas selecionadas – especialmente no Reino Unido com a imigração ilegal. O alto grau de insatisfação popular foi capaz de mobilizar ações coordenadas contra locais de acolhimento de imigrantes no país, radicalizando o debate sobre as políticas de fronteira e responsabilizando Sunak (o ator escolhido pela tese) mesmo após a sua saída do poder. A tendência observada de preocupação é generalizada e os desafios de segurança associados aos fluxos de refugiados se estendem para além do Reino Unido. De

---

<sup>98</sup> Tortella, T. (2023, Maio 9). Telegram dispara mensagem contra o PL das Fake News. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/telegram-dispara-mensagem-contra-o-pl-das-fake-news/>

<sup>99</sup> Scaff, A. (2024, Agosto 30). X (ex-Twitter) não foi banido do Brasil. Entenda a decisão de Alexandre de Moraes. *Valor Econômico*. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2024/08/30/x-nao-foi-banido-do-brasil-entenda-a-decisao-de-alexandre-de-moraes.ghtml>

acordo com uma pesquisa realizada pela Ipsos, 71% dos europeus concordam que o fortalecimento dos controles de fronteira para combater a migração irregular deve ser o foco principal da União Europeia (UE) nos próximos anos; 59% dos entrevistados ainda dizem que “a UE deve tornar a luta contra a migração irregular uma prioridade, tornando-a o quarto tópico mais importante na agenda, depois do aumento dos preços, desigualdades sociais e crescimento econômico, e à frente do desemprego, mudanças climáticas, defesa coletiva e assistência à Ucrânia”<sup>100</sup>. Cenário este que contribui para a amplificação do pânico moral sobre uma ameaça cada vez mais ‘concreta’, sendo um ponto de atenção para novos estudos.

Apesar de certas limitações, a metodologia desenvolvida, que examina a estrutura e os padrões de interações nas redes digitais, como Instagram e X (antigo Twitter), é uma importante ferramenta para compreender como essas plataformas contribuem para a disseminação e amplificação de discursos de pânico moral. Essa abordagem é fundamental, pois permite mapear as dinâmicas de influência e poder dentro das redes, destacando o papel dos algoritmos na priorização de certos discursos e na criação de percepções polarizadas. A análise do uso dessas plataformas por líderes políticos, portanto, não só revela como eles constroem narrativas de ameaça, mas também oferece insights sobre como o ambiente digital pode ser instrumentalizado para manipular o debate público e intensificar divisões sociais. Isso torna a pesquisa essencial para compreender os desafios contemporâneos na comunicação política e seus impactos sobre a democracia.

---

<sup>100</sup> Liboreiro, J. (2024, Março 27). Half of Europeans disapprove of EU migration policy and demand stronger border controls, poll shows. *Euronews*. <https://www.euronews.com/my-europe/2024/03/26/half-of-europeans-disapprove-of-eu-migration-policy-and-demand-stronger-border-controls-po>

## 5. Referências

Adut, A. (2004). *Scandal as norm entrepreneurship strategy: Corruption and the French investigating magistrates*. *Theory and Society*, 33(5), 529–578. doi:10.1023/b:ryso.0000045718.42431.7d

AFP. (2018, Outubro 4). Redes sociais sustentam a ascensão de Bolsonaro. *UOL*.  
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2018/10/04/redes-sociais-sustentam-a-ascensao-de-bolsonaro.htm>

Al Jazeera (2024, Agosto 5). *Far-right rioters attack asylum seeker hotels in UK's Rotherham, Tamworth*. <https://www.aljazeera.com/news/2024/8/4/far-right-rioters-attack-hotel-housing-asylum-seekers-in-uk>

Agger, B. (1992). *Cultural Studies as Critical Theory*. Routledge. 1-19.

Ashley, S. L. T., & Stone, D. (2023). Introduction: On Stuart Hall and the imagining of heritage. In S. L. T. Ashley, & D. Stone (Eds.), *Whose Heritage?: Challenging Race and Identity in Stuart Hall's Post-Nation Britain* (pp. 1-10). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.4324/9781003092735-1>

Becker, H. (1963). *The Outsiders*. New York: Free Press.

Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage.

Beck, U. (2002). The Terrorist Threat: World Risk Society Revisited. *Theory, Culture & Society*, 19(4), 39-55. <https://doi.org/10.1177/0263276402019004003>

Beck, U. (2008). World at Risk: The New Task of Critical Theory. *Development and Society*, 37(1), 1–21. <http://www.jstor.org/stable/deveandsoci.37.1.1>

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa edições, 70, 225.

Barreto, E. (2014, Abril 25). Bolsonaro apresenta proposta ao PP para concorrer à Presidência da República. *O Globo*.  
<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-apresenta-proposta-ao-pp-para-concorrer-presidencia-da-republica-12298428>

BBC News. (2023, Novembro 14). *Suella Braverman letter: The ex-home secretary's full letter to Rishi Sunak*. <https://www.bbc.com/news/uk-politics-67416146>

Belisário, A., Rodrigues, L. & Gehrke, M. (2020). Descobrimo tendências com o Google Trends. Escola de Dados. <https://escoladedados.org/tutoriais/descobrimo-tendencias-com-o-google-trends/#:~:text=Enquanto%20os%20termos%20de%20pesquisa,dizem%20respeito%20ao%20mesmo%20assunto>

Borgatti, S. P., Mehra, A., Brass, D. J., & Labianca, G. (2009). Network analysis in the social sciences. *Science (New York, N.Y.)*, 323(5916), 892–895. <https://doi.org/10.1126/science.1165821>

Boghossian, B., Fabrini, F., & Teixeira, M. (2020, Maio 27). *Decisão do Supremo cita “gabinete do ódio” do Planalto e indica possível associação criminosa*. Folha De S.Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/decisao-de-moraes-para-operacao-contrafake-news-cita-gabinete-do-odio-e-assessores-de-bolsonaro.shtml>

Buswell, G. (2024, Julho 9). Government and politics in the UK. *Expatica*. <https://www.expatica.com/uk/living/gov-law-admin/british-government-103179/>

Capdevila, R., & Callaghan, J. E. M. (2007). ‘It’s not racist. it’s common sense’. *A critical analysis of political discourse around asylum and immigration in the UK*. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 18(1), 1–16. <https://doi.org/10.1002/casp.904>

Cioccari, D., & Persichetti, S. (2019). A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente. *Lumina*, 13(3), 135–151. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2019.v13.28571>

Cavalcanti, L. (2018, Outubro 28). Bolsonaro fez das redes sociais o caminho certo para uma provável vitória. *Correio Braziliense*. [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/28/interna\\_politica,715584/bolsonaro-fez-das-redes-sociais-o-caminho-certo-para-uma-provavel-vito.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/28/interna_politica,715584/bolsonaro-fez-das-redes-sociais-o-caminho-certo-para-uma-provavel-vito.shtml)

Cohen, S. (2002). *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and the Rockers*. Oxford: Basil Blackwell.

Crossman, A. (18 de Dezembro de 2020). A Sociological Understanding of Moral Panic. <https://www.thoughtco.com/moral-panic-3026420>

Cullen, F. T., & Wilcox, P. (2010). Lemert, Edwin M.: primary and secondary deviance. In *Encyclopedia of Criminological Theory* (Vol. 2, pp. 551-552). SAGE Publications, Inc., <https://doi.org/10.4135/9781412959193>

DataReportal, We Are Social & Meltwater. (2024). *Digital 2024 Global Overview Report*. <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>

de Toledo, J R. (2016, Dezembro 22). Conservador na medida. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/politica/jose-roberto-de-toledo/conservador-na-medida/>

David, M., Rohloff, A., Petley, J., & Hughes, J. (2011). The idea of moral panic – ten dimensions of dispute. *Crime, Media, Culture*, 7(3), 215-228. <https://doi.org/10.1177/1741659011417601>

Durland, M. M., & Fredericks, K. A. (2005). An introduction to social network analysis. *New Directions for Evaluation*, 2005(107), 5–13. <https://doi.org/10.1002/ev.157>

Drislane, R., & Parkinson, G. (2002). Moral panic. Online dictionary of the social sciences. Open University of Canada. <http://bitbucket.icaap.org/dict.nl>

Edelman Trust Institute. (2024). Edelman Trust Barometer: Global Report. [https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2024-02/2024%20Edelman%20Trust%20Barometer%20Global%20Report\\_FINAL.pdf](https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2024-02/2024%20Edelman%20Trust%20Barometer%20Global%20Report_FINAL.pdf)

Edelman UK. (2024). Edelman Trust Barometer UK Report. [https://www.edelman.co.uk/sites/g/files/aatuss301/files/2024-01/2024%20Edelman%20Trust%20Barometer\\_UK%20Report\\_1.pdf](https://www.edelman.co.uk/sites/g/files/aatuss301/files/2024-01/2024%20Edelman%20Trust%20Barometer_UK%20Report_1.pdf)

Estadão Conteúdo. (2024, Março 20). Bolsonaro é indiciado pela PF por ordenar fraude em cartão de vacina. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/03/20/bolsonaro-e-indiciado-pela-pf-por-ordenar-fraude-em-cartao-de-vacina.htm>

Estrella, C. (2024, Janeiro 12). *Guia Completo: O Que é Google Trends e Como Usá-lo nas suas Estratégias de Marketing*. Hostinger Tutoriais. [https://www.hostinger.com.br/tutoriais/google-trends#Assuntos\\_Relacionados\\_e\\_Pesquisas\\_Relacionadas](https://www.hostinger.com.br/tutoriais/google-trends#Assuntos_Relacionados_e_Pesquisas_Relacionadas)

Falcão, M. (2024, Julho 4). Bolsonaro é alvo de outros inquéritos e pedidos de investigação no Supremo Tribunal Federal; veja lista. *G1*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/07/04/bolsonaro-e-alvo-de-outros-inqueritos-e-pedidos-de-investigacao-no-supremo-tribunal-federal-veja-lista.ghtml>

Ferreira, Z. (2024, Agosto 14). O que é inquérito das fake news, com relatoria de Moraes e mira em bolsonaristas. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/politica/entenda-o-que-e-inquerito-fake-news-bolsonaristas-alexandre-de-moraes-nprp/>

Flores-Yeffal, N. Y., & Sparger, K. (2022). The Shifting Morals of Moral Entrepreneurs. *Social Media + Society*, 8(2). <https://doi.org/10.1177/20563051221095444>

Fragile States Index. (2024). *Country Dashboard: United Kingdom*. <https://fragilestatesindex.org/country-data/>

Foa, R. S., Klassen, A., Slade, M., Rand, A., & Collins, R. (2020). *Global Satisfaction with Democracy 2020*. Centre for the Future of Democracy. [https://www.cam.ac.uk/system/files/report2020\\_003.pdf](https://www.cam.ac.uk/system/files/report2020_003.pdf)

Falkof, N. (2018). On Moral Panic: Some Directions for Further Development. *Critical Sociology*, 46(2), 225-239. <https://doi.org/10.1177/0896920518803698>

Frederiksen, M. D., & Knudsen, I. H. (Eds.). (2021). *Modern Folk Devils: Contemporary Constructions of Evil*. Helsinki University Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctv26qjj4v>

- G1. (2018, Julho 9). *Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora*. <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>
- G1. (2019, Janeiro 23). *Juan Guaidó se declara presidente interino da Venezuela e é reconhecido por Brasil e EUA*. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/23/juan-guaido-presta-juramento-como-presidente-interino-da-venezuela.ghtml>
- G1, Gomes, P. H., Borges, B., Oliveira, P., & TV Globo. (2021, Novembro 30). *Após dois anos sem partido, Bolsonaro se filia ao PL, nona legenda da carreira política*. G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/30/apos-dois-anos-sem-partido-bolsonaro-se-filia-ao-pl-nona-legenda-da-carreira-politica.ghtml>
- G1. (2023, Janeiro 8). *Vídeo mostra invasores bolsonaristas depredando e invadindo prédio do STF*. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/video-mostra-invasores-bolsonaristas-depredando-e-invadindo-predio-do-stf.ghtml>
- G1 DF & TV Globo. (2023, Janeiro 9). *Bolsonaristas são retirados de acampamento no QG do Exército e levados à PF, em Brasília*. G1. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/09/movimentacao-qg-exercito-acampamento-bolsonaristas-brasilia.ghtml>
- G1. (2023, Julho 1). 52% acham que o Brasil corre risco de virar comunista; 42% discordam, diz Datafolha. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/01/datafolha-comunismo-ditadura.ghtml>
- Garland, D. (2008). On the concept of moral panic. *Crime, Media, Culture*, 4(1), 9-30. <https://doi.org/10.1177/1741659007087270>
- Goode, E., & Ben-Yehuda, N. (1994). Moral Panics: Culture, Politics, and Social Construction. *Annual Review of Sociology*, 20, 149–171. <http://www.jstor.org/stable/2083363>
- Gov.Uk. (2024, Abril 25). Safety of Rwanda (Asylum and Immigration) Bill: factsheet. Home Office. <https://www.gov.uk/government/publications/the-safety-of-rwanda-asylum-and-immigration-bill-factsheets/safety-of-rwanda-asylum-and-immigration-bill-factsheet-accessible>

Gigova, R., Mendonca, D., Alberti, M., Tanno, S., & CNN. (2024, Agosto 4). Rioters attack hotels used to house asylum seekers amid worst UK disorder in years. CNN.

<https://edition.cnn.com/2024/08/04/uk/uk-riots-rotherham-southport-intl/index.html>

Gomes, P. H. (2021, Novembro 24). Enem: Bolsonaro diz que queria questão sobre regime militar para 'começar a história do zero'. *G1*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/24/enem-bolsonaro-diz-que-queria-questao-sobre-regime-militar-para-comecar-a-historia-do-zero.ghtml>

Garrett, R. S. (2006). Concepts, Crises and Campaigns: How Political Professionals Define Electoral Crisis. *Journal of Political Marketing*, 5(1–2), 127–148. [https://doi.org/10.1300/J199v05n01\\_07](https://doi.org/10.1300/J199v05n01_07)

Hall, S. & Jefferson, T. (1975). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. Psychology Press.

Hall, S., Hobson, D., Lowe, A., & Willis, P. (Eds.). (1980). *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies, 1972-79* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203381182>

Hall, S. (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications.

Hall, S. (1999). Un-settling 'the heritage', re-imagining the post-nation. Whose heritage? *Third Text*, 13(49), 3–13. <https://doi.org/10.1080/09528829908576818>

Hervik, P. (2018). Afterword. *Conflict and Society*, 4(1), 85–93. doi:10.3167/arcs.2018.040107

Hier, S. P. (2015). The Cultural Politics of Contemporary Moral Panic Studies: Reflections on a Changing Research Agenda. *Sociologický Časopis / Czech Sociological Review*, 51(3), 362–372. <http://www.jstor.org/stable/24642797>

Hier, S. P. (2018). Moral panics and digital-media logic: Notes on a changing research agenda. *Crime, Media, Culture: An International Journal*, 174165901878018. doi:10.1177/1741659018780183

Horton, J. (1979). Stuart Hall, et al.: "Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order" [Review of *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order*, by S. Hall, C. Critcher, T.

Jefferson, J. Clarke, & B. Roberts]. *Crime and Social Justice*, 12, 59–63.

<http://www.jstor.org/stable/29766074>

Hermida, A., & Mellado, C. (2020). Dimensions of Social Media Logics: Mapping Forms of Journalistic Norms and Practices on Twitter and Instagram. *Digital Journalism*, 8(7), 864–884.

<https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1805779>

Hirabahasi, G., Porto, D., & Pinheiro, M. T. (2022, Abril 22). Bolsonaro decreta perdão da pena a Daniel Silveira, condenado pelo STF. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-assina-decreto-que-da-indulto-a-daniel-silveira-condenado-pelo-stf/>

Hymas, C. (2024, Junho 3). Rishi Sunak vows to introduce annual cap on migration. *The Telegraph*. <https://www.telegraph.co.uk/politics/2024/06/03/rishi-sunak-vows-to-introduce-annual-cap-on-migration/>

Hymas, C. (2022, Agosto 3). People with ‘extreme hatred of Britain’ could be deradicalised under Prevent scheme. *The Telegraph*. <https://www.telegraph.co.uk/politics/2022/08/02/people-extreme-hatred-britain-could-deradicalised-prevent-scheme/>

Ipsos & British Future. (2024, Fevereiro 17-28). *Attitudes towards immigration*.

<https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2024-03/immigration-tracker-2024-charts.pdf>

Ingraham, C. & Reeves, J. (2016). New media, new panics. *Critical Studies in Media Communication*, 33(5), 455–467. <https://doi.org/10.1080/15295036.2016.1227863>

ITV Tonight Programme. (2024, Junho 12). Rishi Sunak says he went without “lots of things” including Sky TV as a child – video. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/politics/video/2024/jun/12/rishi-sunak-says-he-went-without-lots-of-things-including-sky-tv-as-a-child-video>

Jornal Nacional. (2018, Agosto 28). *Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional*. G1. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>

Kuenssberg, B. L. (2024, Janeiro 6). *Rishi Sunak had significant doubt over Rwanda plan, papers suggest*. <https://www.bbc.com/news/uk-politics-67897560>

Labigalini, P. (2022, Novembro 2). Ministra chama migração no Reino Unido de “invasão” e abre 1ª crise do governo Sunak. *Folha De S.Paulo*.  
<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/11/ministra-chama-migracao-no-reino-unido-de-invasao-e-abre-1a-crise-do-governo-sunak.shtml#erramos>

Lawless, J. (2024, Agosto 1). Misinformation fuels tension over UK stabbing attack that killed 3 children. *AP News*. <https://apnews.com/article/uk-southport-stabbing-online-misinformation-1dcd23b803401416ac94ae458e5c9c06>

Lemert, E. M. (1967). Human deviance, social problems, and social control. 40-64. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall

Lopes, A. J. (2022, Janeiro 14). Relembra declarações de Bolsonaro sobre a vacinação. *Poder360*.  
<https://www.poder360.com.br/poder-governo/governo/relembra-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>

Liboreiro, J. (2024, Março 27). Half of Europeans disapprove of EU migration policy and demand stronger border controls, poll shows. *Euronews*. <https://www.euronews.com/my-europe/2024/03/26/half-of-europeans-disapprove-of-eu-migration-policy-and-demand-stronger-border-controls-po>

Machado, C. (2004). Pânico Moral: Para uma Revisão do Conceito. *Interações: Sociedade E As Novas Modernidades*, 4(7).

Mannion, R., & Small, N. (2019). On Folk Devils, Moral Panics and New Wave Public Health. *International journal of health policy and management*, 8(12), 678–683.  
<https://doi.org/10.15171/ijhpm.2019.78>

McRobbie, A., & Thornton, S. L. (1995). Rethinking “Moral Panic” for Multi-Mediated Social Worlds. *The British Journal of Sociology*, 46(4), 559–574. <https://doi.org/10.2307/591571>

Margaret Thatcher Foundation. (1978, Janeiro 27). *TV Interview for Granada World in Action* (“rather swamped”). <https://www.margaretthatcher.org/document/103485>

Macaskill, A. (2023, Setembro 26). UK Home Secretary warns uncontrolled migration poses “existential challenge.” *Reuters*. <https://www.reuters.com/world/uk-home-secretary-call-changes-un-refugee-rules-2023-09-26/>

McGee, L. (2024, Maio 24). Why UK Prime Minister Rishi Sunak called an election he’s expected to lose. *CNN*. <https://edition.cnn.com/2024/05/24/uk/prime-minister-rishi-sunak-election-intl/index.html>

McKay, J. (2008). The passage of the 1962 Commonwealth Immigrants Act, a Case-Study of Backbench Power. *Observatoire De La Société Britannique*, 6, 89–108. <https://doi.org/10.4000/osb.433>

Messenberg, D. (2017). A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade E Estado*, 32(3), 621–648. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>

Mergulhão, A. & Castro, C. (2021, Março 31). Oito vezes em que Bolsonaro defendeu o golpe de 64. *O Globo - Época*. <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/oito-vezes-em-que-bolsonaro-defendeu-golpe-de-64-24949762>

Migration Observatory. (2024, Julho 2). *UK election 2024: immigration policy tracker*. <https://migrationobservatory.ox.ac.uk/resources/commentaries/uk-election-2024-immigration-policy-tracker/>

Murakawa, F. & Di Cunto, R. (2018, Junho 28). Temer bate recorde e seu governo é o pior avaliado na história. *Valor Econômico*. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/06/28/temer-bate-recorde-e-seu-governo-e-o-pior-avaliado-na-historia.ghtml>

Murakawa, F. & Araújo, C. (2019, Abril 4). Véléz nega golpe e diz que livros vão mudar. *Valor*. <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/04/04/velez-nega-golpe-e-diz-que-livros-vaomudar.ghtml>

Morton, B. (2024, Julho 18). Keir Starmer pledges £84m to stop illegal migration “at source.” *BBC*. <https://www.bbc.com/news/articles/czvxp9d5lrko>

Morton, B. (2024a, Junho 9). Nigel Farage defends claim Sunak “doesn’t understand our culture.” *BBC*. <https://www.bbc.com/news/articles/cx005vdgg5yo>

Neves, R. (2024, Julho 11). O que é o “gabinete do ódio” e quais são as investigações da PF sobre ele. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/07/11/gabinete-do-odio-relembrehistorico-investigacoes-pf.htm>

Norris, P. (2021). Cancel Culture: Myth or Reality? *Political Studies*, 71(1), 145-174. <https://doi.org/10.1177/003232172111037023>

O’Carroll, L. (2023, Outubro 5). Giorgia Meloni turns to Rishi Sunak to take battle against migration beyond EU. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2023/oct/04/giorgia-meloni-turns-to-rishi-sunak-to-take-battle-against-migration-beyond-eu>

Oliveira, I. (2024, Abril 4). *Elon Musk cede benefícios Blue no X/Twitter e famosos recuperam selo azul*. *Giz Brasil*. <https://gizmodo.uol.com.br/elon-musk-cede-beneficios-blue-no-x-twitter-e-famosos-recuperam-selo-azul/>

Oxford Languages. (2016). Word of the Year 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>

Petró, G. (2023, Junho 30). Relembra a reunião de Bolsonaro com embaixadores que o tornou inelegível. *G1* <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/06/30/relembra-a-reuniao-de-bolsonaro-com-embaixadores-que-o-tornou-inelegivel.ghtml>

Perry, B. L., Pescosolido, B. A., & Borgatti, S. P. (2018). *Egocentric Network Analysis: Foundations, Methods, and Models*. Cambridge: Cambridge University Press.

Pozen, D. E. (2008). We Are All Entrepreneurs Now. *Wake Forest Law Review*, Vol. 43, pp. 283-340.

Poder 360. (2022, Agosto 16). *Quem ama vermelho passará a usar verde e amarelo, diz Bolsonaro*. <https://www.poder360.com.br/poder-eleicoes/eleicoes/quem-ama-vermelho-passara-a-usar-verde-e-amarelo-diz-bolsonaro/>

Prazeres, L. (2018, Setembro 7). PSOL confirma que suspeito de esfaquear Bolsonaro foi filiado ao partido. *UOL Eleições 2018*. <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/06/psol-confirma-que-suspeito-de-esfaquear-bolsonaro-foi-filiado-ao-partido.htm>

Putnam, R. D. (1995). 'Bowling Alone: America's Declining Social Capital'. *Journal of Democracy*, January 1995, pp. 65-78. <https://www.tesd.net/cms/lib/PA01001259/Centricity/Domain/1114/BowlingAlone.pdf>

Quintino, L. (2022, Novembro 3). Atos bolsonaristas bloqueiam estradas em 7 estados pelo país. *VEJA*. <https://veja.abril.com.br/economia/atos-bolsonaristas-bloqueiam-estradas-em-17-estados>

Reviglio, U., & Agosti, C. (2020). Thinking Outside the Black-Box: The Case for "Algorithmic Sovereignty" in Social Media. *Social Media + Society*, 6(2). <https://doi.org/10.1177/2056305120915613>

Rosa, V., & Monteiro, T. (2019, Setembro 20). 'Gabinete do ódio' está por trás da divisão da família Bolsonaro. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/politica/gabinete-do-odio-esta-por-tras-da-divisao-da-familia-bolsonaro/>

Roy, D. (2022, Setembro 19). Brazil's Global Ambitions. *Council on Foreign Relations*. <https://www.cfr.org/background/brazils-global-ambitions>

Sabbagh, D. (2024, Julho 6). 'A difficult hand played poorly': how No 10 slipped from Sunak's grasp. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/politics/ng-interactive/2024/jul/06/how-no-10-slipped-from-rishi-sunak-grasp-general-election-result>

Santos, R. M., Cioccarri, D., & de Moraes, T. P. B. (2020). O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social. *Mediapolis - Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*. [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_10\\_5](https://doi.org/10.14195/2183-6019_10_5)

Santa Rosa, G. (2023, Maio 3). Twitter recua e libera API gratuitamente para serviços públicos. *Tecnoblog*. <https://tecnoblog.net/noticias/twitter-recua-e-libera-api-gratuitamente-para-servicos-publicos/>

Scaff, A. (2024, Agosto 30). X (ex-Twitter) não foi banido do Brasil. Entenda a decisão de Alexandre de Moraes. *Valor Econômico*. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2024/08/30/x-nao-foi-banido-do-brasil-entenda-a-decisao-de-alexandre-de-moraes.ghtml>

Seddon, B. P. (2024, Maio 28). Sunaks' wealth rises to £651m in latest Sunday Times Rich List. *BBC*. <https://www.bbc.com/news/uk-politics-69027955>

Swinford, S. (2022, Julho 22). Rishi Sunak: 'Business as usual won't cut it. I'll put government on crisis footing.' *The Times*. <https://www.thetimes.com/uk/politics/article/rishi-sunak-business-as-usual-wont-cut-it-ill-put-government-on-crisis-footing-bnr0qb09f>

Similarweb. (2024, Maio 1). *Top Websites Ranking: Most Visited Websites In The World*. <https://www.similarweb.com/top-websites/>

Stone, J. (2024, Maio 28). Europe is watching UK's election battle over deporting migrants to Rwanda. *POLITICO*. <https://www.politico.eu/article/uk-election-rishi-sunak-rwanda-asylum-policy-migration/>

Souza, C. (2023, Dezembro 26). Lula se encontrou com 13 ditadores ao longo de 2023. *Gazeta Do Povo*. <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/lula-se-encontrou-com-13-ditadores-ao-longo-de-2023/>

Syal, R., Stacey, K., & Ambrose, T. (2024, Abril 23). UK passes bill to send asylum seekers to Rwanda. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/uk-news/2024/apr/22/rwanda-deportations-bill-passes-parliament-sunak>

Sturge, G. (2024, Março 1). Asylum statistics. House of Commons Library.

<https://researchbriefings.files.parliament.uk/documents/SN01403/SN01403.pdf>

Tortella, T. (2023, Maio 9). Telegram dispara mensagem contra o PL das Fake News. *CNN Brasil*.

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/telegram-dispara-mensagem-contra-o-pl-das-fake-news/>

Tony Blair Institute for Global Change. (2018). Populists in Power Around the World.

<https://www.institute.global/insights/geopolitics-and-security/populists-power-around-world>

Thompson, K. (1998). *Moral Panics* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203980903>

Tribunal Superior Eleitoral. (2023, Julho 7). Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>

Tupina, M., & Rosa, P. F. (2023, Outubro 31). Do Exército à inelegibilidade: veja trajetória pessoal e política de Jair Bolsonaro. *Folha De S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/veja-trajetoria-pessoal-e-politica-de-jair-bolsonaro.shtml>

Turbiani, R. (2023, Janeiro 12). ‘Twitter muda interface e prioriza feed com tuítes recomendados’. *Época Negócios*. <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2023/01/twitter-muda-interface-e-define-feed-de-conteudo-recomendado-como-padrao.ghtml>

The Independent. (2022, Outubro 31). *Suella Braverman calls “broken” immigration system an “invasion on south coast”* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=hG-E8GwWjYc>

UOL. (2022, Outubro 3). *Joice Hasselmann perde 1 milhão de votos em 2022 e não se reelege deputada*. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/03/joice-hasselmann-perde-1-milhao-de-votos-em-2022-e-nao-se-reelege-deputada.htm>

Veja. (2019, Agosto 8). Bolsonaro afirma que torturador Brilhante Ustra é um “herói nacional” *VEJA*. <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional>

Vargas, M. (2020, Janeiro 3). Bolsonaro diz que livros didáticos têm 'muita coisa escrita'. *Estado Conteúdo*. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/01/03/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita.htm>

Valentini, D., Lorusso, A. M., & Stephan, A. (2020). Onlife Extremism: Dynamic Integration of Digital and Physical Spaces in Radicalization. *Frontiers in psychology*, 11, 524.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00524>

van Dijk, J. A., & Hacker, K. L. (2018). Network properties and democracy. in *Internet and Democracy in the Network Society*. 13-44. Routledge.

Van Dijck, José & Poell, Thomas. (2013). Understanding Social Media Logic. *Media and Communication*. 1. 2-14. 10.12924/mac2013.01010002

Veiga, E. (2022, Outubro 7). Como "Deus, Pátria e Família" entrou na política do Brasil. DW.  
<https://www.dw.com/pt-br/como-deus-p%C3%A1tria-e-fam%C3%ADlia-entrou-na-pol%C3%ADtica-do-brasil/a-63371501>

Walsh, J. P., & Hill, D. (2023). Social media, migration and the platformization of moral panic: Evidence from Canada. *Convergence*, 29(3), 690-712. <https://doi.org/10.1177/13548565221137002>

Wallis, W. & Raval, A. (2022, Outubro 28). 'We have come a long way': 'Twice migrant' Asians celebrate Sunak's arrival as UK prime minister. *Financial Times*.  
<https://www.ft.com/content/789d0390-99a2-45ec-a567-dc998e170fd8>

Walsh, J. P. (2020). Social media and moral panics: Assessing the effects of technological change on societal reaction. *International Journal of Cultural Studies*, 23(6), 840–859.  
<https://doi.org/10.1177/1367877920912257>

Yang, S., Keller, F., & Zheng, L. (2017). Basics of social network analysis. In *Social network analysis: Methods and examples*. SAGE Publications, 2–25. <https://doi.org/10.4135/9781071802847>

Young, J. (2011). Moral panics and the transgressive other. *Crime, Media, Culture: An International Journal*, 7(3), 245–258. <https://doi.org/10.1177/1741659011417604>



## 6. Anexos

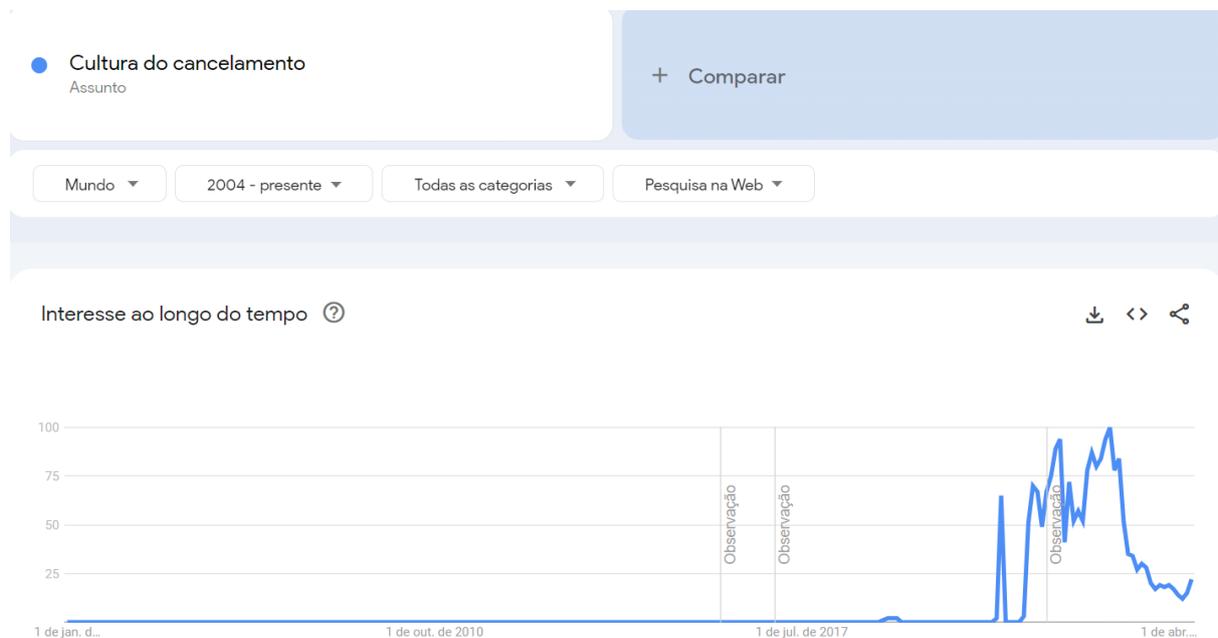
### Anexo 1



*Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Pânico; no Mundo; entre 2004-presente*

*Nota: captura feita no dia 24 de setembro de 2024.*

### Anexo 2



*Captura de tela do Google Trends da busca pelo assunto Cultura do Cancelamento; no Mundo; entre 2004-presente*

*Nota: captura feita no dia 24 de setembro de 2024.*

